



SAL 9022.6



Harvard College Library

BOUGHT WITH INCOME

FROM THE BEQUEST OF

THOMAS WREN WARD

LATE TREASURER OF HARVARD COLLEGE

The sum of \$5000 was received in 1858,
"the income to be annually expended
for the purchase of books."

Poetas Brasileiros

CONTEMPORANEOS





MELLO MORAES FILHO

H
A
6

①
①
MELLO MORAES FILHO

Poetas Brasileiros

CONTEMPORANEOS

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA DO OUVIDOR, 71 | 6, RUE DES SAINTS-PÈRES
RIO DE JANEIRO | PARIS

1903

~~Post 8024.1~~

SAL 9022.6



Ward fund

PREFACIO

Depois do grande movimento litterario do reinado de Elisabeth, movimento que a historia marcou por um traço de luz, nenhum outro se deu no mundo que possa ser comparado ao movimento romantico.

Presentido, entretanto, em varios paizes da Europa, foi na Allemanha e na Inglaterra onde primeiro se accentuára com intuitos differentes, porém, com igual exuberancia e floração.

Distincto do retardatario romantico francez por sua indole e suas aspirações, o romantismo allemão representou, em seu primeiro momento, não só a reacção contra o jugo estreito da fórmula, porém ainda a volta ás tradições mais crystalinas do passado, justificando-se com os exemplos legados da idade média, cuja critica

não ia além do devaneiar dos poetas, e do acolhimento meigo dos nobres senhores e das formosíssimas castellãs.

Passando, porém, dos cantares das épocas cavalleirescas, deixando de evocar as sombras solemnes dos seculos, que tão distantes ficaram, os poetas da nova escola, sem de todo abandonar os velhos idéaes, ardendo em patriotismo, estendem a mão aos eruditos, que os guiam em suas concepções arroubadas. E d'ahi á consciante exumação de dynastias fabulosas, de cantos populares, de reis, cujo poderio humilhava o presente de gloriosos fastos que fizessem despertar á Allemanha cataleptica do aviltamento em que jazia amortalhada, como um repasto ás impassiveis aguias das exterminadoras tropas de Napoleão.

Aos acontecimentos politicos de 1813, entretanto, á agitação nacional que se antecipava á victoria, o romantismo em alarma associa-se decisivo, resgatando do radioso sudario das tradições mortas Frederico o *Barba-Róxa*, e Rodolpho Habsburgo, cujas figuras historicas se antepunham colossaes á onda marulhosa do dominio estrangeiro.

E as vigalias dos ledores de traçados textos, e a philosophia de Hoegel e de Shelling, fazendo interromper o lyrismo dos sonhadores

e os contos de Musæus, crepusculados do despertar das lendas, desvendam na Grecia antiga os idéaes supremos da arte, seduzindo a natural evolução aos mais alevantados espiritos da renascente época.

Nas avançadas do alviçareiro commettimento em favor do tradicionalismo patrio destaca-se o imponente vulto de Goethe na sua primeira phase (*Goetz de Berlichingen*); e mais tarde, como objecto da escola romantica, não a Grecia de Pericles, porém tudo quanto a sciencia, a natureza e os sentimentos humanos lhe pudessem proporcionar.

Muitos são os generos de poesia explorados pelos talentos novos, desde os poemas de segunda ordem até o lyrismo mais doce e apaixonado, em que a musa allemã, vaporosa e indecisa, crente e scismadora, dissipava-se em composições geniaes ou mediocres, para altear-se em 1813 ao enthusiasmo patriotico, ao sacrificio dos martyres.

Como symbolo desse periodo de insurreição contra as devastações napoleonicas, como perfil verdadeiramente glorioso da lugubre téla de hecatombes inuteis, isola-se pela grandeza, no travar das lutas e nas trégoas dos combates, Theodoro Kœrner, o poeta-soldado, cujos cantos alentados de patriotismo bellico levantam

phalanges para a guerra, alvoroçam a mocidade para a defesa nacional.

Directamente influenciado pelas idéas de liberdade, aprendidas nos *Salteadores* e no *D. Carlos*, de Schiller, o joven adjudante d'ordens de Lutzow, o inspirado cantor d'*A Lyra e a espada* diffunde o enthusiasmo em seus cantos de guerra, preludia acontecimentos e consagra valorosos feitos.

Mas a morte surpreende-o nas fadigas, atirando aos quatro ventos do céo o *Canto da Espada*, um dos mais bellos pedaços de sua alma á patria allemã nas antevesperas da libertação e da victoria.

Humilhados os estandartes de Bonaparte, vencida a batalha de Leipzig, a nascente escola prosegue em sua marcha evolutiva, ao tom das correntes philosophicas hœgellianas, e da critica transcendente de Schlegel.

Precursores admiraveis de genios poeticos, isolados promontorios ás cabeceiras do seculo, interpretes de estranhas harmonias, quando a Europa, como que entorpecida, estacára ao eclipse de inteiras nacionalidades, os dous bardos, o inglez William Cooper, e o escossez Burns, preludiam alvoradas de outros sóes, cantando o que a natureza ostenta de mais surpreendente, a vida campeзина de mais sin-

gelo, o lar da familia de mais affectuoso e eu-
charistico.

Nada de contrafeito, nada de convencional,
nada de fixo, para essas indoles amoldaveis
ao turbilhão de impressões, metrica systema-
tica, rythmos que não servissem para lhes fazer
sobresahir a inspiração e o sentimento.

Os grilhões da fórma eram por demais pe-
sados, e o flagello das guerras e das revoluções
abalava, como um terremoto, o sólo europeu,
rubro de sangue e achamalotado de exercitos.

Com a quéda da Bastilha, em 1789, o que de
escolhido havia na mentalidade ingleza seguiu
diversa rota, tornou-se solidario com as novas
idéas.

Esquecendo por instantes velhos rancores, a
poderosa Inglaterra sentiu-se dominada pelo
remontado pensamento de liberdade, e já no
parlamento, ja nos comicios populares, a luta
se travou contra o despotismo dos fortes, contra
a alliança defensiva das potencias autoritarias,
que acariciavam altivas o condemnado prin-
cipio de supplantar para sempre a consciencia
popular.

O povo inglez especialmente, não possuindo
todas as liberdades politicas que, durante mais
de um seculo, combatia para conquistar, aco-

lheu a reacção de Pariz e os seus mais notaveis representantes nas duas camaras a apoiam, com a convicção aferida pela sinceridade, com as resoluções que, uma vez tomadas, fôra tarefa inutil o amordaçal-as e vencel-as.

A litteratura de então, com muita propriedade denominada — escola classica —, cingia-se na sua maior parte a cantos e contos de factos historicos de tempos immemoriaes, tendo todavia como condição, *sine qua non*, o apuro do vernaculismo, mesmo em suas fórmãs as mais extravagantes, tal qual o concebera Gôngora, e que atravessou tres seculos impune-mente, fazendo as delicias dos salões francezes e hespanhóes e repercutindo, se bem que palidamente, nas arcadias lusitanas e nos cenculos da universidade de Bolonha.

Na joven Allemanha fez-se desde logo um principio de reacção contra essa escola, sendo um dos seus maiores adversarios o poeta Wiel-land. Más, como a litteratura de além Rheno, então incipiente, pouco ou quasi nada influiu fóra dos limites do seu territorio, esse protesto dos novos obreiros da escola que havia de surgir dentro em pouco, ficou como que soterrado.

Devia sahir de França protesto mais forte, feito com mais convicção e coragem contra o

classicismo estiolador e infecundo. Coube esta gloria ao maior poeta do seculo dezenove, Victor Hugo, que no prefacio ao seu drama *Cromwell*, se insurgiu desassombradamente contra os preconceitos da litteratura de salão, da arte de encommenda, executada por cortezões sem espirito, sem talento.

E' facil de imaginar-se o escandalo que produziu semelhante bomba de dynamite no lago manso da aristocracia franceza, que se comprazia na doce torpitude de uma litteratistica barata, sem outros trabalhos intellectuaes de imaginação e saber, que o do conhecimento da lingua e da historia antiga, tantas vezes repisada em insupportaveis *in-folios*, num estylo arrevezado e excessivamente narcotico.

A reacção foi poderosa, ingente, mas o numero de proselytos que se alistaram á nova escola foi tão grande, que os classicistas não tiveram remedio senão capitular. Pode-se dizer, sem receio algum, que o romantismo foi a escola que mais serviços prestou á litteratura dos povos occidentaes, tal a assombrosa producção de obras que surgiram então. Constitue uma verdadeira avalanche a nomenclatura dos poetas da phase romantica. De 1830 para cá, foi tal a productividade de trabalhos litterarios, que impossivel se torna, mesmo na propria

França, a indicação completa dos nomes de seus auctores.

Como era de prever, ecoou por todo o Occidente o alarido produzido pela fanfarra do prefacio de *Cromwell*.

Introduzido na Inglaterra por Tennyson, na Italia por Fioretti, na Hespanha por Zorrilla e Campoamor e em Portugal por Almeida Garrett; o romantismo transplantou-se para as tres Americas pelo orgãos de Edgar Poë e Longfellow, nos Estados-Unidos; Juan de Dios Pesa e Manuel Flores, no Mexico; Andrés Bello, no Chile; Eduardo Calcaño, em Venezuela; Guido Spano, na Argentina; e mais expressivamente e com um valor accentuadamente indigena, Domingos de Magalhães e Gonçalves Dias, no Brasil.

Dizer o que foi o periodo romantico n'este pedaço da America portugueza, é fazer o historico completo da nossa vida litteraria. Foi esse o periodo aureo de nossas lettras, aquelle que mais accentuou e definiu a nossa caracteristica intellectual. Certamente não é este o lugar proprio para estudo tão captivante, quão escabroso e complexo. Pois, si grande parte dos nossos poetas ainda reflectem a physionomia dessa escola que encheu quasi todo o seculo desenove!

Logo após o romantismo, depois de haver elle dado tudo que poderia dar, preoccuparam os *hommes de lettres* de Pariz o requinte da fórma, a uns, a vulgarização scientifica, a outros. D'ahi o *parnasianismo*, fundado por Theophilo Gautier, e o scientificismo, creado por M^{me} Ackermann. Infelizmente estas escolas não conseguiram medrar no solo litterario da França, pois, em menos de um decennio, se estiolaram completamente.

Em fins do seculo passado surgiu na França uma revolta ao romantismo e ao naturalismo — que nunca passou de um romantismo as avés-sas, como bem lhe chamou Sully-Proudhomme — capitaneada por artistas e escriptores do bairro latino, com uma esthetica diffusa, um estylo um tanto complicado e rebarbativo e a que denominaram de *Litteratura fim de seculo*.

A primeira impressão foi de ridiculo, de troça nas ródas dos intellectuaes de Pariz. Depois, com o apparecimento de obras reveladoras de merecimento real, começou-se a olhar para ella com mais attenção. Foi então que se dividiu a citada escola em outras tantas, conforme a concepção esthetica de seus auctores. D'ahi a denominação de *decadista*, *symbolista*, *tolstoíta*, *wagnerista*, *nephelibata*, etc.; todos

elles, porém, tendo por fito exclusivo a expressão das cousas e das emoções, por symbolos, fórmãs vagas, aereas, vaporosas, pouco perceptíveis.

Esta escola angariou entre nós alguns proseytytos, se bem que em quantidade minima. Todavia, é ella incluída nesta collectanea como um movimento de sympathya, uma repercussão do pensamento europeu entre os brasileiros.

No numero dos que denominamos *ultimos romanticos*, se acham poetas que, tendo recebido o influxo da escola romantica, entretanto d'ella se separam por uma formã particular e mais nova de poeta.

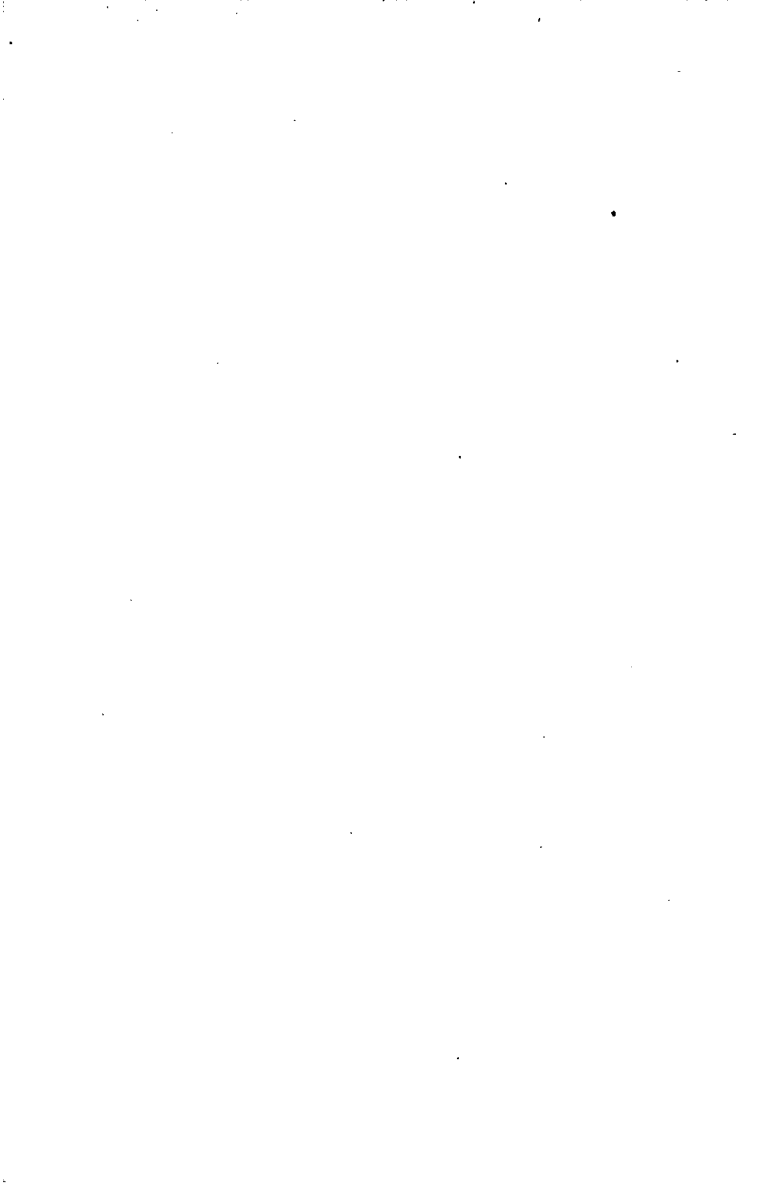
À *poesia scientifica* entre nós não passou de tentativa, que aos proprios introductores desanimou. E' assim que Martins Junior abandonou-a de vez, para se alistar no regimento dos parnasianos; e Sylvio Roméro dirigiu a sua poderosa mentalidade para outros assumptos de historia patria, em todas as suas manifestações, litteraria e juridica.

Aqui vão representados alguns poetas brasileiros filiados ás diversas escolas : — *Ultimos romanticos, scientistas, parnasianos, symbolistas* e os de *transição*, que são aquelles que, embora sympathicos ao *parnasianismo* e ao

symbolismo, todavia não se decidiram definitivamente por um delles. Os representantes das escolas classica e romantica ja foram por nós contemplados no *Parnaso Brasileiro*, de que este livro vem a ser uma continuação, um appendice.

MELLO MORAES FILHO.

Junho, 1902.



Poetas contemporaneos

JOSÉ BONIFACIO

Suprema visio

(AO CENTENARIO DE CAMÕES)

Quando os degraus da luz o vulto immenso
Galgou, trepando as regiões ethereas,
Que sublimes visões, na excelsa entrada,
 O sol por diadema,
 Estrellas aos milhões
 Por divina emblema,
Surgiram, arrastando áquellas portas
Do mundo inteiro as gerações já mortas!!!

Era um sequito innumero a turba aérea
De reis, de generaes, de magistrados,
De povos mil em vagalhões revolta,
 Dando aos clarins da gloria
 Na hosanna sonora
 Os mil echos da historia ;
E sobre aquelle oceano — a immensidade
Da poesia a heroica magestade !

— Eu sou Homero ; o berço disputaram-me
As cidades da Grecia e hoje o tenho
No horisonte sem fim ; escrevo agora
 A Odyssea da luz ;
 A Illiada dos seculos
 Pendurei-a na cruz ;
Canto a familia do homem sem nação
E a patria, do universo a vastidão.

A grande patria grega em suas origens,
Seus deuses, tribus, mythos, dynastias,
Religião, governo, artes, costumes

Na Illiada narrei ;

Fiz a biblia do povo,

Fui o oráculo da lei !

A Grecia é Homero, a obra era immortal,
E simples na grandeza o ideal !

Depois da patria entusiasta e puro
Decantei a familia... oh Grecia, oh Grecia ;
Quem melhor descreveu a fé sem quebra

A firmeza na dôr ?

Sim, foi a Odysséa

O symbolo do amor !

Mostrei do genio grego o coração,
— Ainda no lar a varonil nação !

Fui eu, não foram, não, os seus guerreiros,
Que invisivel venci junto as Thermopilas,
Em Marathona, em Salamina, e sempre,

Inda mais que poeta,

Eu fui da minha raça

Abençoado propheta !

Dentre as ruinas minha voz augmenta,
Echo das gerações inda rebenta !

— Eu sou Virgilio — o cysne mantuano ;
Grande reformador — tentei no verso
Erguer da morta Roma a Roma viva ;

E nesta humanidade,

Idéa e tradição,

Velhice e mocidade,

Tudo ante mim na morte hoje se inclina,
A Encida é o mundo — Roma é a grey latina !

Eis o Messias da cidade eterna,
...bo annunciei ; meu evangelho
...s a fugida, a queda de Ilion,

As colonias troianas
 No Latium abrigando-se
 Sob as tendas romanas,

De Lavinia o consorcio, o amor em Dido,
 E ao cabo em sonho o povo redimido !

Fui a alma de um cyclo litterario ;
 Destino, tradição, character, gloria
 Da republica — Roma, e Roma — Imperio

Symbolisei cantando :
 Em torno a mim gravita
 Um magestoso bando,

Lucrecio, Ovidio, Horacio e quasi inteira
 Da poesia a hoste alviçareira !

A Eneida é um evangelho, a christandade
 Ouviu a minha voz ; foi a sybilla
 Que predisse o reinado messianico :

Lactancio o attesta,
 Minha epopéa é um hymno
 Da grandiosa festa !

Vivo ainda nos braços dessa cruz,
 Onde o clarão poisou de minha luz !

Cresci no tempo ; o seculo de Priamo
 Já não era o de Augusto, nem a crença
 Do divino Platão era a de Homero ;

A Roma suzerana,
 Altiva mãe dos Cesares,
 Era a escrava Romana !

Apostolo novo de uma fé sagrada,
 Meu canto foi um hymno de alvorada !

— Vês o esplendor da Musa de Florença
 No indomito soldado ; a fronte rasga-me
 O fundo sulco de meu genio immenso :

Cumpri a minha sina,
 Escrevi na viagem
 A *Comedia Divina*,

A escada de Jacob Satan me deu,
 Fui das trevas á luz, do *Inferno ao Céu* !

Em circulos de gelo e fogo e trevas,
 Entre lagos de sangue e mar de lodo
 Encandeei o mal, preendi o vicio.

Do portico maldicto,
 Na *dôr sem esperança*
 Descobri o infinito!

Tive nas sombras um escravo audaz :
 Eu era o Dante, e elle o Satanaz !

Cercam-me e torvelinham réos confessos
 Da comedia infernal, chamada vida ;
 Trocaram-se os papeis, o rico é pobre,

O grande pygmeu,
 O throno — estrado,
 A virtude — trophéo,

Abraça-me, o castigo principia,
 Fugiu a noite e já rompeu o dia !

— Eis o Tasso — o poeta da fé viva,
 Traz da cruz o estandarte, e canta amigo
 Os vinte reis e os seus fieis cruzados !

Na harpa de Solima
 Os hymnos de Syão,
 Na voz que vem de cima,

No monte Palatino escuta ainda
 E cresce a voz... e cresce... e nunca finda !

Oh ! lá revoam meus celestes carmes...
 Lá no monte sagrado ; inda os orvalhos
 Das lagrimas do Christo em jardim santo

Acordam na calada
 Da noite silenciosa
 Minha lyra encantada ;

Da igreja inda no escuro santuario
 Vê minha sombra o monge solitario.

Cantor da fé — louvei altos prodigios,
 E meu amor, á noite sem aurora,
 Tibre ao Adige e do Arno aos Alpes,

Escuridão sem luz,
Carreguei tristemente,
Como pesada cruz.

Tinha n'alma os braços que Deus ungia,
E ella o coração sem fidalguia !

Como tu padeci ; na agreste senda
Penei, soffri, cantei desalentado
Pela sombria estrada do destino !

Idéa e sentimento,
Minha alma e coração,
Astros do firmamento,

Hoje no empyrio esplendido fanal,
Illuminam-te a entrada triumphal !

— Eu sou Milton, contempla um triste cego ;
Trouxe do mundo a luz á eternidade,
Meu *Paraiso* achei, perdi o *Inferno*,

Onde vil se debate

A serpente do mal,

E rosna e sempre late

O cerbéro voraz... tens outro ninho!

Eu vou cobrir de flores teu caminho !

Fez-se a nevoa clarão, alvor a treva ;
Meus olhos são dois sóes ; aos pés recalco
O archanjo rebelde ; infinda a gloria,

Alevantou-me o throno ;

Dos páramos ethereos

Milton é quasi o dono !

Olha, sagram-te rei, cantam-te os feitos,
As almas fallam-te, benzem-te os eleitos !

.
.
.
.
.
.

.
.

Depois, mudez profunda... o dia eterno
Despontou sobre nuvens chammejantes ;
Havia um mar de luz... ouviu-se ao longe
 A voz misteriosa ;
 Um como som brandinho
 De viração ditosa :
Eis a immortalidade, o imperio é meu,
E' Luiz de Camões — abri-lhe o céu — !

O corneta da morte

Toca, toca, avança, avança !
 São horas de combater ;
 São horas, ninguém descança,
 Ninguém... vencer ou morrer !
 Por toda a parte a peleja,
 Feia, convulsa, doudeja,
 Sinistro o clarão reluz !
 Mais se enovela a batalha,
 Mais turvelinha, e se espalha !
 Toca a corneta, Jesus !

Que terríveis estampidos ? !
 Estronda a fuzilaria :
 Ouvem-se ao longe os bramidos
 Que vomita a artilheria ;
 Jesus, depressa a corneta !
 Tu és da morte a vedeta,
 E dás o grande signal !
 Em torno dessa bandeira
 Tiras a luz da poeira,
 Fazes do toque um phanal.

Cresce o fumo, augmenta, augmenta,
 Tolda-se tudo no ar ;
 Retine o gladio e a tormenta
 Do fogo e fumo a estrondar !
 Corneta da minha terra,
 Chammeja o facho da guerra,
 Rebentam jorroz de luz...
 Altivo berra o canhão...
 Zune a bala, é sangue o chão.
 Toca a investida, Jesus !

Nascido humilde, — no seio
Arde-te acceso um vulcão,
Filho do povo — no aneio
Que popular coração ! ?
Como pulsa bronzeo e invicto
Na muralha de granito,
Que a mão de Deus fabricou !
Jesus — accende-se a lucta,
Presas a morte disputa,
Jesus, teu braço voou !

Pouco importa — avante, avante !
Creoulo d'alma viril ;
Pygmeu, fazes-te gigante,
Tu és filho do Brazil !
Oh toca, toca a investida !
Sobre a hoste embravecida
Jesus, um passo, inda um passo !
Aos gritos, pragas e ais,
Sóbe o horror cada vez mais !
E lá se foi outro braço !...

Nascestes, filho do povo,
No berço da natureza !
Da raça de um mundo novo
Tu fundaste a realeza !
Teus pobres braços cortados
Por esse espaço espalhados
Mudos supplicam : — Saudade,
Leva-me ás patrias areias,
Quero quebrar as cadeias,
Patria, patria, liberdade !

Teu sangue é tinta que dura,
Que não se apaga, Jesus !
Fê-lo o Christo na amargura,
Antes de expirar na cruz !

Aquelle suor em gotas
 Pelas tuas veias rotas
 Talvez goteja tambem !
 Tens um horto — o dos escravos,
 Tens um calvario — o dos bravos...
 Irás ao céo — inda bem !

Teu berço d'ouro esmaltado,
 Corneta da minha terra,
 Teve um grande cortinado,
 — Os nevoeiros da serra !
 Nas folhas da trepadeira,
 Ao canto da cachoeira,
 Tremia o berço no ar !
 Que tropical formosura ! —
 — Foi tua mãe a noite escura,
 Quando o sol beijava o mar !

Como são brancas, tão brancas,
 As flôres do algodoeiro !
 Que musgos pelas barrancas,
 Que estalos no palmitero !
 Brota o astro, e brota a planta,
 Tudo sorri, tudo canta,
 — Terra e mar e passarinhos !
 O sol tem ondas azues,
 As ondas frócos de luz,
 A luz dourados arminhos !

Ao peso das bagas ruge...
 Ruge... ruge... o cafesal ;
 Desce a tarde, o gado muge
 Para as bandas do curral...
 Pelas *tapéras* desertas,
 Piam as aves... despertas,
 Vagam as sombras... que maguas !
 Chora, saudades, nas fontes,
 Pelas varzeas, pelos montes,
 Na matta nos céos, nas aguas !

Morres grande entre os gigantes,
Limpó, limpo de braços,
Pequenino como d'antes,
Ao retumbar dos canhões!...
Silencio ! ninguem responde,
Não te fizeram visconde,
Não tens titulo ou medalha ;
Mas, ainda ao som da corneta,
Dança á noite a bayoneta
Pelos campos de batalha !

Tua gloria vaga no ar,
E' quasi um sagrado mytho ;
O marmor póde quebrar,
Não dura sempre o granito.
Na solidão esquecido,
Pobre, sem tum'lo, perdido,
Sem pedra, signal ou cruz,
Tu symbolisas o povo,
Tu és quasi um Christo novo,
Tens o seu nome — Jesus !

~~~~~

BITTENCOURT SAMPAIO

---

## O Canto do Pescador

Na minha ygára vogando  
Por estas ondas de anil,  
Sentado na pôpa, sozinho seismando,  
Desliso, cantando  
As glorias que alembram meu patrio Brasil.

Por vela trago esta rama  
De verdes folhas que vês ;  
A brisa soprando-a, de amores se inflamma,  
E foge e derrama  
Nos ares perfumes, mas volta outra vêz.

Sinto fome ? a rêde lanço,  
Atiro a fisga e o anzol ;  
São tantos os peixes que apanho n'um lanço,  
Que ás vezes me canço  
De estar todo o dia postado no sol.

Mas em breve a quente calma  
Vou nas agoas abrandar ;  
Já fresco e cantando diriço minh'alma  
A'quella que a palma  
Promette de amores bem cedo me dar.

Qu'eu tenho por leito as agoas,  
As estrellas por docel,  
Na voz doce canto, mais doce que as magoas  
Da rôla, que em fragoas  
Soluça na ausencia do esposo infiel.

Ai ! si da margem se mira  
A garça no azul crystal,  
E o collo nas agoas mergulha e retira,  
Em quanto suspira  
O vento nas folhas do escuro mangal...

Eu gemo triste a cantiga,  
Que mais falla ao coração !  
Os echos respondem ao nome da amiga...  
E n'alma se abriga  
Mais pura, mais terna, mais doce paixão.

E volto a vêr a choupana,  
Que o dia inteiro não vi ;  
Encontro nas praias sentada a Indiana,  
Que alegre ,que ufana  
Ao vêr-me se apressa, correndo p'ra mí !


Abraço-a ; dá-me carinhos,  
Dá-me do seio uma flor :  
Beijando-a, lhe entrego doirados peixinhos ;  
E ambos sozinhos  
Alli nos ficamos, fallando de amor.

Mas logo corre ligeira  
A vêr a mãe que a chamou ;  
Então lá de longe, parando, a trigueira  
Me diz feiticeira,  
Sorrindo, accenando : « adeus, qu'eu me vou ! »

E eu vivo, ai ! n'esta vida  
Mais feliz do que ninguem !  
Minh'alma, de amores vivendo entretida,  
Não busca perdida  
Gozar d'esses luxos que o mundo contém.



Que assim na ygára vogando  
Por estas ondas de anil,  
Deitado na pôpa, sozinho scismando,  
Desliso, cantando  
As glorias que alembram meu patrio Brasil.



## A Lua

Imagem formosa de virgem sentida  
Que vive a chorar,  
A lua nos ares vagueia perdida  
Sem nunca parar.

E' floco de neve  
Nas azas da briza levado de leve  
Aos astros do céu :  
Anjinho saudoso n'um campo de flores  
Correndo, cahindo, morrendo de amores,  
Da noite no véo.

Espelho de prata nos ares luzindo  
Que a terra seduz ;  
Do sol é sentelha, é astro fulgindo,  
E' cirio de luz.

Rainha formosa  
De estrellas cercada se assenta orgulhosa  
N'um throno de azul ;  
Seu manto luzente lhe beija o horisonte,  
E as ondas e a praia e os valles e o monte,  
No norte e no sul.

Amante extremosa, do sol namorada  
Desmaia de dor ;  
Parece açucena de noite calada,  
Morrendo de amor.

E' noiva viuva,  
Que ás vezes chorando seu pranto lhe turva  
O rosto gentil ;  
Mas logo se arreia de um brilho que esquece  
A dor de um momento que já desfalece  
N'um riso infantil.

E' alma perdida no espaço deserto,  
Em mesta soidão ;  
Luzeiro das trevas — mysterio encoberto  
De lindo clarão.

Emblema da vida,  
O' pallida sombra de uma alma perdida  
Que vive a chorar,  
Desprende teu vôo macio, n'um raio  
Da terra me leva n'um doce desmaio  
Os céos a habitar.

*(Flôres Sylvestres.)*



PEDRO LUIZ PEREIRA DE SOUZA

---

## Terribilis déa

Quando ella appareceu no escuro do horizonte,  
O cabello revoltto... a pallidez na fronte...  
Aos ventos sacudindo o rubro pavilhão,  
Resplendente de sol, de sangue fumegante,  
O raio illuminou a terra... nesse instante  
Frenetica e viril ergueu-se uma nação !

Quem era ? De onde vinha aquella grande imagem  
Que turbara do céu a limpida miragem,  
E de luto cobrira a senda do porvir ?  
De que abysmo sahiu?... Do tumulto ?... do inferno ?...  
Póde o anjo do mal desafiar o Eterno,  
Da fria sepultura o espectro resurgir ?

Deixae que se levante a grande divindade !...  
Seu templo é a terra e o mar ; seu culto — a mortan-  
Enche-lhe o peito largo o sopro das paixões. [dade ;  
E' a mulher phantasma ! Uma visão do Dante...  
Dos campos de batalha a horrida bacchante,  
Que mergulha no sangue e ri das maldições !

A deusa do sepulchro ! A pallida rainha !  
A morte é sua vida. Impavida caminha  
Ora grande, ora vil, nas trevas ou na luz :  
A côrte que a rodêa é lugubre cohorte ;  
Tem gala e traja luto : é o sequito da morte,  
A miseria que chora, a gloria que seduz.

Desde que o mal nasceu nasceu aquelle espectro,  
raios corôou-se ! Ao peso de seu sceptro

A terra tem arfado em transe infernaes !...  
Do mundo as gerações têm visto em toda idade,  
Sinistra, apparecer aquella divindade  
Celebrando no sangue as grandes saturnaes !

No seu olhar de fogo ha raios de loucura...  
Tem cantos de prazer ! tem risos de amargura !...  
Muda sempre de céo, de rumo, de pharol !  
Aqui — pede ao direito a voz forte e serena ;  
Ali — ruge feroz, feroz como uma hyena...  
Assassina na treva ou mata á luz do sol !...

Levanta o gladio nú em nome da verdade,  
Acorda em furia accesa á voz da liberdade...  
E no punho viril derrete-se o grilhão !  
Como é bella !... Depois !... sem fé, sem heroismo,  
Despedaça a justiça, e atira com cynismo  
A virgem liberdade aos braços da oppressão !

E'uma deusa fatal ! Quer sangue... e atira flôres !  
Abraça, prende, esmaga os seus adoradores,  
Embriaga-os de gloria e os cerca de esplendor.  
E esses loucos, depois de feitos de gigantes,  
A tunica lhe beijam ardentes, delirantes,  
E morrem a seus pés na febre desse amor.

Quando Attila — o monstro, — o tigre-cavalleiro,  
Espumando a correr, calcava o mundo inteiro,  
A deusa o acompanhava, e ria-se... a cruel !  
Tinha a face vermelha, ardia de coragem,  
Dava beijos de amor na frente do selvagem,  
Enterrando o aguilhão nos flancos do corcel !

Era ella que em Roma erguia-se funesta !  
O idolo do povo em sempiterna festa !  
O amor de Scipião, de Cesar, de Pompeu.  
Vergava com seu braço o braço do destino,  
Prendeu nações e reis ao monte Palatino,  
E em doida bacchanal depois desfalleceu.

Foi de Carlos o Grande a excelsa companheira ;  
Deu-lhe o throno de bronze, a espada aventureira,  
E o globo imperial... e glorias... e trophéos ;  
Quando, no escuro val, Rolando, moribundo,  
Embocava a trombeta a despertar o mundo,  
Erguia o collo a deusa além dos Pyrinéos !...

Seguiu Napoleão da França até ao Egypto,  
Nos mares, no deserto, em busca do infinito,  
Das terras do Evangelho ás terras do Koran...  
Dos delirios da Europa aos sonhos do Oriente...  
Teve medo afinal daquella febre ardente...  
Lá no meio do mar prendeu esse Titan.

Ella estava a sorrir, serena e triumphante,  
Ao pé de Farragut, o intrepido almirante,  
Lá no tope do mastro, enquanto o monitor,  
Em doidas convulsões, das tumidas entranhas  
Vomitava metralha a derrubar montanhas...  
E do mundo arrancava um grito de terror...

Ella estava também — espectro pavoroso —  
Do Amazonas a bordo, ao lado de Barroso,  
De polvora cercada, em pé sobre o convés...  
Quando, á voz do valente, o monstro foi bufando,  
Calados os canhões, navios esmagando,  
A deusa varonil de amor cahiu-lhe aos pés !...

Salve da guerra deusa, archanjo da batalha !  
Que vóas no vapor, que ruges na metralha !  
Que cantas do combate aos infernaes clarões !  
Quando arrancas do bronze os canticos maldictos,  
O céu é fogo e aço, o ar — polvora e gritos...  
E ferve e corre o sangue em quentes borbotões !...

Salve tu, que nos déste o sonho da vingança !  
gladio da justiça, o raio da esperança !

E da gloria cruenta o magico esplendor !  
E' para te saudar que brame a artilharia,  
E que repete ao longe a voz da ventania  
Das trombetas de morte o horrido clangor !...

. . . . .  
. . . . .

Quando ella appareceu no escuro do horisonte,  
O cabelo revoltó... a pallidez na fronte...  
Aos ventos sacudindo o rubro pavilhão,  
Resplendente de sol, de sangue fumegante,  
O raio illuminou a terra... nesse instante  
Frenetica e viril ergueu-se uma nação !...



LAURINDO RABELLO

---

## Adeus ao mundo

### I

Já do batel da vida  
Sinto tomar-me o leme a mão da morte :  
E perto avisto o porto  
Immenso, nebuloso, e sempre noite,  
Chamado — Eternidade !  
Como é tão bello o sol ! Quantas grinaldas  
Não tem de mais a aurora !!  
Como requinta o brilho a luz dos astros !  
Como são rescendentes os aromas  
Que se exhalam das flores ! Que harmonia  
Não se desfructa no cantar das aves,  
No embater do mar, e das cascatas,  
No susurrar dos limpidos ribeiros,  
Na natureza inteira, quando os olhos  
Do moribundo, quasi extinctos, bebem  
Seus ultimos encantos !

### II

Quando eu guardava, ao menos na esperança,  
Para o dia seguinte o sol de um dia,  
De uma noite o luar para outras noites ;  
Quando durar contava mais que um prado,  
Mais que o mar, que a cascata, erguer meu canto,  
E murmurar-o n'um jardim de amores ;



Quando julgava a natureza minha,  
Desdenhava os seus dons : eil-a vingada :  
Cedo de vermes rojarei ludibrio,  
E vida alardearão fracos arbustos  
Sobre meu lar de morto ! A noite, o dia,  
O inverno, o verão, a primavera,  
A aurora, a tarde, as nuvens, e as estrellas,  
A rir-se passarão sobre meus ossos !  
Não importa : não é perder o mundo  
O que me azeda os pallidos instantes  
Que conto por gemidos. Meu tormento,  
Minha dôr, é morrer longe da patria,  
Da mãe, e dos irmãos que tanto adoro.

## III

Quando da patria me ausentei, não tinha  
Nada que lhes deixar, que lhes dissesse  
O que eram elles dentro de minh'alma.  
Mendigo, a quem cedi pequena esmola,  
Deu-me quatro sementes de saudade ;  
Ao meu jardim domestico levei-as,  
Cavei, reguei a terra com meu pranto,  
E plantei as saudades. Soluçando  
Chamei alli os meus : « Aqui vos deixo  
(Disse apontando á plantação) « em flôres  
« Minh'alma toda inteira ; aqui vos deixo  
« Um thesouro enterrado. Joias, oiro,  
« Riquezas, não, não tem, porém na terra  
Esteril não será. » Ondas de pranto  
Afogaram-me a voz : houve silencio ;  
Palpei de novo o chão ; vi que de novo  
Cavado estava ! A terra se afundára,  
E as sementes nadavam sobre lagrimas,  
Que minha mãe e minha irmã choravam...  
Replantei-as, orei, beijei a terra,  
E parti... Trouxe d'alma só metade ;  
E o coração ?... deixei-o n'um abraço.

## IV

Certo estou de que a planta, já crescida ,  
 Terá brotado flôr. Si ao menos dado  
 Me fosse colher uma... ver a terra  
 Pelo pranto dos meus sanctificada !  
 Si uma dessas saudades enfeitar-me  
 Viesse a minha eça, ou meu sudario,  
 Ou, pela mão materna transplantada,  
 Encravar-me as raizes no sepulchro...  
 E' tão pouco, meu Deus ! !... Eu não vos peço  
 Soberbo mausoléu, estatua augusta  
 De tumulo de rei. Assaz desprezo

Esses gigantes de oiro  
 Com entranhas de pó. Mortalha escassa  
 De grosseiro burel, que bordem lagrimas ;  
 Terra só quanto baste p'ra um cadaver,  
 E as minhas saudades, e entre ellas  
 Uma cruz com os braços bem abertos,  
 Que peça a todos preces. Terra, terra  
 Perto dos meus e no torrão da patria,  
 E' só quanto supplico .

## V

A morte é dura.  
 Porém longe da patria é dupla a morte.  
 Desgraçado do misero, que expira  
 Longe dos seus, que molha a lingua, secca  
 Pelo fogo da febre, em caldo estranho ;  
 Que vigílias de amor não tem comsigo,  
 Nem palavras amigas que lhe adocem  
 O tedio dos remedios, nem um seio,  
 Um seio palpitante de cuidados  
 Onde descañce a languida cabeça !

Feliz, feliz aquelle, a quem não cercam  
Nesse momento acerbo indifferentes  
Olhos sem pranto ; que na mão gelada  
Sente a macia dextra d'amizade  
N'um aperto de dôr prender-lhe a vida !

Feliz o que no arfar da ancia extrema  
De desvelada irmã piedoso lenço,  
Humido de saudades vem limpar-lhe  
As frias bagas dos finaes suores !

Feliz o que repete a extrema prece,  
Ensinada por ella, e beijar póde  
O lenho do Senhor nas mãos maternas !

Desgraçado de mim !... Talvez bem cedo  
Longe de mãe, de irmãos, longe da patria  
Tenha de me finir... Ramo perdido  
Do tronco que o gerou, e arremessado  
Por mão de Genio máo á plaga alheia,  
Mirrarei esquecido! Os Céos o querem,  
Os Céos são immutaveis : aos decretos  
Do Senhor curvarei a fronte humilde,  
Como christão que sou. Eternidade,  
Recebe-me a teu bordo !... Adeus, ó mundo !

## VI

Já sinto da geada dos sepulchros  
O pavoroso frio enregelar-me ...  
A campa vejo aberta, e lá do fundo  
Um esqueleto em pé véjo a acenar-me...

Entremos. Deve haver nestes lugares  
Mudança grave na mundana sorte ;  
Quem sempre a morte achou no lar da vida,  
Deve a vida encontrar no lar da morte.

Vamos. Adeus, ó mãe, irmãos, e amigos !  
Adeus, terra, adeus, mares, adeus, céos !...  
Adeus, que vou viagem de finados...  
Adeus... adeus... adeus !

Adeus, ó sol que, amigo **illuminaste**  
Meu pobre berço com os raios **teus**...  
Illumina-me agora a sepultura : —  
Adeus, meu sol, **adeus** !

Flôresinhas, que quando era menino  
Tanto servistes aos brinquedos meus,  
Vegetai, vegetai-me sobre a campa : —  
Adeus, flôres, adeus !

Vós, cujo canto tanto me encantava,  
Da madrugada aligeros orpheus,  
Uma nenia cantai-me ao pôr da tarde :  
Passarinhos, adeus !

Vamos. Adeus ó mãe, irmãos, e amigos !  
Adeus, terra, adeus, mares, adeus, ceos !...  
Adeus : que vou viagem de finados!...  
Adeus !... adeus !... adeus !

(Trovas ,

---

FRANKLIN DORIA

---

## A Ilhóa

Que cabellos tão lustrosos !  
Que tornozelos mimosos !  
Que negligencia de andar !  
Que singelinha ! que ilhóa !  
Como ella, passeia á tóa  
Pelas areias do mar !

Pelas areias de prata,  
Que seu vestido arreбата  
Ao sópro da viração ;  
Pelas areias tão finas,  
Que conchinhas purpurinas  
Esmaltam como um festão.

Diante da sombra sua  
A onda, que vem, recúa,  
Mais carregada de anil ;  
E ella, de agradecida,  
Da flór no campo colhida  
Pet'las lhe atira gētil.

O sol da tarde fagueiro  
Doira-lhe o rosto trigueiro,  
Que nunca o pranto offendeu :  
Agora vae apressada...  
Ai d'ella ! calhiu, coitada !  
Mirando as nuvens no céo.

E se alevanta corando,  
E volve o semblante, olhando  
Vergonhosa em torno a si :  
Ninguem lhe a quéda notara ;  
Apenas de uma taquara  
Grita ao longe o bem-te-vi.

Segue, ilhóa, teu caminho,  
Folga e brinca, meu anjinho,  
Das praias pela extensão,  
Com teus perfumes de infancia,  
Com tua doce ignorancia,  
Co'a paz de teu coração.

Que frente ! que frente bella !  
Como lhe assenta a capella  
Da flór do maracujá !  
Que seio nú ! oh que seio !  
Nem o mais leve receio  
De que beijal-o alguem vá!

A onda agora se empola,  
Se abate, se desenrola,  
Irá molhal-a talvez !  
Ella o vestido arregaçã,  
E despeitosa lá passa  
Sobre a pontinha dos pés.

A tarde afinal desmaia :  
Parte-se a ilhóa da praia.  
Surge aqui, some-se além :  
Chegou de sapé á choça ;  
A tenra voz já lhe adoça  
Um canto, que de cór tem.

Canta dos paes a amizade,  
Canta a sua liberdade

E o poder de Jehovah ;  
Canta saudosas lembranças  
E todas as esperanças,  
Que a sua Sancta lhe dá.

Canta a abrir perto á cabana  
A florzinha de coirana,  
Que cheira como o jasmim ;  
Canta seus brandos perfumes,  
E a chusma de vagalumes,  
Que faiscam no capim.

Canta os murmurios da moita,  
E a giboia, que pernoita  
Nas tranças do cipoal ;  
Na cova escondida a paca,  
E a mosqueada jararaca,  
Que tem veneno mortal.

Canta a canôa ligeira,  
Que se embala aventureira  
Entre a espuma a branquejar ;  
Canta emfim a sua ilha,  
Que á luz das estrellas brilha  
Com seu verde kanitar.

E o pescador escutou-a,  
Pela mãe-d'agua tomou-a,  
Tomou-a, que bem a ouviu :  
A cantiga vae morrendo,  
E ella vae adormecendo ...  
Sobre a viola dormiu.

Oh quem, quem pudesse agora  
Ver a ilhóa encantadora  
Em seu formoso dormir !  
Talvez baixinho cantando  
A sonhar, ou suspirando  
Talvez languida a sorrir.

Amanhã muito cedinho,  
Aos chilros do passarinho,  
Ha de serena acordar :  
E de novo irá a ilhóa  
Correr, passeiar á tóa  
Pelas areias do mar.

*(Enlevos.)*



## O acompanhamento <sup>(1)</sup>

Declina o quinto sol do estival janeiro.  
Vivo clarão da tarde espalha-se fagueiro,  
E doira a face ao mar, onde se passa agora  
Scena que attrahe a vista e os crentes afervora.

Ao sôpro do nordeste, airosa uma flotilha  
Veleja, demandando o littoral da ilha.  
Claro e azul o céu, partiu para a viagem,  
Do pôrto da Bahia. Allí vetusta imagem  
Da Virgem de Loreto, esmêro d'esculptura,  
Fôra encarnada ; e, já brilhante de frescura,  
Retorna ao seu altar, inda, talvez, mais bella.  
Em procissão marítima a trazem á capella  
De que é bemdicto orago, erecta n'um recanto,  
Ninho de amor e paz, mansão cheia de encanto.

O barco, portador do thesouro sagrado,  
Com velas de alvo brim, e todo empavezado,  
Pendente ao mastro grande o pario pavilhão,  
Na frente sobresaê. Nomêa-se *Tritão*.

---

(1) Dá-se, na Bahia, o nome de *acompanhamento* a uma procissão religiosa marítima, que é usança privativa, creio eu, da gente d'aquella terra. A scena descripta por mim, nos versos acima, representa uma procissão semelhante, em que a imagem de Nossa Senhora de Loreto, depois de restaurada na cidade do Salvador, foi d'alli trasladada para a capella erecta, com a dita invocação, a Virgem Sancta, na fazenda onde nasci, na Ilha-dos-Frades, não longe da primeira capital do Brazil.

Descanta, no convez, bizarra companhia ;  
 Rude orchestra executá amena symphonia ;  
 E, a trechos, augmentando ô festival bulicio,  
 Esteira lampejante o fogo de artificio.  
 Seguem, após o barco, arfando magestoso,  
 Várias embarcações, em prestito pomposo.  
 Qual pleiteia com outra um parco sem respiro ;  
 Qual pelo instavel chão descreve curto gyro,  
 E parece brincar ; qual n'agua o bordo mette,  
 E, mais e mais veloz, as ondas accommette ;  
 Qual sobranceira apara' o escarceu alçado,  
 Opondo-lhe de geito o rigido costado.

Porém a primazia alcança uma canoa,  
 Que duas velas tem, as azas com que vóa.  
 Chama-se *Atyaty*, bem como essa ave audaz  
 Que a nado cruza o mar, e a quem o mar apraz.  
 N'um tronco de peroba inteiro foi cavada,  
 A' goiva e á enxó, depois, mui bem lavrada,  
 E, abastecida, emfim, de aprestos de primor,  
 Passou do velho dono a joven successor,  
 Victor, para quem é, não só paterna herança,  
 Mas um penhor de affecto, e cofre d'esperança.

Ora, á ilha approximado,  
 O pio acompanhamento  
 Entesta co'o Porto-Grande,  
 O mais basto povoado,  
 Dos pescadores assento.  
 Que alegria alli se expande  
 Arrasta morosos passos  
 O ancião pela senda ;  
 As mães acolhem nos braços  
 Os filhinhos innocentes ;  
 A moça larga a almofada,  
 Em que tece argentea renda  
 Com os bilros estridentes ;  
 A' sombra do joázeiro,  
 Que aos pescadores agrada,

Nenhum agora fabrica  
O munzuá, onde fica  
O peixe prisioneiro ;  
Desinquieta o menino  
Bate as palmas, corre, pula,  
A doudejar no terreiro ;  
Fé que a leda multidão,  
Affluindo em torvelino,  
Na alva praia se accumula,  
Para ver a procissão.

Emquanto o jubilo cresce  
No alvoroçado tropel,  
Cada qual já reconhece  
O seu querido baixel.  
Mas toda a attenção merece,  
Dentro em pouco *Atyaty*,  
Que muito esbelta e maneira,  
Se accelera na carreira  
Sobre o mar, que lhe sorri.

Victor, com dextra segura,  
E habilidade exemplar,  
Governa a canoa rara  
Que, depois de vaguear,  
Pela espumante planura,  
Na praia da ilha vara,  
Como para descançar.  
No Porto-Grande nascido,  
Hoje, dos annos na flôr,  
Acolá Victor é tido  
Pelo melhor pescador.  
Apenas galhardo enceta  
A adolescencia risonha,  
Na paterna companhia,  
Entra a canoa dilecta,  
Com que, desde muito, sonha ;  
Embalado pela vaga,  
Dedica-se á pescaria,  
Que ao pescador embriaga,

Com seus lances singulares,  
Seus perigos, seus azares.

Com que vigoroso esforço,  
Maneja elle o seu remo,  
E o crava do mar no dorso,  
Entre chuva de crystal !  
Com que denodo supremo,  
E confiança tão cega,  
Do vento á forte refega,  
Se pendura do brandal !  
Quando ás ondas abalança  
O corpo rijo e flexivel,  
Como se fôra de aço,  
E d'agua o resvala ao nivel,  
Quem mais longe o nado alcança ?  
Atravez do humido espaço,  
Mergulhando valoroso,  
Quem mais fundo que elle desce ?  
Mais tempo quem permanece,  
Mettido no seio undoso ?

O longo tracto incessante  
Co'o mar, que ninguem domina,  
No coração lhe refina  
O amor da liberdade,  
Impetuoso e pujante.  
Na solidão do oceano,  
As iras da tempestade  
Serenos affronta, em seu lenho ;  
E, n'esse combate insano,  
A que bem cedo se affez,  
Corresponde ao grande empenho  
Sua heroica intrepidez.

Avança a procissão, com harmonia e graça,  
Pela cerulea estrada. O boqueirão perpassa,  
Por onde entrando, o mar cinge, nos arredores,  
Ilhas gentis. Conforme usança de maiores,

O trôço dos baixéis, que a devoção colliga,  
Detém aqui a marcha ante a matriz antiga;  
Aos poucos recuando, em circulo bordeja,  
Até que fica alli, diante de outra igreja ;  
Prosegue, e acolá se quêda, reunida  
Em frente de uma pobre, arruinada ermida ;  
E logo proejando as suspirado albergue,  
Acérca-se do caes onde a capella se ergue.

Transporta-se, por fim, sobre vistoso andor,  
A imagem louçan da Mãe do Redemptor,  
A' qual, cheios de fé, ao répicar dos sinos,  
Innumeros fieis seguem, cantando hymnos.  
Ei-la ! no seu altar, a imagem luzente  
Da Virgem de Loreto, a sancta Confidente,  
A Estrella do mar, que anima e fortalece  
O pescador, e lhe ouve a fervorosa prece,  
Quando, na dura faina, assiduo se desvela,  
Aos risos da bonança, ás furias da procella.

(Revista Brasileira.)



J. A. TEIXEIRA DE MELLO

---

## Á Lua

(ESTANCIAS)

### I.

Tu vens, perdida por sombras  
Que desbotaram-te a côr,  
Anjo das mudas ruínas  
Em que não brota uma flôr,  
Ler-me a página mais triste  
Do livro do meu amor.

Debalde te-ergues tão cedo  
Das sombras em que dormias!  
Não podes, louca! não podes  
Dar calor a cinzas frias!  
Vae sonhar onde te-entendem;  
Vae sorrir a quem sorrias!

Quantas vezes não banhei-me  
No teu humilde clarão,  
N'esse languido silencio  
Das noites na solidão!  
Eram lagrimas bemdictas  
As que bebias então.

Mas hoje que é finda a crença  
Meu amor passou também!  
Os teus sorrisos agora  
Só dôres fadar-me vêm,  
Que o teu condão feiticeiro  
Só dá ventura aos que a têm.

## II

Astro do amor, da dôr e do silencio,  
Tu, que aviventas emoções extinctas,  
Foco de luz em derredor de trevas,  
Dá-me, eu te-rogo, inspirações que sintas !

Irmã do sol, perdida ao pé das noites,  
Eterna forasteira, em pós de quem ?  
Quaes são teus sonhos ? que procuras, louca ?  
Abre-me a seio ! Eu amo-te tambem.

Sigo teus passos toda a vez que passas,  
Pallida sempre, fugidia e triste,  
De que tumulto vens ?, Quem é teu guia ?  
Quem te-ensinou a rir como te-riste ?

Quando sacódes sobre a noite as azas,  
Lagrimas cahem, garça que não torna —  
Como o sereno que a descuido a aurora  
Por sobre as flôres-toda riso-entorna !

Tu passas núa, escabellada e muda,  
Levada em braços de milhões de anjinhos,  
E vais, quem sabe ? te-banhar nos lagos  
Em que lavam-se o sol e os passarinhos.

Eu te-vejo passar, tão perto ás vezes !  
No meu deserto, fugitiva embora !  
Tu és o cysne que em meus cantos canta ;  
Tu és a amante que em meus prantos chora !

Quando vaguêas pelo só das noites,  
De tanta luz innundas o caminho,  
Que o triste sabiá que espera o dia,  
Por pensar que és o sol, salta do ninho !

A terra escalda ! as arvores não tremem !  
Onde vais, Marion ? Douda, que esperas ?  
Garça que emigras, cysne que procuras  
Pos céos d'hinverno eternas primaveras !

Um dia anoiteci orphão de amores,  
Poleá da existencia em solo agreste,  
E voltei para ti meu pensamento,  
E o consôlo das lagrimas me déste !

Eu te-bemdigo em nome dos afflictos !  
Quando limpei as lagrimas tranquillo  
Pensei no céo e adormeci contigo,  
Pallida irmã das virgens de Murillo.

### III

Fonte de encantos novos, tu me-trocas  
As lagrimas em gozo !  
Eterna Marion, tens novo amante  
Em oada desditoso .

Sôpro da morte esvoaçou-me entôrno!  
Como tu, vivo só !  
Não és tu, Marion, quem me-dê vida  
Nem me tire do pó !

Porque trazes, irmã dos pyrilampos,  
Teu seio semple nú ?!!  
Vives, como eu, de azul e poesia !  
A poesia és tu !...

Tu tens na face a lividez sombria  
Das intimas tristezas,  
Que te invejam as flores doentias  
Que crescem nas devezas !



## IV

Tu sabes segredos que as flôres murmuram :  
Tão longe da terra conversas com Deus !  
Pois conta-me, virgem, teus castos amores,  
Que eu conto-te os meus.

## V

Tu vagas sem tino, sultana das noites,  
Princesa do reino sem termo do mar !  
E cada conchinha que rola n'areia  
Te rouba um carinho, te-furta um olhar.

Nas praias desertas que marcam teu reino  
Te-sentas chorando, formosa princesa !  
E a cada florinha que topas nos ermos  
Emprestas um raio de tua tristeza.

E em cada ruína que encontras na estrada  
Descansas um pouco, cansada de andar !  
Que mão te-encaminha ? que praga, que sina  
Suspende-te á noite por cima do mar ?

E deixas as tranças do negro cabelo,  
Por cima dos hombros beijarem-te os pés.  
Porque não encobres com ellas teus seios  
Largados aos ventos ? Princesa não és ?

Tu sabes segredos das ondas que dormem :  
Por cima dos mares conversas com Deus  
Ai conta-me, virgem, teus longos amores,  
Que eu conto-te os meus.

Onde és mais formosa ? Nos ermos do Norte,  
Nas vagas crestadas do sol do Equador,  
Nas quentes areias, nas ramas immoveis  
Que as brisas não beijam famintas de amor ?

Nos campos immensos de eterna verdura  
Que o sul acordando festeja primeiro ?  
Nas bastas macegas que aninham serpentes,  
Que acordam raivosas á voz do pampeiro ?

Ou n'estas campinas toucadas de relva  
Que os mares não beijam nem viram talvez ?  
Oh virgem das noites, amiga dos campos,  
Nas sombras que afastas, que topas, que vês ?

Tu sabes segredos que os mortos te-contam.  
Por cima das campas conversas com Deus !  
Pois conta-me, virgem, teus tristes segredos,  
Que eu conto-te os meus.

O dedo que um dia lançou-te no espaço  
Como hontem, como hoje, sombria no rosto,  
Lançou-me nos ermos d'um valle formoso  
Na mais merencoria das noites de agosto.

Quando era criança — nas longas noitadas —  
Contavam-me as outras — durante o serão,  
Que as manchas que eu via-te ás faces nevadas  
Era Eva dormindo nos braços de Adão.

On antes-que, enquanto fiava em seu fuso,  
Caim fraticida matava-lhe Abel ;  
Co'a enxada paterna fazia-lhe a cova...  
— Que lendas mimosas ! que favos de mel !

Mais tarde... já moço, scismando de amores,  
Pensando na gloria, sedento de fé,  
Amei-te os pallores ! Por onde passavas  
Erguias as campas co'a ponta do pé !

## VI

E o pó dos sepulcros, e as vozes dos mares,  
Das flôres que morrem, do triste cantor,  
São hymnos que inspiras, são prantos que espalhas,  
Mas hymnos de festa, mas prantos sem dôr!

JOAQUIM SERRA .

---

## Desafio a viola

Que ferto estroudora, na rude cabana  
Do pae de Rosinha, o velho vaqueiro!  
Lá geme a viola e a roda-tyranna  
Ha muito que dansam no vasto terreiro !

Faz annos a linda, gentil rapariga,  
Orgulho do pae, a rosa da aldeia !  
Estrondam roqueiras, não cessa a cantiga,  
A casa festiva de gente está cheia !

Provocam-se alegres os moços cantores,  
As moças applaudem os mottes e lóas ;  
As trovas mais ternas, os versos de amores  
Promovem sorrisos e palmas e coróas !...

Lá entra na roda a flôr da ribeira,  
Retinem os pandeiros, o canto enlanguece...  
E a bella Rosinha, puxando a feira,  
Na danza campestre mais linda parece !

« Tira a cantiga, Cazuza,  
Qu'eu nunca estive na escola...  
Anda, puxa pela muza,  
Qu'está gemendo a viola !

« Canta os olhos da Rosinha,  
Esses diamantes azues !  
Nunca vi, por vida minha,  
Olhos que vibrem mais luz !

« Respondam, qu'eu já não posso  
Com os baques do coração!...  
Ai, Chico, esse anjinho vosso,  
E' anjo de tentação!

Calou-se o poeta, o vate selvagem ;  
Aceita risonho um outro o duello...  
Qual canta melhor ? qual leva vantagem ?  
E o rude bailado prosegue mais bello !

« Menina, que me prendeste,  
Eu quero seguir viagem...  
Que feitiço será este  
Que me atêm n'esta paragem ?

« Esse teu rosto divino  
Dos olhos tirou-me a luz...  
Co'o caminho não atino,  
Se p'ra longe me conduz !

« Dizem que teme a esmeralda  
A cobra lá no Oriente,  
Pois se a fita demorada  
Fica cega de repente !

« Deus fundio o firmamento  
N'uma noute de luar,  
E sem mais outro elemento  
Elle fez o teu olhar !

« Lá vem a cruel dansando...  
Parece, meu Deus, que vóa !  
Que talhe flexivel, brando,  
Como a junça da lagôa !

« Nunca vi tanta lindeza  
Entre as moças da cidade !  
A mais formosa princeza  
Não tem esta magestade !

« Na cidade o que me resta,  
Uma vez qu'eu te não veja ?  
Quero viver na floresta,  
Onde vive a sertaneja ! »

As palmas soaram, o joven estudante  
Recebe ovações, sorrisos e flores !  
Porém lá no fundo do grupo, distante,  
Uns olhos o fitam ardendo em furores !

Que dizem esses olhos de tetrico lume,  
E os labios crispados do moço que fita  
O joven poeta ? Acaso o ciume  
Referve-lhe o sangue, o peito lhe agita ?

Quem sabe ? No emtanto começa de novo  
Ao som da viola o canto e a dança,  
Um velho patusco, querido do povo,  
Vem pela belleza romper uma lança :

« Aonde escondeo-se o Chico,  
O noivo da rapariga ?  
Ardor de zelos, meu rico,  
E' peor do que de ortiga !

« Salte o noivo para frente,  
Venha dansar a tyranna !...  
Nãos 'steja assustando a gente  
Com olhos de sussuarana !

« Haja verso ou haja prosa,  
Ninguem furta o teu thesouro !  
Libe a abelha a fresca rosa,  
Deixe zumbir o bezouro !

« O' Chico, deixa-te d'isso,  
Que o ciume é cousa feia...  
Olha a Rosa, o teu feitiço  
Como dança e sapateia !

As vozes amigas do velho Narciso  
Um pouco acalmaram do noivo os furores !  
Se achega do grupo, ensaia um sorriso,  
E finge cantar co'os outros cantores.

Rosinha abeirou-se do amante arrufado  
E trouxe-o faceira p'ra o meio do bando.  
Adeus, nuvens negras ! E' tudo acabado,  
Os noivos se enlaçam e fogem bailando !

E o sol escondeu-se por traz da cabana,  
Lançou sobre a varzea fulgor derradeiro ;  
Não cessa no entanto a roda-tyranna  
Que dansam os convivas no vasto terreiro !

*(Quadros.)*



## SANTA HELENA MAGNO

---

### A Secca no Ceará

O sol do Novo-Mundo, o sol que em resplendores  
O firmamento alaga e accende em vivas côres  
De opalas e rubis ;

O sol, que doira a coma ás selvas viridantes,  
E enchera de ambrosia os caules odorantes,  
De mil flôres gentis ;

Almo sorrir do Eterno, olho da Providencia,  
Que no germen fecunda o mysterio existencia  
Ao provido calor ;

O sol, que faz vingar no campo a farta messe,  
Que o fructo nos sazona, e os membros nos aquece  
E infunde-nos vigor ;

O sol, que bemfazejo á festa do trabalho  
Aqui preside e anima, e á noite o doce orvalho  
Como benção gotteja ;

Além, como um flagello, assola a terra ardente,  
E, não já doce luz, mas lava incandescente,  
Sobre os campos dardeja !

Olhai : — pela amplidão dos páramos desertos,  
Na planura sem fim, nos serros descobertos,  
Não brota a planta agreste, ou desabrocha a flôr ;  
Adusto o negro o chão, nem mesmo o cardo nutre ;  
No ar nem vóa ave : apenas negro abutre  
Companheiro da morte, habita em tanto horror !

Abobada de fogo, o céu a terra esmaga ;  
A natureza inteira afoga-se na vaga



Que implacavel o sol lhe atira sem cessar !  
Não ha sombra nem véo que tahta luz embace ;  
E o firmamento azul sorrindo mostra a face  
Como escarneo pungente a tanto agonisar !

Na amena placidez das noites estrelladas  
Não corre alli frescor das brisas perfumadas,  
Nem refrigera a terra o rocio matinal ;  
E o vento que atrevesa a planicie tostada  
E' como a exalação da furna incendiada,  
Como o simoun que varre o libico areal !

Senhor, basta de luz ! das nuvens no sudario  
Amortalha esse sol, o facho incendiario  
De fulgores lethaes ;  
Descerra agora, ó Deus, do abysmo a cataracta  
E applaca a sêde atroz, que os homens punge e mata  
Em torrentes caudaes !

Sequioso e faminto o gado muge errante  
Em busca d'agua e pasto ; a nuvem doudejahte  
D'aves atrôa os céos ;  
Brutos e vegetaes, tudo que vive e sente.  
Pelos labios de fenda a terra exhausta, ardente  
Tudo clama por Deus !

Da montanha nas quebradas  
Caminha uma turba inteira :  
Basta nuvem de poeira  
Nas azas leva o suão :  
São todos rostos queimados,  
Labios da sêde gretados,  
Semi-nús, esfomeados,  
Fugindo ao quente sertão !

Successivas caravanas  
Já nas estradas transbordam ;  
Do valle os echos acordam

Dos tropeiros ao rumor :  
Na marcha desordenada,  
Na presença esgazeada,  
Semelham horda accossada  
Do inimigo vencedor.

Onde vão ? sinistra força  
Os expellio de seus lares !  
Não mais os doces cantares  
Quebram da noite a mudez.  
Sómente flebeis accentos  
Nas azas voam dos ventos,  
Dos homehs e dos armentos,  
Das aves, como da rez.

Como o proscripto do Eden  
Levam na frente abatida  
O desespero da vida,  
Do soffrimento o signal !  
Como elle, de *fogo a espada*  
Lhes impôz a retirada  
Da triste patria abysmada  
Em catastrophe fatal.

Eil-os caminho das plagas  
Onde ha rios caudalosos ;  
Dos fertes valles umbrosos,  
Das frescas ribas do mar :  
Além, na farta cidade,  
Lhes acena a caridade  
Com doce affago ; — quem hade  
Pão ao faminto negar ?...

Mas ai ! o deserto é longo !  
No esbraseado horisonte  
Oasis não ha, nem fonte

Que refocille o viajor ;  
Na extensão que a vista alcança,  
Onde a chusma afflicta avança,  
Desmaia á muitos a esp'rança  
Entre o cansaço e a dôr.

Oh Deus ! que funebres scenas  
De miseria e de agonia  
Teu sol formoso alumia  
Nesses aridos sertões !  
Alli ha homens roídos  
Do abutre — fome ; incendidos  
Olhos de sêde ; — gemidos  
De quebrantar corações !

Nova Agar aqui no solo  
Depõe semi-morto o filho,  
Dos olhos extincto o brilho,  
Labios seccos a estalar ;  
E segue exangue sem vida,  
N'um mar de angustia perdida,  
Porque a alma estremecida  
Recusa vel-o expirar !...

Além é um velho que morre  
No desamparo da estrada,  
Por leito, a terra abrasada,  
O sol por mesto brandão ;  
Em torno a orchestra de gritos  
De esposa e filhos afflictos,  
Resôa nos infinitos,  
Nos echos da solidão !

Longe, além, por toda a parte,  
Pela planicie pulvêrea,  
Do poema da miseria

Lêm-se as estrophes fataes ;  
E o vento, que passa ardente  
Por essa plaga inclemente,  
Murmura no voz plangente  
A nenia dos funeraes !...

---

E vós, cuja alma terna e maviosa  
Ensombra o quadro deste immenso horror,  
E em cuja face rola descuidosa  
Lagrima doce de sincera dôr ;

Vós, á quem dadivosa Providencia  
De sorrisos enflora a páz do lar,  
E adoça o travo amargo da existencia  
A voz da infancia e a luz de um meigo olhar ;

Abri as mãos — deixai cahir a esmola  
No regaço do misero infeliz  
A quem a angustia intima desola  
E a fome abate a pallida cerviz !

Esses, que a fome esqualidos tornara,  
E estendem, a pedir, supplices mãos,  
São todos filhos desta patria cara,  
Irmãos nas crenças e no sangue irmãos !

Cruel destino fel-os n'um momento  
Indigentes de pão, orphãos de amor ;  
Dai-lhes vós compassivo lenimento  
Ao pungir do infortunio, ao fel da dôr !

Enxugue o pranto a mão da Caridade  
A predilecta filha de Jesus ;  
Cale-se a voz dolente da orphandade ;  
Pão aos famintos e vestido aos nús !...

*(Parnaso Brasileiro.)*

## MACHADO DE ASSIS

---

### Uma creatura

Sei de uma creatura antiga e formidavel,  
Que a si mesma devora os membros e as entranhas  
Com a soffreguidão da fome insaciavel.

Habita juntamente os valles e as montanhas,  
E no mar, que se rasga á maneira de abysmo,  
Espreguiça-se toda em convulsões estranhas.

Traz impresso na fronte o obscuro despotismo...  
Cada olhar que despede, acerbo e mavioso,  
Parece uma expansão de amor e de egoismo.

Friamente contempla o desespero e o gozo,  
Gosta do colibri, como gosta do verme,  
E cinge ao coração o bello o monstruoso.

Para ella o chacal é, como a rola, inerme ;  
E caminha na terra impertubavel como  
Sobre o rubro areal um vasto pachiderme.

Na arvore que rebenta o seu primeiro gomo  
Vem a folha, que lento e lento se desdobra,  
Depois a flôr, depois o suspirado pomo.

Pois essa creatura está em toda a obra :  
Cresta o seio da flôr e corrompe-lhe o fructo ;  
E é nesse destruir que as suas forças dobra.

Ama de igual amor o polluto e o impolluto ;  
Começa e recomeça uma perpetua lida ;  
E sorrindo obedece ao divino estatuto.

Tu dirás que é a morte, eu direi que é a vida.

## Circulo vicioso

Bailando no ar, gemia inquieto vagalume :  
« Quem me déra que fosse aquella loura estrella,  
Que arde no eterno azul, como uma eterna vela ! »  
Mas a estrella, fitando a lua, com ciume :

« Pudesse eu copiar-te o transparente lume,  
Que, da grega columna á gothica janella  
Contemplou, suspirosa, a fronte amada e bella... »  
Mas a lua fitando o sol com azedume :

« Misera ! Tivesse eu aquella enorme, aquella  
Claridade immortal, que toda a luz resume ! »  
Mas o sol, inclinando a rútila capella :

« Pesa-me esta brilhante auréola de nume...  
Enfara-me esta azul e desmedida umbella...  
Porque não nasci eu um simples vagalume ? »

*(Poesias completas.)*



## TOBIAS BARRETO

---

### Leocadia

Livro de luz, em que o Senhor medita,  
E ás mãos dos anjos não é dado abrir,  
Onde as estrellas aprenderam juntas  
Com as rosas puras a chorar e a rir ;  
Alma, que dá-se em alimento ás flôres,  
De cuja essencia a criação trescala,  
Ingenua e candida, escutando em sonhos,  
A voz da santa, que do céu vos falla...

Vós sois na terra a incarnaçãõ brilhante  
Do sacro amor que a vossos paes adita,  
Rutila estrophe de um poema d'ouro,  
Livro de luz em que o Senhor medita...  
Lagrima d'alva, que no seio calido  
Da nuvem rubra vos deixou cahir,  
Pagina alvissima em que Deus escreve,  
E as mãos dos anjos não é dado abrir.

Virgem serena, a cujos olhos timidos  
A lua gosta de fazer perguntas,  
Biblia celeste de mysterios castos,  
Onde as estrellas aprenderam juntas,  
Com as brisas tenues, a dizer as queixas  
D'alguma dôr que só Deus pôde ouvir,  
Com as ondas cérulas, com as auroras pallidas,  
Com as rosas puras a chorar e a rir ;

Fronte em que passam d'outro mundo as scismas,  
Rosto bonhado em matinaes albores,  
Peito onde arquejam do infinito as vagas,  
Alma, que dá-se em alimento ás flôres,

Mimo do sol, que vos attrahe os raios,  
E as vossas graças pelo céu propala,  
Vós sois a alvura dos eternos lyrios,  
De cuja essencia a criação trescala.

E quão piedosas não serão as preces  
Dos vossos labios divinaes, risonhos !  
Tranças esparsas, joelhada, extatica,  
Ingenua e candida, escutando em sonhos,  
Por entre os cantos das esferas lucidas,  
E os ais sentidos que o universo exhala,  
E os sons mellifluos do psalterio angelico,  
A voz da santa que do céu vos falla !!

*(Dias e Noites.)*





LUIZ JOSÉ PEREIRA DA SILVA

---

## Riachuelo

POEMA

EXCERPTO DO CANTO III

XLIV

Pouco a pouco a distancia desaparece ;  
Nos ares as bandeiras vão tocar-se ;  
Um a um, no tamanho, o vaso cresce,  
Que caminha, já perto, e vem chocar-se  
No costado, onde o estrondo recrudescer.  
Cada bronze desperta, ao despejar-se,  
Os échos simultaneos, e estridentes,  
Que mil trovões imitam permanentes.

XLV

Avassalando os échos treme o ar  
Cortado por mil laminas de brasa,  
Vivas sempre e accesas, sem mudar ;  
Como de Satanaz se a rubra aza,  
Dos infernos erguida alli mostrar  
Viesse ao mundo quanto mais abrasa  
O fogo desta guerra que o do raio  
Tardio de punir o paraguay.

## XLVI

Depois se quebra a lei de natureza :  
Mudado o sol em fumo se escurece,  
Do dia foge a luz, foge a belleza,  
É nas azas de fogo a noite desce !  
Suspende o rio a viva correnteza,  
Mudando em sangue a onda que enrubesce,  
E treme o abysmo amedrontando as feras,  
Tombando os robles das antigas éras.

## XLVII

Abraçam-se em novellos ar e fumo,  
Misturam e desfazem-se rolando ;  
O vento sopra, eleva-los a prumo,  
Cessa o vento, vão logo se apartando  
Brandas nuvens, correndo, mas sem rumo.  
Dissereis casco, enxarcias se abrasando  
N'um incendio geral sem labaredas, ,  
Laminas rubras pelas chammas tredas.

## XLVIII

Luctando com a terra a canhoneira  
Que de um rio brazileo se chamára  
*Jequitinhonha*, accêsa uma caldeira,  
Distante dos mais vasos se postára.  
Era alli a coragem altaneira  
Que os canhões da barranca desafiára ;  
Era alli quasi um cento de valentes  
Contra mil inimigos combatentes.

## XLIX

Contra mil, porque os outros, abrigados  
A sombra espessa de floresta escura,  
Em punho as armas, quédam-se abysmados  
D'esse arrojo que a tanto se aventura.  
Mas ai! que negra sina e negros fados  
Decretáram tamanha desventura?  
Sobre pedras se arrasta a forte quilha,  
E o vaso se adornando desmantilha.

## L

Nem vossa, Secundino, a culpa sendo,  
Tambem não pesa sobre quem mandava;  
A culpa foi da vaga, pois, descendo,  
De manso e manso o vaso arrebatava;  
Nem a falsa versão dizer pretendo  
Que a terceiro tal perda se imputava,  
Porque ao pratico fido cede a sorte  
Primeiro que ao navio triste morte.

## LI

Atravessa o costado á correnteza,  
A prôa á esquadra, mas a pôpa á terra,  
Onde está toda a imiga fortaleza.  
Descoberto o convés alli aferra  
O contrario seus tiros com crudeza;  
Nascimento no rio já se encerra,  
Benedicto, Sant'Anna e Oliveiro,  
O bravo Motta, Lopes e Ribeiro.

## LII

Quasi o resto da gente sae ferida  
Na lancha ao *Beberibe* transportada,  
*Chica da Paloméra* conhecida  
E a bôca da prôa demandada  
Da *Ypiranga* ligeira na descida  
Em soccoro da misera encalhada ;  
Alli lh'estronda dentro bomba ardente,  
Que parte e rompe o contra do dormente.

(*Riachuelo.*)

~~~~~

FRANCISCO MONIZ BARRÊTO FILHO

Desalento

Perdida vejo a esperança
Que em teus olhos me sorriu !
Resta-me só a lembrança
De um passado, que mentiu,
E, como elle fugiu,
Perdida vejo a esperança !

No outono da minha vida,
Que sinto ja despontar,
Para que, visão querida,
Vens meus sonhos afagar ?
Que posso mais esperar,
No outono da minha vida ?

Bem vês : dentro de minha alma,
O desengano ceifou
A crença, viçosa palma,
Que ao teu sorriso brotou ;
O que fui, o que hoje sou,
Bem vês : dentro de minha alma,

Não redobres a tortura
De meu tantalico amor !
Já que me foge a ventura,
Foge, espectro encantador !
Não rias de minha dôr,
Não redobres a tortura !

Basta que fique a saudade,
Povoando a solidão
De um peito que, por vontade,
Ja não tem mais coração ;
Vae-te, angelica visão !
Basta que fique a saudade.

Confissão de um velho

(IMPROVISO)

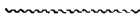
Quando contemplo o divinal sorriso
Que brota de teus labios tentadores,
Como brotavam as primeiras flôres
No chorado terrestre paraíso ;

Quando contemplo a angelica ternura
Que transparece em teu olhar profundo,
Como benção do céu que, n'este mundo,
Viesse redimir a creatura ;

Quando enlevado, absorto nos encantos
De teu gentil e majestoso porte,
Vejo apagada a estrella de meu norte
Nos infinitos estrellados mantos ;

Quando, ou falles ou cantes, Deolinda,
Ouço de tua voz o som mavioso,
Que me enche o coração de infindo goso,
Que n'elle acorda uma saudade infinda !

Quando em teu ser contemplo resumidos
Os prodigios do Ser Omnipotente ;
Me prostro então humilde e reverente,
Chorando meus vinte annos já perdidos !



FAGUNDES VARELLA

A Filha das Montanhas

(ELEGIA)

Esta viveu no meio das montanhas :
Foi seu passar um vôo de andorinha
A' flôr de lago azul, seus verdes annos
 Contaram-se por flôres...
Desconheceu as sedas e os velludos,
Finas alfaias, peregrinas joias...
Talvez pensando no clarão dos astros
 Zombasse dos diamantes !...
O coração pollue-se nas cidades :
Podem ser bons os homens isolados,
Mas, si o nó social n'um corpo os liga,
 Meu Deus ! tornam-se atrozes !
Dobram á lei o collo, e astutos traçam
Mesmo aos olhos da lei, planos do inferno ;
Peste moral de rapido contagio
 Devora-lhes as visceras !
Fazem da negra intriga uma sciencia,
Sabem mentir á sombra da verdade ;
E entre palavras de virtude incensam
 O demo da calumnia !...
Feliz a virgem que repousa agora !
Feliz mil vezes, não pisou nas praças !
Misera flôr, o habito das turbas
 A teria queimado !...
Inda florescem, vêde, os jasmineiros,
Inda as rosas se embalam junto á choça
Onde na sombra a triste mãi chorosa
 Soluça amargamente !

As trepadeiras curvam-se á janella,
Gemem no tecto os pombos amorosos,
Suspenso á porta na prisão gorgeia
O sabiá das serras.

Tudo isto ella adorava, e ella não vive !
E ella passou ligeira como a nevoa
Que o vento da manhã varre do outeiro,
E dissipa nos ares !

Tudo isto ella adorava ! Ao sol poente,
Leda e risonha, coroada a fronte
De rubras maravilhas, leve, airosa,
Vinha regar as flôres ;

E em meio erguida a barra do vestido,
Saltava como a corça, ora amparando
A hastea pendida de viçosa dahlia ;
Outras vezes solicita

Bravias plantas arrancando em torno
Dos pequenos craveiros, ou tranquilla
Contemplando os botões que se entre-abriam
A' frescura da tarde.

E que sentidos cantos que cantava !
Que ingenuos versos ! Que singelas rimas !
Tudo era amor, saudades, esperanças,
Ventura e mocidade !

Depois a seu chamado as aves meigas
Vinhão em bando lhe brincar em torno,
Ora pousando nos bem feitos hombros,
Ora nas mãos mimosas,
Colhendo os alvos grãos que lhes guardava
Sua innocente amiga, ora escondendo
As cabecinhas languidas nas ondas
De seu basto cabello !

Pobres filhos do ar ! Ella está morta !
Ella está morta, a virgem das montanhas !
Chorai, chorai, os genios de além-mundo
Levaram-a consigo !

Olhai ! Seu rosto como é bello ainda !
Que suave expressão nos labios calmos !
Longe de amedrontar-se, ao ver a morte
Parece que sorrira !

Alli junto á palmeira está seu leito,
Sem adornos, sem pompa e sem grandeza ;
A virgem dormirá livre do fardo
 De um marmore pesado,
A virgem dormirá sem o zumbido
De torpes vates, de oradores torpes ;
Poderá descansada ouvir os canticos
 Dos anjos pelo espaço !
No silencio da noite as nuvens brancas
Desceram sobre a leiva consagrada ;
O orvalho das manhãs será tão doce .
 Como o pranto fraterno.
Feliz a virgem morta nas mantanhas !
No ermo despertou, dorme no ermo !
O halito empestado das cidades
 Não maculou-lhe a vida !
Como a limpida gotta que dos ares
Cahe no seio da flôr e aos ares volta,
Sua alma pura em santa luz banhada
 Volveu para o infinito.

~~~~~

## O canto dos sabiás

Serão de mortos anjinhos  
O cantar de errantes almas,  
Dos coqueirões florescentes  
A brincar nas verdes palmas,  
Estas notas maviosas  
Que me fazem suspirar ?

São os sabiás que cantam  
Nas mangueiras do pomar.

Serão os genios da tarde  
Que passam sobre as campinas,  
Cingindo o collo de opalas  
E a cabeça de neblinas,  
E fogem, nas harpas de ouro  
Mansamente a dedilhar ?

São os sabiás que cantam...  
Não vês o sol declinar ?

Ou serão talvez as preces  
De algum sonhador proscripto,  
Que vagueia nos desertos,  
Alma cheia do infinito,  
Pedindo a Deus um consolo  
Que o mundo não póde dar ?

São os sabiás que cantam..  
Como está sereno o mar !

Ou, quem sabe ? as tristes sombras  
De quanto amei n'este mundo,  
Que se elevam lacrimosas  
De seu tumulto profundo,  
E vêm os psalmos da morte  
No meu desterro entoar ?

São os sabiás que cantam...  
Não gostas de os escutar ?

Serás tu, minha saudade ?  
Tu, meu thesouro de amor ?  
Tu que ás tormentas murchaste  
Da mocidade na flôr ?  
Serás tu ? Vem, sê bemvinda,  
Quero-te ainda escutar !

São os sabiás que cantam  
Antes da noite baixar.

Mas ah ! delirio insensato !  
Não és tu, sombra adorada !  
Não são canticos de anjinhos,  
Nem de phalange encantada,  
Passando sobre as campinas  
Nas harpas a dedilhar !

São os sabiás que cantam  
Nas mangueiras do pomar !

*(Obras completas.)*



## SYLVIO ROMÉRO

---

### A Modinha

A festa fervia !... Que voltas ligeiras  
Os corpos adestros lá davam sublis !...  
Que risos, que galas, que fórmas faceiras  
Das jovens matutas nos lindos perfis ! ...

Gemia a viola nos seus devaneios,  
No ar se perdiam das cordas os sons ..  
Nos olhos quebrados, nos tremulos seios  
Que graças, que sustos, que mimos, que tons !...

Na dança em vertigem, as fronte pendidas,  
Aos meigos requêbros, volvia-se um par ;  
Dos threnos suaves, das notas sentidas  
Nas almas cahia sereno orvalhar...

E os olhos fallavam de gozos celestes —  
Brotados nos seios dos sonhos em flôr : —  
Cochichos, carinhos... ruidos de vestes...  
Mas lá do recato sentia-se o odor.

Que doces sonidos de passos sonoros,  
Que bellas miragens revolvem-se então !...  
Aos bons *desafios* dos peitos canoros  
A dança redobra no seu turbilhão...

Recresce o *bahiano* ; nos seus refervidos,  
Em taes rodopios um céu se desfaz...  
Um céu de desejos, de sons, de gemidos,  
De sonhos, de scismas que a vida nos traz...

Cançadas as notas, estanque a loquêla,  
Deixadas as dansas, o par se assentou :  
« Agora a *modinha* !... » « Sim, vamos a ella !... »  
« Quem canta, que chegue !... » « Se querem, eu vou ! »

Disse um da festa : e, pondo os dedos trepidos  
No violão que geme ao seu ardor,  
Dá começo, ao depois que ledó o empalma,  
    « As bellas por quem minh'alma  
    Empallidece de amor !... »

E cresce o canto alegre, suavissimo  
Como puras manhãs todas em flôr...  
O ruído do mundo lá se acalma  
    « Nas bellas por quem minh'alma  
    Empallidece de amor !... »

E das notas que vibra alli dulcissimas  
Sonora a voz do lucido cantor,  
Do bello e da saudade cabe a palma  
    « As bellas por quem minh'alma  
    Empallidece de amor !... »

São sonhos palpitantes, amenissimos,  
Que ao peito nos immergem seu candor ;  
Transparece do céu a vida calma  
    « Nas bellas por quem minh'alma  
    Empallidece de amor !... »

(*Ultimos Harpejos.*)



ANTONIO ALVES DE CARVALHAL

---

## Lesbia

(FRAGMENTOS)

### XII

Ai ! Lesbia, eu tenho saudades  
D'aquelles dias risonhos,  
D'aquelles dourados sonhos  
Tão doces de nosso amor !  
Nós viviamos sorrindo  
De amor, de luz, de poesia !  
Nem uma nuvem sombria !  
Nem um gemido de dor !  
Ai ! Lesbia, eu tenho saudades  
Dos sonhos de nosso amor !

Perto de ti, cada instante  
Via teu rosto encantado ;  
Tinha teu riso engraçado,  
Bebia a luz d'esse olhar ;  
Teu olhar, fonte preciosa  
De inspiração e ternura,  
Onde tua alma tão pura  
Vinha minha alma banhar.  
Perto de ti, cada instante  
Bebia a luz d'esse olhar !

Por ti passava e baixinho  
Te murmurava em segredo ;  
Tu me fallavas com medo,  
Que doces phrases, meu Deus !  
E minha alma arrebatada,

No teu halito embebida,  
Ia fervente de vida  
Prender-se nos labios teus.  
Tu me fallavas baixinho...  
Que doces phrases, meu Deus !

A' noite, tarde, já tarde,  
Inda sósinha á janella,  
Tu me fitavas, mais bella  
Que a lua nos céos azues !  
Eu nem olhava as estrelas  
Lá nos páramos infindos,  
Porque tu nos olhos lindos  
Tinhas mais raios de luz !  
Eu e tu sonhando amores...  
E a lua nos céos azues !...

Mas hoje já nem te vejo !  
De meus olhos afastada,  
Vives chorando, coitada !  
Chamam crime teu amor !  
Só eu sei de teu martyrio !  
Quanta dor tua alma sente !  
Bebes a morte, innocente,  
Sem conhecer-lhe o amargor.  
Ai ! bella, de mim te roubam...  
Chamam crime nosso amor !

Nada no mundo nos resta !  
Das nossas crenças queridas  
Restam as folhas cahidas  
Que se dispersam no chão !  
Embalde buscas dar vida  
A's flôres murchas, criança !...  
Ai ! as rosas da esperanza  
Nunca mais vida terão !...  
Ai ! Lesbia, nada nos resta !  
Só flôres murchas na chão !...



## XVI

Donzella, a triste avesinha  
Vae viver no tecto amigo ;  
Eu sou perdida andorinha,  
Vago errante nos espaços...  
Morro de frio... em teus braços  
Deixa encontrer doce abrigo.

Donzella, a planta pendida  
Revive á gotta do orvalho ;  
Eu sou o lirio sem vida,  
Tu-do orvalho a gotta pura ;  
Vem dar o viço e a frescura  
A' flôr que pende no galho.

Donzella, a abelha amorosa  
Vive do nectar da flôr ;  
Eu sou a abelha, és a rosa ;  
Deixa que em mystico enleio  
A abeilha pouse em teu seio,  
Quero viver d'este amor.

A mariposa contente  
Busca a chamma que a seduz ;  
Teu olhar é a chamma ardente.  
Tu n'este fogo me abrazas ;  
Deixa queimar minhas azas ;  
Quero morrer n'esta luz.

(Lesòia.)



## O Festim de Balthazar

*Mané... Thecel... Pharés...*

### I

« Queimai perfumes, escravas!  
Trazei-nos sandalo e flôres!  
Vinho! Do vinho os vapores  
Levem presagios crueis!  
Por *Baal!* Senhores e donas,  
Não morra o prazer da festa!  
Por *Baal!* Por *Baal!* sôe a orchestra,  
Tangei, tangei, menestréis! »

As luzes tremem nas salas,  
Treme o ouro e a pedraria;  
Das amphoras transborda a orgia  
Como as espumas do mar:  
— « Por *Baal!* Senhores e donas,  
Repete a 'nobre assembléa,  
Ao grande rei da *Chaldéa!*  
Ao grande rei *Balthazar!* »

Rompe a orchestra — e as concubinas,  
Com os seios nús, palpitantes,  
Entoam febris descantes,  
Lasciva, ideal canção;  
E em volta ao seu throno d'ouro  
*Nabonid*, rei poderoso,  
Sente alma a nadar no goso  
Em que se afoga a razão...

E ferve, referve a orgia  
Ao som da orchestra estridente !...  
E a lua toca o occidente  
Sobre a cidade immortal.  
Talvez mande a peregrina,  
Do monte *Ephrain* pendida,  
Um raio por despedida  
Do *Cedron* sobre o crystal.

## II

Manda, sim, sobre ruinas  
(Que ahi só resta um montão)  
Mirando a gentil captiva,  
Dilecta filha de *Abrahão* :  
— Ai terra de Deus querida !  
Ai terra da promissão !

« Terra, terra bemfadada,  
Outr'ora — esposa de *Arão*,  
Hoje ruinas dispersas,  
Hoje o lucto e a escravidão :  
— Ai terra de Deus querida !  
Ai terra da promissão !

« Teus filhos gemem distantes,  
Jámais aqui voltarão.. :  
Murchai, gardenias do prado !  
Chorai, divino *Jordão* :  
— Ai terra de Deus querida !  
Ai terra da promissão !

« Onde as endeixas saudosas  
Dos cantores de *Sião* ?  
Aves do céu, vossos carmes  
Não solteis mais aqui, não :  
— Ai terra de Deus querida !  
Ai terra da promissão !

« Lyrio pendido no valle,  
Varreu-te acaso o tufão?  
Nem uma gotta de orvalho!  
*Isaac! David! Salomão!*  
— Ai terra de Deus querida!  
Ai terra da promissão!

E pela encosta do monte  
A tristezinha lá vai,  
Mandando um ultimo pranto,  
Um doce e sentido ai,  
De um lado á immersa *Sodoma*,  
Do outro ao monte *Sinai*.

## III

E cresce, recresce a orgia  
Nos salões de *Balthazar*,  
Ondas de pura harmonia,  
Ancias de impuro gosar.  
— Emtanto a cidade dorme  
Envolta no manto enorme  
Da noite — somno fatal!  
E aquelle peito gigante  
Devora sede arquejante  
De vicios — sede infernal!

Nas salas grato ruido,  
Luzes, perfumes e amor;  
Lá fóra estranho rugido,  
Surdo — ao longe — e ameaçador.  
No horisonte um fumo denso  
Se eleva, bem como o incenso  
Nas salas e a embriaguez...  
Que importa ao rei o horisonte,  
Se as flôres ornam-lhe a frente,  
Se o ambar corre-lhe aos pés?!

« Ao rei! ao rei pedoroso!  
Ao reino que não tem fim!  
Como o *Euphrates* caudaloso  
Corra a onda do festim! »  
— « Perdão : as taças, senhores.  
Não podem, tão sem labores,  
A' festa de um rei convir ;  
Temos os vasos sagrados,  
São soberbos, cinzelados  
Do ouro fino de *Ophir*.

« Trazei-nos — » já vacillante  
Diz o rei : « Viva o Senhor ! »  
E ruge o vento distante,  
Como um gemido de dôr.  
Entram luzidos criados  
Trazendo os vasos sagrados  
Do templo de *Salomão*...  
— E ruge o vento mais forte,  
Lançando vascas de morte  
Pelos umbraes do salão.

« Transborde o nectar, amigos !  
Eis os vasos de *Jehovah* !  
Nesses labores antigos,  
Vê-se a captiva *Judd*. »  
E cresce o estranho rugido,  
Surdo, rouco, indefinido...  
« São os soluços do *Iran* ! »  
E ruge, ruge mais perto...  
« São os ventos do deserto  
Sobre as areias de *Oman* ! »

Nas caçoulas fumegantes  
Arde o myrto e o aloés,  
Ao som das notas vibrantes  
Sobe, sobe a embriaguez.  
— « Por *Baal* ! Por *Baal* ! pelos *Médos* !  
Quebrem-se as harpas nos dedos,

Trema o tecto do salão ! »  
 Horror ! ao tinir das taças,  
 Nuncio de eternas desgraças,  
 Brame na sala um tufão.

« Depressa, luzes, depressa... »  
 Diz o rei : « longe o terror !  
 Mas não... » e o vaso arremessa,  
 Recúa tremulo... horror !  
 E' que, em meio á noite brusca,  
 Mão, que de brilhos offusca,  
 Toda a sala illuminou ;  
 Cometa, a correr ardente,  
 Estranha cifra candente,  
 Pelas paredes traçou !

## IV

« Meu collar de pedrarias  
 A'quelle que decifrar !  
 Venham magos e adivinhos,  
 Depressa, *Beltisasar*,  
 Elle, o mais sabio de todos,  
 Póde o mysterio explicar ! »

E dorme a cidade lassa  
 Dos vicios na prostração,  
 E cresce, cresce o rugido  
 Qual resonar de um vulcão :  
 Ou é tremenda borrasca,  
 Ou é povo em multidão.

Entre os famosos convivas  
 Mais um conviva apparece,  
 As sandalias do proscripto  
 Traz — quem é que o não conhece ?  
 Diante do rei, se inclina,  
 Do rei que ao vel-o estremece.

« Bemvindo sejas, captivo,  
*Daniel Bellisasar* ;  
Se sabes ler no impossivel,  
Tens alli, podes fallar :  
Terás um manto de purpura,  
Terás meu regio collar. »

De novo ante o rei se inclina  
A cabeça do ancião,  
Depois, elevando a fronte  
Altiva, e estendendo a mão,  
Busca achar da ignota cifra  
A divina inspiração.

Nem do *Tibre* o velho roble,  
Nem os cedros do occidente  
A fronte mais alto elevam,  
Mais nobre, mais imponente !  
O genio é como as estrellas,  
Beija os pés do Omnipotente.

« Rei ! escuta a voz do *Eterno*,  
Que por meus labios te falla :  
O crime mais execrando  
O teu reinado assignala :  
Vê, revê tua sentença  
Escrepta em letras de opála.


« Não ouves bramir confuso  
Como o arfar da tempestade ?  
São os *Persas* que se arrojam  
Sobre os muros da cidade :  
Perdeu-te a lascivia impura,  
Rei ! perdeu-te a impiedade.

« Profanaste os vasos santos  
Nas torpezas de um festim,  
Teus dias foram contados  
Como os da bella *Séboin* !  
Agora o brinde, senhores,  
— Ao reino que não tem fim ! »

## V

Gesto grave, altivo, acerbo,  
Assim falla o escravo hebreu,  
Soletrando o ardente verbo,  
Que mão de raio escreveu :  
E depois, braços pendidos,  
Olhos de chamma incendidos  
Verberando a maldição,  
Deixa a sala, onde se espalha,  
Como trevosa mortalha,  
O terror na escuridão.

E quando o raio primeiro  
Do sol, singrando o horisonte,  
Rompe o denso nevoeiro  
Sobre o cabeça do monte,  
Em vez da cidade altiva,  
Vê — desgrenhada captiva,  
A dissoluta *Babel*,  
E além dos muros colossos,  
D'aquelle povo os destroços,  
E um homem só — Daniel !





## Versos á Maria

Tu, que tens sempre nos labios  
Essa ironia pungente  
Como o silvo da serpente,  
Como a ponta do punhal,  
Me ensina á força, a coragem  
De te arrancar da lembrança  
E matar essa esperança  
Que é meu tormento infernal.

Minha alma era um ermo escuro...  
Das crenças por entre as flôres  
Não vinha a ave dos amores  
Cantar-me no coração.  
Vi-te sorrindo, e adorei-te...  
Minha alma — lyra inspirada —  
Despertara apaixonada,  
Ao toque dessa affeição.

Meu coração tinha fibras  
Por tuas mãos só vibradas ;  
Já por ti foram rasgadas  
Num momento de desdem.  
Que resta do affecto immenso  
Que me juraste mentida ?  
— Uma flôr secca e sem vida  
Que não alenta ninguem.

Perdão... bem sei : foi loucura  
Julgar-te minha, Maria !  
Não podes tu, que és o dia,  
Unir-te da noite ao véo.

Tu és um anjo que canta,  
Eu, um louco que blasphema ;  
Cinge-te a fronte um diadema,  
E a minha queima um labéo.

Uma tarde, as nuvens de oiro  
Rolavam no firmamento...  
Eu chorei ! nesse momento  
Tu eras toda rubor :  
Minha mão tremula e ardente  
Entre as tuas esquecida...  
Minha bocca á tua unida...  
E nós choramos... de amor.

Que sonhos por ti, creança !  
Quanta chimera encantada  
A phantasia arroubada  
Vinha a meus olhos pintar !  
E eu a teus pés derramando  
Esse pranto abençoado,  
Que o coração transportado  
Sabe, sorrindo, chorar.

Menina — eu dava-te flôres,  
Musa — o canto que inspiravas,  
Moça — o amor que me alentavas,  
Anjo — culto e adoração.  
Eu prendia-te aos cabellos  
As flôres da lorangeira ;  
Tu me sorrias faceira  
E me chamavas irmão.

Naquelles dias felizes  
Quanto amoroso segredo  
Contado, baixinho e a medo,  
Ao mar, a Deus, a sofdão !  
Dessa existencia celeste...  
Que me ficou ? — a lembrança,  
E o cadaver da esperanza  
Sepulto no coração.

Deixa que eu lembre : — minha alma  
Nessa lembrança se apura ;  
Deixa lembrar-me a ventura  
Que o teu amor já me deu.  
Desses poemas rasgados  
Resta uma estancia perdida,  
Que ainda falla da vida  
Ao triste que já morreu.

Não te maldigo na angustia,  
Do teu amor não blasphemo :  
Só no silencio é que gemo,  
Eu sei calar-me e soffrer !  
Tenho no semblante a mascara  
Que não te mostra o meu pranto ;  
Vês em meus labios um canto,  
Mas eu me sinto morrer.

Vive feliz : não te accuso,  
Nem te peço o sacrificio...  
Sei que é fundo o precipicio  
Que se abre p'ra nos tragar !  
Tem a desgraça prazeres  
Que o coração comprehende ;  
O incendio que o amor accende  
Não póde o olvido apagar.



CASTRO ALVES

---

## Sub Tegmine Fagi

(A MELLO MORAES FILHO)

Amigo ! O campo é o ninho do poeta...  
Deus falla, quando a turba está quieta,  
A's campinas em flôr.  
— Noivo — Elle espera que os convivas saiam..  
E n'alcova, onde as lampadas desmaiam,  
Então murmura — Amor !

Vem commigo scismar, risonho e grave...  
A poesia — é uma luz... a alma — uma ave...  
Querem trévas e ar.  
A andorinha, que é a alma — pede o campo,  
A poesia quer sombra... é o pyrilampo  
P'ra voar... p'ra brilhar.

Meu Deus ! Quanta belleza nessas trilhas...  
Que perfume nas doces maravilhas,  
Onde o vento gemeu !...  
Que flôres d'ouro pelas veigas bellas !  
Foi um anjo co'a mão cheia de estrellas  
Que na terra as perdeu.

Aqui o ether puro se adelgaça...  
Não sobe esta blasphemia de fumaça  
Das cidades p'ra o céo.  
E a terra é como o insecto friorento  
Dentro da flôr azul do firmamento,  
Cujo calix pendeu !...

Qual no fluxo e refluxo, o mar em vagas  
 Leva a concha dourada... e traz das plagas  
     Coraes em turbilhão,  
 A mente leva a prece a Deus — por perolas,  
 E traz, volvendo após das praias cerulas,  
     — Um brilhante — o perdão !

A alma fica melhor no descampado...  
 O pensamento indomito, arrojado  
     Galopa no sertão,  
 Qual nos steppes o corssel fogoso  
 Relincha e parte turbulento, estoso,  
     Solta a crina ao tufão.

Vem ! Nós iremos na floresta densa,  
 Onde na arcada gothica e suspensa  
     Reza o vento feral.  
 Enorme sombra cahe da enorme rama...  
 E o *pagode* fantastico de Brahma  
     Ou velha cathedral.

Irei contigo pelos ermos — lento,  
 Scismando, ao pôr do sol, n'um pensamento  
     Do nosso velho Hugo.  
 — Mestre do mundo ! Sol da eternidade !...  
 Para ter por planeta a humanidade,  
     Deus n'um *cerro* o *fixou*.

Ao longe, na quebrada da collina,  
 Enlaça a trepadeira purpurina  
     O negro mangueiral...  
 Como no *Dante* a pallida *Francesca*,  
 Mostra o sorrizo rubro e a face fresca  
     Na estrophe sepulchral.

O povo das formosas *Amaryllis*  
 Embala-se nas balsas, como as *Willis*  
     Que o *Norte* imaginou.  
 O antro-falla... o ninho s'estremece...  
 A *Dryade* entre as folhas apparece...  
     Pan na flauta soprou ! . .

Mundo estranho e bizarro da chimera,  
 A fantasia desvairada gera  
     Um paganismo aqui.  
 Melhor eu comprehendo então Virgilio...  
 E vendo os Faunos lhe dansar no idyllo,  
     Murmura crente : — Eu vi ! —

Quando penetro na floresta triste,  
 Qual pela ogiva gothica o anthiste  
     Que procura o Senhor ;  
 Como bebem as aves peregrinas  
 Nas amphoras de orvalho das boninas,  
     Eu bebo crença e amor !...

E á tarde, quado o sol — condor sangrento  
 No occidente se aninha somnolento,  
     Como a abelha na flôr...  
 E a luz da estrella tremula se irmana  
 Co' a fogueira nocturna da cabana,  
     Que accendêra o pastor ;

A lua — traz um raio para os mares...  
 A abelha-traz o mel... um threno aos lares  
     Traz a rola a carpir...  
 Tambem deixa o poeta a selva escura  
 E traz alguma estrophe, que fulgura,  
     P'ra legar ao porvir !...

Vem! Do mundo leremos o problema  
 Nas foíñas da floresta ou do poema,  
     Nas trévas ou na luz...  
 Não vês ?... Do céo a cupula azulada,  
 Como uma taça sobre nós voltada,  
     Lança a poesia á flux !...

(*Espumas Fluctuantes.*)



## O Bandolim da desgraça

Quando de amor a Americana douda  
A moda tange na febril viola,  
E a mão febrênta sobre a corda fina  
Nervosa, ardente, sacudida rola,

A guzla geme, s'estorcendo em ancias,  
Rompem gemidos do instrumento em pranto...  
Choro indizível... comprimir de peitos...  
Queixas, soluços... desvairado canto!

E mais dorida a melodia arqueja!  
E mais nervosa corre a mão nas cordas!...  
Ai! tem piedade das crianças louras,  
Que soluçando no instrumento acordas!...

— Ai! tem piedade dos meus seios tremulos. —  
Diz estalando o bandolim queixoso.  
E a mão palpita-lhe apertando as fibras...  
E fere, e fere em dedilhar nervoso!...

Sobre o regaço da mulher trigueira  
Douda, cruel, a execução delira!  
Então — co'as unhas côr de rosa, a moça,  
Quebrando as cordas, o instrumento atira!...

. . . . .

Assim, desgraça, quando tu, maldicta,  
As cordas d'alma delirante vibras,  
Como os teus dedos espedaçam rijos  
Uma por uma do infeliz as fibras!

— Basta — murmura esse instrumento vivo.  
 — Basta — murmura o coração rangendo.  
 E tu, no entanto, n'um rasgar de arterias,  
 Feres lasciva em dedilhar tremendo.

Crença, esperança, mocidade e gloria,  
 Aos teus harpejos — gemebundas morrem!  
 Resta uma corda... — a dos amores puros...  
 E mais ardentes os teus dedos correm!...

E quando farta a cortezã cansada  
 A pobre guzla no tapete atira,  
 Que resta?... — uma alma, que não tem mais vida,  
 Olhos sem pranto! desmontada lyra!

*(A Cachoeira de Paulo Affonso.)*





## MELLO MORAES FILHO

---

### Ponte de lianas

Eis a floresta, o valle, o ermo agreste,  
Em que as aves do céu passam cantando !  
O rio que de estrellas se reveste  
A' limpidez da noite murmurando ;  
A balsa plena desse odor celeste,  
Qual incenso que a Deus sobe voando ;  
Em que nas sestas, ao páo d'arco-louro,  
Canta a cigarra d'esmeralda e ouro.

Além se eleva, á fonte debruçada,  
A triste piassaba em seu deserto,  
Como a viuva á terra abençoada,  
A' terra santa de um sepulchro aberto.  
Talvez, oh sim ! — quem sabe ? — a malfadada  
Pergunte ao echo pelo ar desperto :  
— Que é da tribu que vinha aqui, responde !  
E o echo repercute : aonde... ? aonde... ?

Eterna solidão pende dos braços  
Do silencio do ermo e da campina ;  
Ebria de orvalho e brisas dos espaços,  
Dobra a corolla a flôr adamantina ;  
E do vargado aos humidos regaços,  
Ao capinzal tostado que se inclina,  
Junto d'um lago que desfaz-se em risos  
Se escuta a cascavel soar seus guizos.

Nos grossos arvoredos seculares  
Enroscam-se as lianas rescendentes :  
Umás, lá trepam, vão topar com os ares,  
Cahindo em chuva dos ramaes pendentes ;

Outras, descendo a rocha, a novos lares  
Os tectos verdes forram, quaes serpentes ;  
Enreda a sicopira, alastra a fresta  
O polvo de lianas da floresta.

Tomando de um cipó que desamarra,  
Se atira n'agua a india forasteira,  
E á outra banda do riacho amarra  
A corda ao tronco que lhe fica á beira ;  
E suspensa á liana em que se agarra,  
Levando a ponta á que ficou fronteira,  
Enlaça — e tem por premio a seus labores  
Caminhar n'uma ponte aberta em flôres.

Suave curva aerea e caprichosa  
Ella descreve em lyricos festejos ;  
Paira-lhe n'agua a sombra perfumosa  
Que os vagalumes crivam de lampejos.  
E sob um céu azul, ether de rosa,  
Da natureza aos barbaros arpejos,  
Passa o caboclo tardo e sem conforto  
A' taba conduzindo o tapir morto.

*(Cantos do Equador.)*



## A Morte do Sol

(LEENDA DO GUANUMBY)

### I

Craneo de fogo — o Sol — n'arcada côr de bronze  
Das nuvens do poente, a morredoura chamma  
Fantastico tremúla : assim d'um templo gothico  
D'eterno candieiro a avermelhada flamma.

O céu, o ermo, a terra, e a floresta, os bosques,  
— Lanterna em mãos de sec'lo, em luz infinda alaga;  
E quasi a se apagar, lampejos fulgurantes  
Despede e se retrahe, qual vaga após a vaga.

Qual beduino grupo, as encelladas rochas  
Da cordilheira excelsa, em funebre attitude,  
Esperam que o Sol morra... e os seios de granito  
Lhe abrem, se afastando, ao peso do atáude.

Um pallio erguido ao céu de franjas de azinhavre  
Avista-se encostado ao horizonte escuro ;  
Convivas do trespasso, as vagarosas ilhas  
Desdobram sobre a fronte o ethereo azul mais puro.

De Siva é um *pagode* a natureza augusta ;  
Furnas de treva e opála as nuvens do arrebol ;  
E afulvando a espadua ás gigantescas sombras,  
Como o Christo a morrer — vae descambando o Sol!

## II

Nas penumbras transparentes  
Triste, triste e sem conforto,  
Na rêde a cabocla brava  
Embala o filhinho morto.

E cai-lhe o pranto na face  
Listrada, bronzea, trigueira :  
Do mar de angustias profundo  
E' elle a perla primeira.

Os insectos morderes  
Com a verde rama afugenta ;  
E as flôres do valle espiam  
A noite que desce lenta.

E canta um canto selvagem,  
Canto bem tosco, infeliz,  
Na crença das suas crenças,  
Na lingua do seu paiz.

— O *guanumby*, que vôa e que revôa  
Nas flôres do anajá,  
Não veiu aqui pousar, — e por tres vezes  
O sol já veiu, já !

O *guanumby*... que chupa a alma do infante  
Que o corpo sem calor  
Deixou — e foi dormir entre os perfumes  
Na mais vizinha flôr.

O' brisas, que passais nessas montanhas,  
Na montanha parai ;  
Emquanto eu vélo, ó échos dessas terras,  
Passai longe, passai !

Ao filho do guerreiro um genio alado  
 Colheu no seu caminho :  
 Assim do gavião na garra acorda  
 Da selva o passarinho.

Raios do Sol, luares côr das aguas  
 Que ás aguas scintillais,  
 A leve tumba de douradas plumas  
 Que teceram seus paes,

Vinde encantar — suspensa aos arvoredos,  
 Onde a ave seduz,  
 Tornando as pennas do macio berço  
 Em grinalda de luz.

O *guanumby*, que vòa e que revòa  
 Nas flôres do anajá,  
 Virá chupar-lhe a alma antes da noite  
 E leval-a a Tupá

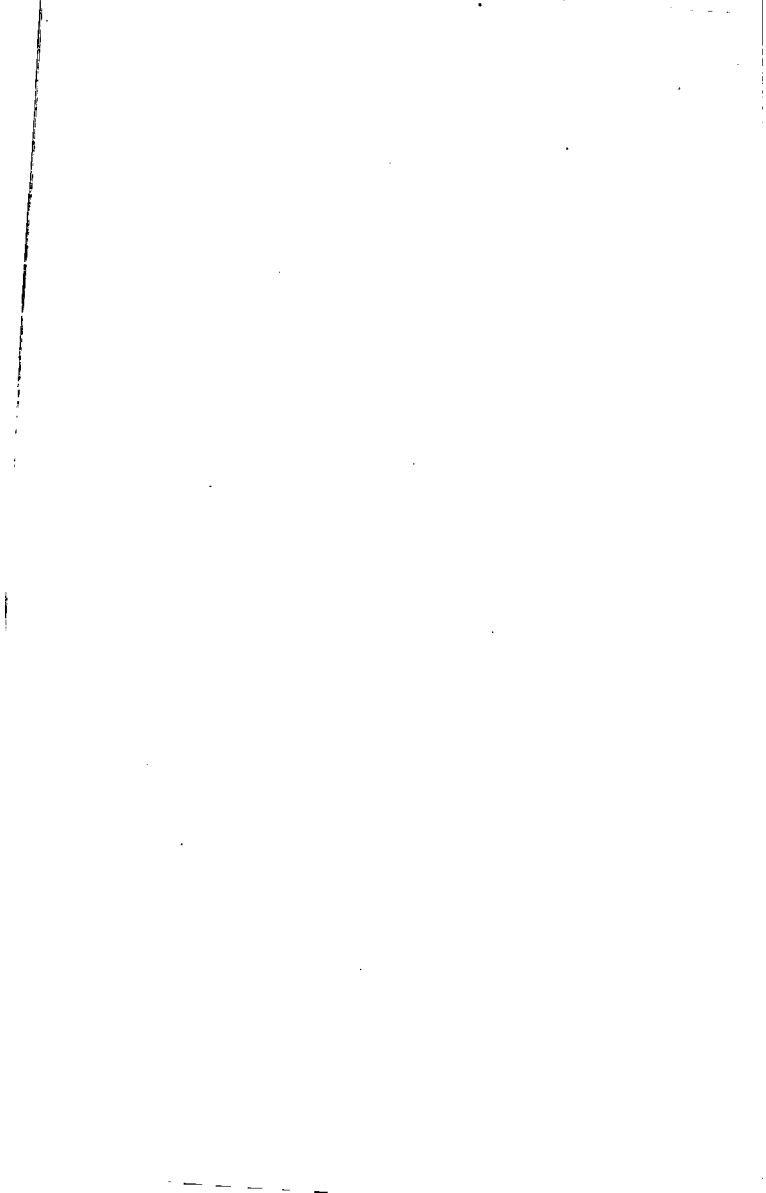
### III

Longo caixão de chumbo, as alvacentas brumas,  
 Das serras no cabeça, enchendo o espaço informe,  
 Depõem, ao psalmo funebre do oceano esplendido,  
 Que escorre, se espojando, a espumea crina enorme.

.....  
 O'magica bellezal... O' meus maternos climas!...  
 Nautas— os montes nús—alçando o esquite aos ares,  
 Como o finado a bordo, aos fogaréos do occaso  
 Dão por sepulchro ao Sol o penetal dos mares !...

(*Cantos do Equador.*)

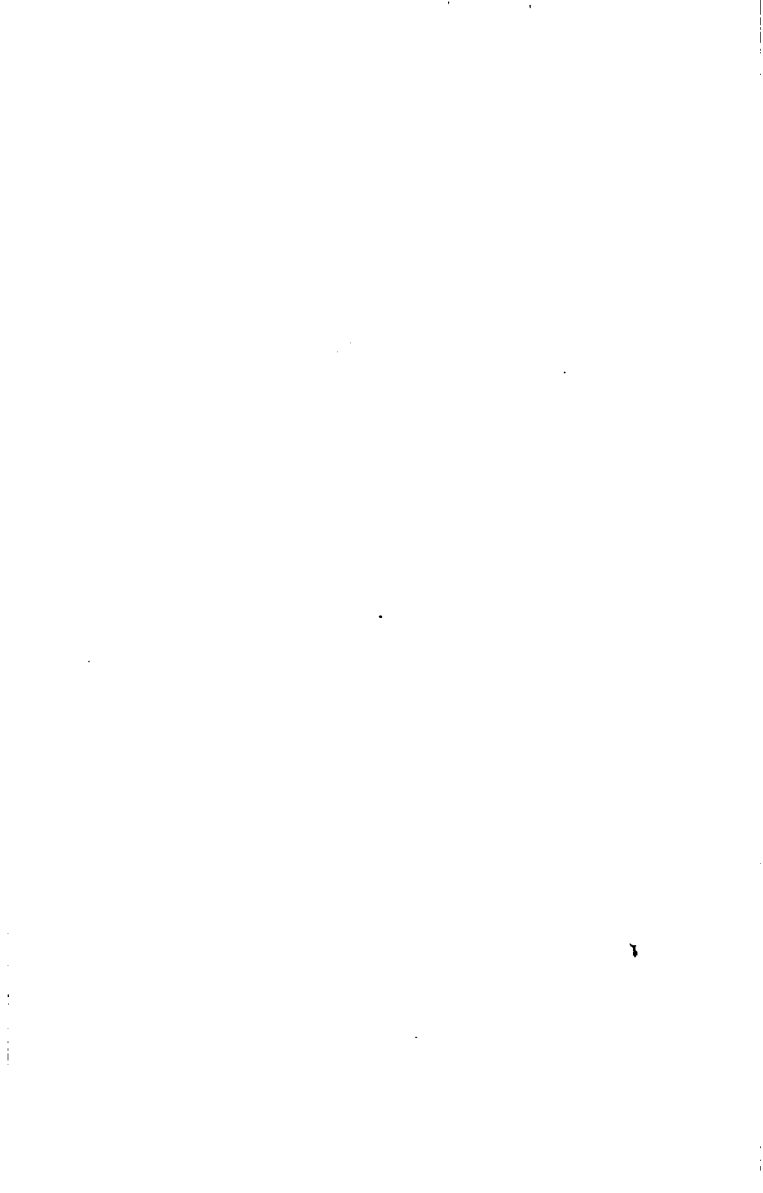




SEGUNDA PARTE



SCIENTISTAS





## SYLVIO ROMÉRO

---

### A Alma

Aqui da fronte é que desponta a aurora,  
Aqui do peito só que o amor se exhala ;  
Grega sublime, Psyché formosa,  
Num sonho doce quem te ouvira a falla,  
O riso meigo, o harmonioso aneio  
Dos teus enlevos !... Nas madeixas tuas  
Ah ! quem pousara de um suspiro, ao menos,  
O tenue mimo... nas espaduas núas !

Mas, sonhadora, que altivez é essa ?  
Deixando os labios, vais beijar as flôres ?  
Dá que o teu seio deslumbrante e meigo  
Nos mostre a vida dentro em seus fervores,  
O vento fresco das manhãs saudosas,  
O azul da vaga, que desperta agora,  
Todo o susurro, que os jasmims ondeam,  
Por tuas graças é que tudo adora.

Oh ! bella imagem das ternuras brandas,  
O teu perfume pelo céo foi feito ,  
Tu, que acordaste de uma scisma aos frocos  
Envolta, e núa do sidereo leito.  
Lindo o teu corpo, que as paixões desfolhas  
Já de cançadas de te ver ausente,  
Dize — nas dobras de teu seio — occulta  
Tambem uma alma não palpita e sente ?...

Como que a vida se evapora em risos,  
Lá no sacrario dessa noiva santa !  
As nuvens louras dos cabellos soltos,  
Rosada a bocca, que as manhãs encanta,

Inda mais bella si ás estrellas falla,  
 Não... não e tudo... mas o puro espanto  
 Dos seus olhares, que reflectein mudos  
 A gloria e a sorte em divinal quebranto ? !

Sim, ver-lhe o corpo, na expressão de um sonho,  
 Tingida a neve pela côr das rosas,  
 Tão transparente, que a sua alma em extase  
 Mostra-se toda nas feições mimosas ;  
 Ver como um susto lhe descóra a face,  
 Como um anhelos lhe entumece o seio,  
 E' ter a fronte sepultada em brilhos  
 Longe os mysterios desvendando a meio. —

Sentir-lhe a vida perfumosa, em ondas  
 Rolando cheia, borbulhando em ilôres,  
 E sob o collo lhe ver a alma aberta  
 Em seus effluvios, lá nos seus fulgores,  
 Bello espectaculo ! E como todo o riso  
 São devaneios, são caprichos vagos,  
 Como os desejos os ondulamentos  
 De alguma idéa que suspira affagos !...

O céu brilhante dessa plaga hellenica  
 Sopra a bafagem perfumosa e amena,  
 E lá dos astros desce o encanto fulgido,  
 A paz, a calma, a mansidão serena.  
 E com os enleios de sereia languida,  
 E com os arroubos de bacchante louca,  
 Todos os sonhos, palpitanes, tumidos,  
 Abrem as azas... A amplidão é pouca !

E' da alma a empreza. Que expansões suaves !  
 Assim Homéro devassara a sorte.  
 Platão entrava na sortida, ás vezes,  
 Trazendo sempre mais um raio forte.  
 Aqui da America na agitada arena  
 Cada um suspiro traz um céu no fundo,  
 A cada ideia não sacia um astro,  
 Que nós sentimos vacillar o mundo.

Sim, nós provamos que o tufão que passa  
Traz-nos de longe alguma nova infinda,  
Que a flôr aberta á madrugada amavel  
Sabe um segredo que não disse ainda.  
Voai, desejos! aquecei-vos todos  
A' luz sagrada deste sol que brilha,  
Mas que parece que tambem procura  
D'outras grandezas a sonhada trilha.

*(Cantos do fim do Seculo.)*



JOSÉ IZIDORO MARTINS JUNIOR

---

## Synthese Scientifica

Seculo dezenove ! O bronze do teu vulto  
Ha de ser venerado, ha de se impor ao culto  
Dos posteros, bem como impõe-se á escuridão  
Um relampago, um raio, um brilho, uma explosão!

Has de ser endeusado, atleta ! Has de servir  
De exemplo, de phanal aos povos do porvir,  
Como a estrella polar serve de rumo ás náos,  
Como serve a miseria em seus esgares máos

De guia para o crime ! O' seculo do labor !  
As tuas creações, teus tunheis, teu vapor,  
Tuas forjas, teu ar, tua electricidade,  
Tua philosophia e tua heroicidade,

Tudo isso ha de formar por cima do futuro  
Um pallio radiante, enorme, azul e puro,  
Sobre o qual, sem o ver, eu sinto desde agora  
Que hão de ir em procissão bellos como uma aurora

Todos os cidadãos deste paiz — a Sciencia ;  
Todo filho da luz ou toda consciencia  
Lavada pelo amor — o grande agente altruista !

O' seculo immortal, ó seculo em que a conquista,  
A guerra, as religiões e as velhas monarchias  
Têm tombado no chão nojentas como harpias,

Tristes como o deserto ! Eu curvo-me ante ti  
E ponho o joelho em terra afim de orar daqui  
Ao teu busto ideal, titanico, estrellado !...

No alto da nossa idade eu vejo desfraldado  
Um panno colossal, vibrante aos quatro ventos  
Das novas intuições, dos novos pensamentos.

E', o eterno estandarte enorme do saber,  
De cujas dobras sahe o roseo amanhecer  
Do dia da Justiça!

Ahi, sobre esses cimos  
Onde a luz ri-se ao ar como a criança aos mimos,  
Acampam-se do estudo os rijos batalhões.

Os soldados viris que têm por munições  
De guerra os bisturis, as lentes, os compendios,  
A analyse e a razão, e queimam-se aos incendios  
Do desejo de lêr, de abrir, de observar  
Tudo o que ha, desde a flôr, o seixo, o nenuphar,  
Até a lei fatal da luta pela vida ;  
Os voluntarios da alma, os homens bons da lida  
Do futuro, — ahi'stão, lá tem os seus quartéis,  
Seus craneos geniaes, seus livros, seus farneis !...

Sim. No dorso do sec'lo eleva-se a montanha  
Alterosa, idéal, fascinadora, estranha,  
Das victorias de luz que a Sciencia nos seus pleitos  
Tem até hoje ganho...

Habitam nella os peitos  
Dos sabios, dos heróes, dos magos do presente,  
E é ahi que se guarda a polvora estridente,  
Com que se faz voar a petrea cordilheira  
Do erro, pelo ar, como uma fina poeira !

. . . . .  
. . . . .  
Attentemos portanto alli, naquelles cumes  
Onde estão faiscando os scintillantes lumes  
De uma accumulacão de humanas nebulosas.  
Fitemol-os com força. Eu vou bem como as rosas  
Abrir, para os saudar, a corolla odorifera  
D'uma canção de crente, harmonica, lucifera !

Mas antes...

Olha tu, homem moderno, escuta :  
 — Eu vejo te pesar uma cegueira bruta  
 Sobre o corpo, sobre'alma. Um sujo calabouço  
 Odioso como um crime, ignobil como um osso,  
 Desses que andam ahi roidos no monturo  
 Pelos cães sensuaes ; um calabouço escuro,  
 Ferreo, caliginoso, inquisitorio, immundo,  
 Eis o que me parece o abominavel mundo  
 Em que te vejo triste, aniquilado, exausto !  
 A meus olhos estás descrente como Fausto  
 Sem teres entretanto aprofundado o céu  
 Como elle o fez primeiro, e levantando o véo  
 De toda cousa estranha, occulta, mysteriosa.  
 Não sabes como eu choro a vida tormentosa,  
 A turbida existencia hedionda que tu levas !  
 Imagino ao te ver que moras n'umas trevas  
 Feitas da meia-noite escura da ignorancia  
 E da lama do erro ! Estás como na infancia  
 Apesar de já seres velho desde muito.

. . . . .  
 E' que nunca lançaste ao menos um fortuito  
 Olhar ao novo deus, á nova providencia,  
 A quem a nossa idade appellidou de Sciencia !  
 E' que tu nunca olhaste as purpuras risonhas  
 Do Ideal do teu tempo ; é que ainda tu sonhas  
 Com o velho mundo, enquanto o mundo novo canta  
 Em roda do teu lar o hymno que levanta  
 As almas á região das grandes utopias  
 Louras como o verão nos seus sonoros dias !...

Tu, meu pobre burguez, deixaste-te ficar  
 Com a tua intelligencia ao pé do limiar  
 Dantesco e monachal da turva idade média.  
 Não quizeste applaudir a rispida comedia  
 Do rir voltairiano enorme e dissolvente ;  
 Não soubeste julgar a força omnipotente  
 Da vasta encyclopédia e mais de oitenta e nove ;  
 Continuaste a crer em Pedro, em Christo, em Jove,

Nos reis, no imperador, nos prades e no inferno,  
 E emfim não penetraste o portico moderno  
 Do seculo dezenove — a cathedral de idéa !

Dahi — esse teu ar, a catadura feia  
 Que eu noto agora em ti...

Entretanto é preciso

Que tu fites além o luminoso viso  
 Dos montes da Verdade e do saber humano.  
 Has mistér de fugir do ergastulo tyranno  
 Chamado indiferença á que tens sido preso  
 E has mistér de deixar por uma vez o vesio  
 Do passado e da fé religiosa, velha,  
 Que só te deixa ver a creação de esguelha !

. . . . .  
 . . . . .

Para isso é bastante esse pequeno esforço :

— Olhar para os clarões que o sec'lo tem no dorso !

O seculo tem no dorso o estado positivo

Esse estado, essa phase é como um largo crivo  
 Feito pela razão na consciencia humana,  
 Por onde agora jorra a onda soberana  
 Da verdade moderna.

O espirito do homem

Cançado de buscar nas brumas que se somem  
 A razão do seu ser e mais da 'natureza,  
 Cançado de trilhar a intermina deveza  
 Das hypotheses vãs, dos sonhos das chimeras,  
 Volveis como o mar, franzinas como as heras,  
 Parou junto a esse marco erguido em seu caminho  
 Como um viajante pára em frente de um moinho.

Marco fecundo ! Então, desde esse mesmo instante,  
 Elle poz-se a cavar com força triumphante  
 O solo do Real. Ficaram para traz  
 Os mysterios, o vago, as phantasias más

Que tanto haviam já desfigurado a Sciencia,  
E hasteou-se a bandeira, emfim, da Experiencia  
Schre a ferrea muralha impavida do estudo!

Agora essa bandeira é que domina tudo.

Nos paços da Sciencia onde antes se sonhara,  
O sabio de hoje pensa, observa, lê, compara  
A materia no seus phenomenos gigantes,  
Descobre-lhes as leis severas e constantes,  
E afinal a poder de genio e de trabalho  
Extrahe dessa jazida o rutilo cascalho  
Onde está encerrado o brilhante formoso  
Da verdade immortal, do Facto luminoso!

Foi de França que ergueu-se a aurora desse estado.

Augusto Comte foi o sol esbraseado  
Dessa immensa manhã, dessa alvorada immensa  
De que o mundo fez logo a sua nova crença.  
Havia tempos já que a humanidade ouvira  
(E' certo), como se ouvem as queixas d'uma lyra  
Vibrando n'amplidão por uma noite antiga,  
A voz de Galileu commovedora, amiga,  
Unida ás de Descarte e Bacon e de Harvey,  
Dizendo-lhe se estar forjando a grande lei  
Da idade positiva hodierna...

Mas só Comte

Poude, estoico, escalar o alevantado monte  
No pincaro do qual via-se a neve branca  
Da nova concepção do mundo, recta e franca!  
Deixando em baixo Kant, Simon, Burdin, Turgot,  
Newton e Condorcet, e Leibnitz, — voou  
Elle para as alturas magicas da gloria,  
Após ter arrancado ao pelago da Historia  
A vasta concha azul da Sciencia social!

Ah! Como eu sorvo a luz que vem desse phanal,

Como eu amo o clarão que vem dessa conquista!...



COSTA SENNA

---

## Natura Mater

(FRAGMENTO)

Natureza infinita, mãe dos seres !  
Quem póde contemplar-te sem vertigem,  
Sempre a mesma, immutavel, magestosa,  
Nos sóes do firmamento e além ainda,  
Ou no atomo subtil, que não se apalpa !  
Eras a mesma, que eu contemplo agora,  
Na infancia da terra. — Então soberba  
Te miravas nos fetus gigantescos,  
Nos medonhos lagartos do oceano,  
Nas aves monstros, no mamouth colosso :  
Como hoje, na 'sculptura deslumbrante  
Da filha da Circassia, na plumagem  
Furta-côres das aves brasileiras,  
Nas plantas odorosas do Oriente !...

Que cabeça mortal te abrangeria  
P'ra ler em tua essencia, que se espraia  
Pelo espaço sem termos, insondavel !  
Vê-se a tua belleza sempiterna  
No arrebol da manhã, na flôr do campo :  
A tua sempre viçosa juventude,  
Nas faces pudibundas da donzella,  
No esquecido infusorio. — Da borrasca  
Nos sombrios bulções, lê-se o teu nome  
Do fogo em caprichosos hieroglyphos ;  
Tua força se presente, quando abalas  
Da terra os alicerces, quando arrojas  
Para longe da praia os oceanos,  
E, do cimo fendido das montanhas,  
Choves em lavas — mineraes candentes,  
E rochas a teu sopro derretidas !...

Oh! quem póde pensar sem ter vertigens,  
 Que do mesmo crisol, em que se funde  
 O granito, a platina, o ouro, o quartzo  
 E o rebelde carbono crystallisa,  
 Sahe tambem das flôres leve pollen  
 E a aza multicolor da borboleta!  
 Que fazes rebehtar da vida o leite  
 Dos peitos da mulher, e a morte escondes  
 No leite, que as enphorbias alimenta!...

Vida e morte!... — Palavras sem sentido,  
 Que em teu seio sombrio se confundem,  
 E se estreitam n'um laço indissolúvel.  
 — Condição necessaria uma da outra —  
 O alento, que infundes no ser vivo,  
 As molas da materia cedo estraga,  
 E se perde de novo em sua essencia;  
 Enquanto que o cadaver, — o envolvente  
 De teu halito vital, vai de mañsinho  
 Perfumes rescender nas açuceñas,  
 Volitar n'um insecto sobre o lago,  
 Nas retortas do sabio s'inflammar!...  
 Do cerebro`soberbo do monarcha  
 Fazes ossos ao rude proletario,  
 E dos musc'los do açor a mansa rôla!  
 Rainha inexoravel, que só queres  
 Ostentar tua essencia immoredoura  
 Na escala infinita da existencia!...

Como eu me sinto grande, quando penso,  
 Mundos perdidos na amplidão do espaço,  
 Seres todos da terra, que no seio  
 Da augusta natureza nos fundimos  
 N'uma estreita unidade! — Quando penso  
 Que são raios do sol, que se transformam

No manso compassado movimento  
 Deste musc'lo, que pulsa sem descanso,  
 ite e dia em meu peito! Quando penso

---

Que são as selvas do Hindostão e da Africa  
Que extrahem para mim o gaz da vida,  
Desse ar pesado, que ennegrece o sangue,  
Mas que lhe dá á seiva alento novo!

Não me escutas, bem sei. — Inexoravel —  
Morte, vida, prazer e desventura  
São iguaes a teus olhos! — Mas não posso  
Reter o canto ardente, que expontaheo  
Me rebenta do peito acceso em febre.  
Quando, tuas grandezas contemplando,  
Me extasio esquecido de mim mesmo,  
Natureza infinita, mãe dos seres!...



## Os Dois Amphitheatros


. . . . .  
. . . . .

Eil-a a enorme ellipse em marmore talhada !  
Abobada de pé, arcada sobre arcada,  
A mil symbolos d'ouro, emblemas e floreios  
Em torno á columinata, a descreverem veios  
Artísticos, subtis ionios, corynthios, doricos,  
E em cada capitel poemas allegoricos,  
Onde ainda se vê, trazendo rico espolio  
De mais uma conquista ao alto Capitolio,  
Se debuxar, a par do mytho olympiano,  
O carro triumphal do imperador romano.  
Aqui está de Marte o carrancudo busto,  
Alli a fronte esbelta e bacchica de Augusto.  
Abala o amphitheatro a turba em vozeria :  
« Ave, Cezar ! » — E o rei na excelsa galeria,  
Como o cão que foreja inanimada caça,  
Sorri-se prazenteiro a toda populaça.  
Dá signal o pretor, e das jaulas na arena  
Atira-se um leão á frente de uma hyena.  
Medem-se n'um momento os rudes combatentes,  
As caudas ferem o ar, rosnam por entre os dentes ;  
E como se um tufão roncasse nas collinas,  
Lança nuvens de pó o sópro das narinas.  
Arremettem de encontro os feros ahimaes ;  
Choçam-se a lacerar aquelles dous rivaes,  
E attonitos, de pé, estacam de repente  
Co'a celeuma que se ergue festival, fremente  
Da plebe que os receia, applaude e surprehende.  
Por todo o circo, então felino olhar se estende.

Olhar que em cada uma esplendida pupilla,  
 D'envolta com o desprezo, a colera fuzila!  
 O sangue lhe rebenta em jorros das mandibulas  
 Que batem-se a ranger sem descansar estridulas!  
 E trava-se de novo a interrompida luta!  
 As fauces o leão a escancarar, ja nuta!  
 Mas volta-se de um salto, a redobrar de esforço,  
 E no contrario flanco e no contrario dorso  
 Crava de uma só vez as aguçadas garras.  
 Do povo o borborinho estronda em algazarras  
 Que ao barbaro duello os animaes açulam!  
 As feras rebramindo enoveladas pulam;  
 Rolam ambas por terra e ambas de pé logo  
 Ensaiam novo ardil n'aquelle feroz jogo:  
 Até que um uivo surdo, extremo, vacillante,  
 Mostra a victima exsangue, inerme, agonisante,  
 Cahir no ultimo arranco, os musculos desfeitos,  
 Inerte o coração nos descarhados peitos!  
 Era um lago de sangue, a revolvida arena  
 E o vencedor leão rugia pela scena!  
 Um moço gladiador e principe que era  
 Ao circo se arremessa e desafia a féra.  
 Ao ver que luta nova estava a ser travada  
 Expande-se em delirio a turba enthusiasmada.  
 O joven soberano, o cortezão mendigo,  
 Que esmola uma corôa ao Cezar, seu amigo,  
 Arrosta do animal a rabida ameaça:  
 Explora lisongeiro a cobiçada graça,  
 E ao protector monarcha o seu valor attesta.  
 — Era mostrar-se o sol no céu daquelle festa!  
 Como que adormecendo á gloria indifferente,  
 Ou a pensar talvez na sorte inconsequente,  
 O intrepido animal fôra deitar-se ao fundo,  
 O altivo imperador ostenta-se jocundo!  
 « Elle recusa o repto! » exclama a turba louca.  
 Anima-se o mancebo, avança até a bocca  
 Do vencedor feroz e o gladio seu embebe  
 Na espessa e crespa juba em que veloz recebe  
 O rapido leão o golpe sem effeito;  
 O prelio ia ferir-se a peito contra peito!

Dupla animalidade em um só corpo finge  
Aquelle grupo em terra a semelhar esphinge !  
Acaso as forças d'alma, as forças da materia,  
Do espirito o sehtir, o circular da arteria  
Não pleiteam tambem contenda tão renhida  
No ergastulo fatal do que se chama a vida ?  
Lutar para viver — não é esta a divisa  
Que a natureza em tudo eterna symbolisa ?  
D'um lado a intelligencia e d'outro lado o instincto,  
Quem o laurel teria em rubro sangue tinto ?  
De Lacoonte a furia se estorcendo em dores  
Parecia o arfar dos dois batalhadores !  
Jupiter o sustem ! condul-o alguma Déa  
Qual Hercules outr'ora aos bosques de Neméa !  
Attenta á cruel pugna a multidão murmura.  
A praz-se inda o leão e o prelio, então, perdura  
Indeciso, tremendo, incrível e assombroso !  
Mas como sempre vem o enjôo apoz o gozo,  
Aquelle que mais força e armas tem consigo  
Estreitamente aperta o peito do inimigo,  
Os ossos seus esmaga, as carnes dilacera...  
Assim inda esta vez ganhava o pleito a féra :  
A juba a sacudir que sangue e pó espalha,  
Domina o animal o campo da batalha ;  
Rdeia então a presa e ironico a anima ;  
Fareja a regia fronte e assenta a pala em cima.  
Applauso sobre applauso, em frenesi resôa !  
Ribomba pelo circo, estronda, além echôa !  
O Cezar de sua festa enthusiasmado, ufano,  
Decreta ao vencedor o titulo de romano.

(A Idéa.)



## O Reino Mineral

Guiado pela luz tremula de uma tocha,  
Desci a uma caverna e interroguei á rocha :  
« Muda, esteril jazida, onde sómente medra  
A hera mesquinha, foste, ó pedra, sempre pedra ?  
Suffocada em carbono, em cyclos sem limite,  
Choraste sempre assim prantos de stalactite ?  
Não sentiste da lua o languido desmaio ?  
Nunca o sol te enviou um glorioso raio ?  
O ar livre, embalsamado em effuvios suaves,  
O ar livre, alma da flôr, o ar livre, alma das aves,  
Não poude penetrar jámais teu duro seio ?  
A vida mysteriosa alguma vez não veio  
Uma flôr, uma planta, uma raiz trazer-te,  
Avigorando assim tua existencia inerte ?  
O' pedra, sempre foste o Prometheu captivo  
Da inacção, sem gosar do protoplasma vivo ? »

Mas, ao baço clarão da tocha, extincta quasi,  
Estremeceu, por fim, a pedra em sua base,  
E tudo começou a resurgir da morte,  
Ao clarão de uma luz interior mais forte.  
Um blóco de granito entumecido augmenta  
E de accêsa esmeralda em arvores rebenta.  
Um seixo abre-se em flôr, outro enrubece em fructo  
E basta floração sáe do rochedo bruto.  
E' o reino vegetal em sua plenitude,  
Na robusta explosão da seiva e da saúde.

Alarga-se o horizonte, e onde quer que se estenda  
A vista, um novo mundo immenso se desvenda

De arvores, de animaes, de passaros, de insectos  
E de seres, enfim, de multiplos aspectos.  
Monumentos, Babeis, populosas cidades,  
Esquecidas no pó das pristinas edades,  
Como num cosmorama ao resoar da orchestra,  
Resurgem ante mim do seio da floresta !

E num desdobramento enorme, rediviva,  
Eu vi desabrochar a vida primitiva.  
Mas o sol apagou-se, e o archote estava extinto.  
Mal pude abandonar o escuro labyrintho,  
Ouvindo atraz de mim, com accento tremendo,  
Uma voz do interior, que vinha me dizendo :  
« Formas, viveis, morreis : sómente eu sou eterna. »

Foi assim que fallou a rocha da caverna.

~~~~~


Paradoxo

A' fumaça ligeira se costuma
Comparar o que é vão e fugitivo,
E não ha fogo que se não presume
Substancioso, duradouro e vivo.

« Labareda da fé », é o velho estylo,
« Chamma sagrada, fogo do talento »,
Emquanto é fumo e é nada tudo aquillo
Que é leve e acaba em rapido momento.

Que preconceito ! Extincta a chamma escassa
No obscuro combustivel, que a prendera,
Ainda sobe a tremula fumaça
Na curva azul da illimitada esphera.

E quanto menos densa, mais se espraia
Em transparencia, em extensão fecunda ;
Ascende, subtilisa-se e desmaia
No vasto espaço que a amplidão circumda.

Vae-se — não se aniquilla : como d'antes,
O mesmo fumo permanece illéso,
Seus invisiveis atomos errantes
Gravitam sobre corpos de mais péso.

E elle — nuvem levissima e modesta —
Subsiste eternamente, erra e fluctua.
Quanto á chamma orgulhosa, ella só resta
Na lembrança que o fumo perpetúa.

J. MARIANO DE OLIVEIRA

Hino a Mulher

*Virgine madre, figlia del tuo figlio...
Trè cari nomi ha in te raccolti,
Sposa, Madre e Figliuola.*

Virgem, si o culto humano
Tanto tempo foi cego, e sem nobreza
Deu-se para seu dano
Mesmo ás paixões, sem a menor firmeza ;
Si as primeiras idades ignorantes,
Por falta então de uma melhor ternura,
Erguião todo o amor de uma alma pura
Para deuzes distantes :
O coração, de amar não satisfeito,
Hoje atento ao reclamo delicioso
De um amor mais perfeito ;
Atento á voz dos intimos conselhos,
Põe-te sobre o altar religioso,
Adora-te de joelhos.

Bem viu o belo tempo medievo
O cruzado valente
Teu santo e nobre culto reverente
Anunciar com fervorozo enlevo.
— Cavaleiro da espada, a ardente chama
Que o a entava na paz ou no perigo
Era sempre a sua dama...
Nele tinhas escravo e um terno amigo ;
Era ele que assim substituia,
Ante o altar da amante que ideara,
A tua adoração piedosa e cara
A uma fé que morria.

Era ele que enchia nesse instante
O Occidente romano transformado,
De teu culto de amor mais elevado
Que de um Deus que se achava agonisante.
Tempo segrado e piedozo aquele
Que a mente agradecida já não esquece,
Em que ao ser mais imbele
Principiava-se a invocar na prece !...
E' que se via que a maior grandeza
Não está na fortaleza
De um braço armado, poderoso e rude ;
Presentia- se então a Humanidade :
Em vez da guerra, a fraternal piedade,
Em vez do odio, a angelica virtude.

Virgem, a alma grosseira
Do homem te admira e te respeita...
Tu és tão precioza e tão perfeita
Que ele hoje sente que a te amar não basta
A sua vida inteira ;
E tua natureza é tão excellente
E tão modificavel,
Que ora tu podes, sendo pura e casta,
Fecundar-te sozinha finalmente...
O' milagre de amor incomparavel,
Poder moral tão grande e prodigioso
E de tão altos brilhos,
Que, filhos de teu ventre admiravel,
O' Mãe, seremos para um santo gozo
Ainda mais teus filhos.

Ah ! quanto deve a Especie alevantar-se
Quando o intenso amor indefinivel,
Movendo-se em tua alma incorruptivel,
Teu ser da rude condição antiga
Em breve libertar-se !...
Maior então na graça, na pureza
Que em tua alma se abriga,

Te mostrarás tão bela á Humanidade,
Que terás com surpresa
Realizado o idéal que se escolhera
E os corações ocidentais enchera
Na medieva idade.

Então, a tanto amor, os vis ciumes
Das classes serão findos de improviso ;
Terminarão as lutas e os queixumes,
E uma casta sem ter progenitores,
Para a ação e o conselho soberanos,
Dará o chefe precioso.

Então sómente a teu amor confiada
A humana prole, os corações humanos
Tornar-se-ão melhores.

A Especie ver-se-á ainda alevantada.
Será teu seio como um cofre puro
Onde, doce reliquia improfanada,
Protegerão os maternais ardores
O germen do futuro.

Do egoismo humano as suggestões dominas,
E, ó santa e milagroza maravilha !
Ao mesmo tempo esposa, madre e filha,
Brandos pensares de alto amor subido
A' mente nos ensinas.

Sem mais fraqueza de paixões terrenas,
Nosso passo já piza conduzido
Por teu amor apenas.

Por nosso bem piedoza te disvelas,
E ao coração mais rude e impenitente
Tu falas, tu revelas

Que de real no mundo ha amor sómente.

Virgem, quanta emoção, quantas venturas
Teu doce olhar desperta !

Que fôra das humanas creaturas
Si de teu santo amor que nos aclara
Fosse a Terra deserta ?

Rude egoismo então nos separara,

Enchera o tédio as horas da existencia,
 E na mortal dolencia
 Cada um de nós por fim desesperara !
 O' moço, ó pura, ó santa Providencia,
 O' terno efluvio e cara luz divina
 Que humildes veneramos,
 Só teu amor nossas paixões domina,
 Só de te amar jámais nos fatigamos,

Que harmoniosos canticos sublimes
 A Terra hoje te entoa de louvores !
 Tudo por ti resveste-se de luzes,
 E onde teu pé maravilhoso imprimes,
 Dezabrochão as flôres !
 Entre beijos e olor tu nos conduzes...
 Mal sahimos do berço, carinhosa,
 De amor e graças plena,
 Nos dás a mão piedosa.
 No caminho do bem sorrindo incitas
 Aquelle negligente a quem retarda
 Alguma inutil pena ;
 E tuas azas sobre nós agitas
 Como um anjo da guarda.

De santo olor suavissimo recendes ;
 O nardo fresco te embalsama a face ;
 De luz, de clara luz sagrada esplendes,
 De luz limpida e eterna
 E não de luz fugace.
 E' assim que os corações teu amor governa :
 E' assim que os dons a tua mão derrama ;
 E' não poupando as divinais caricias
 Que redimir os corações emprehendes...
 O' deusa tutelar
 Por quem nossa alma timida se inflama.
 Da vida humana as unicas delicias
 Achamos todas no teu santo olhar.

Cheio de amor o Sacro-santo Nume,
No Grande-Meio um dia se movendo,
Escolheu para si as fôrmas suaves
Que as mais sublimes graças envolvendo
Teu belo ser resume.

Que outras feições mais candidas e graves
Pudera achar esse Fator divino
Para, encantando nosso olhar indino,
Encher nossa alma como um santo lume ?...

Que idéal mais correto
O Organismo Supremo revestira
Que tão intimamente seduzira
Nosso estremado afeto ?

Jámais, jámais os canticos do homen
Poderão te louvar quanto mereces...
Ante o minimo bem que lhe ofereces,
As mais subidas e altas homenagens
Humilhadas se somem...

Jámais, jámais as nossas vassalagens
Poderão te pagar neste exercicio
De agradecidas preces
O teu menor e fraco beneficio.
O' quanto és bela e sublimada em tudo !
Como para alcançar os teus carinhos
Nós somos tão mesquinhos
E o nosso labio é friamente mudo !

~~~~~

TERCEIRA PARTE



PARNASIANOS





LUIZ DELFINO

---

## As Trez Irmans

### I

A mais moça das trez, a mais ardente e viva,  
    Aquella que mais brilha,  
Quando, sorrindo, aos seus encantos nos captiva,  
    Eu amo, como filha.

A segunda, que tem da pallida açucena,  
    Aberta de manhan,  
A côr, o cheiro, a fórma, a languidez serena,  
    Eu amo, como irman.

A outra é a mulher, que me enleia e fascina,  
    E' a mulher que eu chamo  
Entre todas gentil, é a mulher divina,  
    E' a mulher que eu amo.

### II

A mais moça das trez, é linda borboleta ;  
    Entra, abre as azas, sahe,  
Não comprehende bem, nem nega, nem regeita  
    O meu amor de pae.

A segunda é uma flôr de fórma melindrosa,  
    De rara perfeição ;  
Não sei se ella desdenha, ou comprehende, e gosa  
    O meu amor de irmão.

A terceira é a mulher : anjo, monstro, hydra, esphinge,  
 Encanto, seducção :  
 Amo-a : não a conheço ; é verdadeira, ou finge ?  
 Não a conheço, não.

## III

Se a primeira casasse, oh ! que alegria a minha !  
 Eu lhe diria : vae !  
 Veria nella um anjo, um astro, uma rainha,  
 O meu amor de pae.

Se a segunda casasse, eu mesmo iria á igreja,  
 Leva-la pela mão :  
 Dir-lhe-hia : o céu azul virar-te aos pés deseja  
 O meu amor de irmão.

Se a terceira casasse, oh ! minha infelicidade !  
 A mais velha das trez,  
 No horror da escuridão fôra uma eternidade  
 A minha viuvez.

## IV

Se a primeira morresse, oh ! como eu choraria  
 A minha desventura !  
 Com lagrimas de dôr lavara noite e dia  
 A sua sepultura.

Se a segunda morresse, oh ! transe amargurado !  
 Eu choraria tanto,  
 Que ella iria nadando, em seu caixão doirado,  
 Nas aguas do meu pranto.

Se a terceira morresse, em seu caixão deitada,  
 Sem que eu chorasse, iria ;  
 rque n'outro caixão, ó minha morta amada,  
 Alguem te seguiria...

## Jesus ao collo de Magdalena

Jesus expira, o humilde e grande obreiro !...  
Sobem já pela cruz acima escadas ;  
E nos cravos varados no madeiro  
Os malhos batem, cruzam-se as pancadas.

Ouve-se o choro em torno. — As mãos primeiro  
Inertes cahem no ar dependuradas ;  
A fronte oscilla ; arqueia o tronco inteiro  
Nos braços das mulheres desgrenhadas.

Soltam-se os pés — Augmenta o pranto e a queixa.  
Só Magdalena ao oiro da madeixa  
Limpa-lhe a face, que de manso inclina.

E no meio da lagrima mais linda,  
Com o dedo erguendo a palpebra divina,  
Busca ver si Elle a vê... beijando-o ainda !...



## Cadaver de Virgem

Estava no caixão, como n'um leito,  
Pallidamente fria e adormecida ;  
As mãos cruzadas sobre o casto peito,  
E em cada olhar sem luz um sol sem vida.

Pés atados com fita em nó perfeito,  
De roupas alvas de setim vestida ;  
O tronco duro, rígido, direito,  
A face calma, languida, dorida...

O diadema das virgens sobre a testa,  
Niveo lyrio entre as mãos, toda enfeitada,  
Mas, como noiva, que cançou da festa.

Por seis cavallos brancos arrancada...  
Onde vais tu passar a longa sesta  
Na molle cama, em que te vi deitada? !...



LUIZ MURAT

---

## O Meu Palacio de Ouro

(SOBRE A LAPIDE DE UM CORAÇÃO)

Meu beijo para te beijar, formosa,  
Sobre os teus labios tremulos se ajoelha,  
E, zumbe e as azas bole como a abelha,  
No perfumado calice da rosa.

A aragem matutina em terno chalra...  
As invisiveis pennas meche e freme...  
Nella tambem uma saudade geme,  
Nella tambem uma esperança palra.

Quando das cêpas rubro insecto rompe,  
Lembra um sól microscopico e irritante,  
Que da liquida opala do Levante  
Entre frouxeis e purpuras irrompe...

Tambem teu busto branco e romanesco  
Rompe desta saudade que não finda,  
Porque me envolve a tua imagem linda  
Neste quadro do AMOR pintado a fresco.

A tua bocca levemente arqueada,  
Tem o mesmo rubor e o mesmo riso  
Entrefechado como um paraizo  
Que ainda guarda Eva intacta e immaculada.

Póde tudo peccar, sujar-se tudo ;  
Podem tornar-se as pombas malfazejas,  
Não, de certo, esses olhos de velludo  
De onde os raios mais rutilos dardejas.

Esses, formosa, hão-de sêr sempre aquellas  
Duas estrellas que me acompanharam,  
E que um cofre de sonhos vigiaram,  
Como um therouso, duas sentinellas.

Correm ainda « Sara » o véo de brumas  
Que o sol aos meus desejos occultava,  
E ergueram sobre um chão, que o mar banhava,  
Um palacio de conchas e de espumas.

Foi n'esse glauco a excentrico palacio  
No qual tecendo a minha poesia,  
Ouvi como uma vaga melodia  
As canções remotissimas de Lacio.

Foi ali, que de alegres crenças cheio,  
Provei do amor o doce e amargo favo ;  
Foi ali que a volupia, travo a travo,  
Queimou-me as mãos e corroeu-me o seio.

Foi ali, nessa aureola diffusa,  
Onde sonhava o olôr da tua trança,  
Onde o beijo rulava uma esperança  
Que ensinei a cantar a minha musa.

A's vezes, uma vaga, escura, em baixo  
Do parapeito da janella estava  
A vêr se pela astucia arrebatava  
Do teu cabello precioso cacho.

Eu, que os seus movimentos não perdia,  
Punha-me em guarda, rindo-me da empreza ;  
E quando a vaga ia tocar a presa  
Fechava-lhe na cara a gelozia.

A luz da Madrugada e a luz do Occaso  
Corriam doidas para esse retiro ;  
E, quando o luar voltava de seu giro  
Beijava a flôr, mas sem tocar no vaso.

---

O mais sublime e ardente dos cantores  
Naquelle esconso e lubrico remanso  
Rendia-se das brisas ao balanço.  
Com os seus queixumes, com os seus amores...

Uma só borbolêta perlustrava  
Prados, sorrindo no mais lindo sonho ;  
E após n'um quarto, de um rumor tristonho,  
Em lédo surto borboleteava...

.....

Emtanto, o meu palacio de ouro, agora,  
Vive esquecido ; — é como um templo em ruinas,  
— Enche-no a sombra immensa das collinas,  
E a dor que o mar acerbamente chora.



LUIZ GUIMARÃES

---

## O Beijo da Morta

Cresce a invernososa noite, um frio intenso  
Morde-me as carnes : — livido, gelado,  
No leito me ergo... e escuto o desolado  
Uivo do inverno, atroz, convulso, immenso...

Tento dormir. Em vão ! Escuto e penso.  
Penso na eterna Ausente... Ah ! si a meu lado  
Ella estivesse ! Um beijo perfumado !  
Um só ! me fora ardente e idéal incenso...

Abre-se então de leve a minha porta :  
E' Ella ! Entrou. Na pallidez da morta  
Uma aurora de beijos irradia :

Caminha... chega e diz-me n'um segredo :  
« Une teu rosto ao meu; não tenhas medo :  
« Venho aquecer-te : — a noite está tão fria ! »

*(Sonetos e Rimas.)*

---



## A voz das arvores

Emquanto os meus olhares fluctuavam,  
Seguindo os vôos da erradia mente,  
Sob a odorosa cupola fremente  
Dos bosques — onde os ventos sussurravam,

Ouvi fallar. As arvores fallavam :  
A secular mangueira fielmente  
Repetia-me a rir o idyllo ardente  
Que dois noivos, á tarde, lhe contavam ;

A palmeira narrava-me a innocencia  
De um brando e mutuo amor, — sonho que veste  
Dos loiros annos a feliz demencia ;

Ouvi o cedro, — o coqueiral agreste,  
Mas excedia a todos a eloquencia  
D'uma que não fallava : — era o cypreste.

(*Sonetos e Rimas.*)



JOSÉ IZIDORO MARTINS JUNIOR

---

## Fim de Jornada

. . . . .

Bem. Eu descanso aqui. Tiro as sandalias. Jogo  
O meu bordão á relva e reflecto, E' de fogo  
O poente — o travesseiro onde o sol vae deitando  
A cabeça sangrenta. O ar está cantando.  
Vim subindo, subindo anciosamente a escarpa.  
Desejava galgar esta eminencia. A farpa  
Da ambição me ferroava o peito pela estrada.  
Eu queria subir, ascender á inflammada  
Culminação do monte em que moram as pompas  
Da luz, do céu, do azul ; queria ouvir as trompas  
Da floresta vibrando ao sôpro crú dos ventos  
Nesta vertiginosa altura, aos luzimentos  
Do astro que morre além, como um heróe ferido,  
Rubro, soberbo, nú, phantastico, incendiado !  
Cheguei. Quero estender o olhar pelo caminho  
Andado. Eil-o : é tão longo e teve tanho espinho,  
Que eu nem sei como pude effectuar a viagem.  
Esta cota de matha alvissima — a coragem,  
O escudo — Enthusiasmo, a lança — Inspiração,  
Esta viseira — a Idéa, este punhal — Canção,  
O estofo azul do verso, a armadura da Prosa,  
As hallucinações do Ideiál, a gloriosa  
Febre da propaganda, o odio ao Erro, o amor  
A' Humanidade, á sciencia — arvore sempre em flór,  
— Tudo eu joguei, lancei por essa estrada fora,  
Como um joven nababo esturdio que não chora  
Os milhões, o ouro em pó, as fulvas pedrarias,  
Alfaias e coraes, perlas, tapeçarias...

Vou repousar agora. Esta eminencia tem  
Astros, fulgurações, seiva, perfumes. Vem  
Medroso, abrindo a aza, este passaro — a noite,  
E eu quero procurar um canto onde me acoite,  
Entre as vegetações cheias de insectos mansos,  
Sobre o chão, sob o céu, aos dourados avanços  
Do luar, que alli surge, e que espiando mudo  
Por detraz do alcantil, magnetisa tudo !



# ARTHUR AZEVEDO

---

## Hotel

(A MUCIO TEIXEIRA)

Este meu coração é vasto hotel,  
Onde é gratis o pasto e o aluguel.  
Vivem vida melhor os inquilinos,  
Pesar que todos lá são femeninos...  
E' caso decidido : os d'outro sexo  
Não têm, não podem ter na casa ingresso !  
O logar d'honra, a sala, ha muito occupa  
(Nem consinto que outra a sala entupa),  
Aquella a quem mais serio amor consagro,  
E que soube fazer de um gordo um magro.  
Que saia quem quizer ; o que me importa ?  
Mas tu ? Não saias, não... fecho-te a porta.  
Na saleta pernoita a Dorothea ;  
Esboço o seu retrato : faça idea  
O leitor, si quizer ; si não, não faça ;  
Mais vaporosa que subtil fumaça,  
Mais bella que a leitora, si for feia ;  
Rapariga de truz ou de mão cheia ;  
Tem pequenina a mão ; mas o seu pé  
Cabe dentro da caixa de rapé  
Que um bom palmo medir (si não chegar,  
Que lhe fique de fora o calcanhar).  
No quarto atraz da sala a Genoveva  
Em ciuadas d'amor o dia leva ;  
Si em tres dias, porém, não se comporta,  
Ponho-a n'olho da rua e fecho a porta.  
Atraz desta mulher mora uma tola.  
Socegada que é ! mesmo uma rola !  
E jámais se queixou ! Pobre menina !  
Julga ser ella a unica inquilina  
Desse vasto edificio, onde as confundo,  
E tem medo das almas do outro mundo...

No corredor logar onde pernoite  
Achou certa senhora, que uma noite,  
Dos labios meus ouviu (foi no theatro,  
Diz ella ; eu não me lembro ! ) : Ai ! te idolatro !  
A sala de jantar, que é mui comprida,  
Está n'um dormitorio convertida.  
Não presumas, leitor, si tu presumes,  
Que as, que para alli stão, tenham ciumes ;  
Esteve uma franceza alli morando,  
(Oh ! namoro feliz e memorando) ;  
Como viu que era hotel meu coração,  
Fez cortiço do seu ! Teve razão...  
Mas eu que me escamei... Ora, não ha !  
Pati-lhe um dia o pé e... *Bonsoir*.  
Esteve uma franceza alli morando,  
A quem ouvi cantar a barcarola  
De certa zarzuela. Inflexivel  
Era o seu coração. Porém sensivel  
A' lógica de um mimo : dei-lhe um broche...  
Um dia se zangou e — *Buena noche*.  
Uma ingleza tambem ! Que amolladora !  
Eu tinha medo de mandal-a embora :  
Podia vir um *box*. Um bello dia  
Ella estava de *spleen*, eu — nostalgia,  
Bradei-lhe, aborrecido : Vai-te ! vai-te !  
Ella, gelada, suspirou : *Good night*.  
Além d'estes, ha mais outros logares :  
A casa é um casão : tem dois andares ;  
As alcovas estão todas tomadas...  
Meninas, todavia, endiabradas  
Querem o muro escalar para o quintal !  
Mas não posso aceitar mais pessoal !  
E' ser, tornar a ser muito exigente !  
Como eu hei de cuidar em tanta gente ?  
Até tenho uma negra na cosinha,  
O que confesso p'ra vergonha minha !

A leitora, si vem por bom caminho,  
Talvez possa arranjar um logarsinho...

## AS Estatuas

No dia em que na terra te sumiram,  
Eu fui ver-te defunta sobre a eça,  
Fechados para sempre — ó sorte avessa ! —  
Aquelles olhos que me seduziram.

A' luz do sol uma janella abriram,  
E o jardim avistei, onde, ó condessa,  
Uma noite perdemos a cabeça,  
E as estatuas de marmore sorriram...

Sahiste por aquella mesma porta  
Onde outr'ora os teus beijos me esperavam,  
Cheios de amor que ainda me conforta.

Quando o jardim saudoso atravessavam  
Seis homens com o esquite em que ias morta,  
As estatuas de marmore choravam !



B. LOPES

---

## Flôr de Primavera

Vieram contigo, flôr de primavera,  
Na brilhante explosão de aureas phalenas  
E andorinhas gazis, abrindo as pennas,  
O sonho azul, a fulgida chimera...

Entre os lauréis de ramos de hera,  
Myrthos floridos e humidas verbenas,  
Rindo, talvez, ás doces cantilenas,  
Abrem-se os ninhos, meigamente, á espera

Da aza primeira e do primeiro beijo...  
E este aroma de rosas, este harpejo,  
O sonho azul, a fulgida chimera,

Ferindo a luz do amor, a luz querida,  
Que esta alma aquece e me illumina a vida,  
Vieram contigo, flôr de primavera !



## Soneto

Nessas manhãs alegres, perfumadas,  
De ether sadio e claro firmamento,  
Acariciando o mesmo pensamento  
Percorremos o parque de mãos dadas.

Aves trinando em cima das ramadas,  
Alvos patos e um cysne a'nado lento  
Sobre as aguas do lago, num momento  
Pela braza do sol ensanguentadas...

Brilha o sereno tremulo nas pontas  
Do vistoso gramal, como se fosse  
Solto rosario de opalinas contas...

Emquanto uhs casos rusticos de aldeia  
Eu vou narrando-lhe, em linguagem doce,  
Escuto a queixa de seus pés na areia !

*(Brazões.)*





OLAVO BILAC

---

## Via-Lactea

Sonhei que me esperavas. E, sonhando,  
Sahi, ancioso por te vêr : Corria...  
E tudo ao ver-me tão depressa andando,  
Soube logo o logar para onde eu ia.

E tudo me fallou, tudo ! Escutando  
Meus passos, atravez da ramaria  
Dos despertados passaros o bando :  
« — Vai mais depressa ! Parabens — », dizia.

Disse o luar « — Espera ! que eu te sigo :  
Quero tambem beijar às faces della ! — »  
E disse o aroma : « — Vai, que eu vou contigo ! — »

Ceguei : e, ao chegar, disse uma estrella :  
« — Como és feliz ! como és feliz, amigo,  
Que de tão perto vais ouvi-la e vê-la ! — »



## Ouvir estrellas

— Ora (dizeis) ouvir estrellas ! Certo  
Perdeste o senso ! — E eu vos direi, no emtanto,  
Que, para ouvil-as, muita vez desperto  
E abro a janella, pallido de espanto...

E conversamos toda a noite, emquanto  
A via lactea, como um pallio aberto,  
Scintilla. E, ao vir o sol, saudoso e em pranto,  
Inda as procuro pelo céu deserto.

Dizeis agora : — Tresloucado amigo !  
Que conversas com ellas ? Que sentido,  
Tem o que dizem, quando estão contigo ?

E eu vos direi : — Amae para entendel-as,  
Pois só quem ama póde ter ouvido,  
Capaz de ouvir e de entender estrellas.

(*Poesias.*)



## O Camarim de Lucia

Um leito gracioso,  
— Antes concha de perola —  
Mais do que se mostrando — adivinhado  
Atravéz a indiscreta transparencia  
De um niveo cortinado...

Gentil, mysterioso,  
— Antes ninho de passaro, —  
De pequenino e alvo, e tão catita !  
Mais visão idéal que asylo e alcaçar  
De uma moça bonita...

Escondendo-se quasi  
Na frouxa claridade da penumbra ;  
Antes fróco de nevoa,  
De tão mimoso e fragil ; — mais aerio,  
Mais irreal que o afigura a idéa,  
Menos realidade que mysterio...

Feito de scismas, de pureza e gaze,  
De candura e innocencia  
E, — como a gaze rumoreja a medo  
Quando a brisa a balouça,  
Trahindo phrases de uns sonhos lubricos,  
Pagina aberta no mimoso enredo  
De um romance de moça...

Alvo como a caçoula  
 De magnolia pallida,  
 Macio mais que o arminho alvinhento  
 De um berço de pellucia ;  
 De mais que o berço — uns longes de volupta,  
 De mais que a flôr — o callido bafejo  
 Do halito de Lucia...

Um toucador singelo ;  
 — Antes brinco da infancia ;  
 Mimo de confusão, capricho artistico,  
 Templo do estudo e altar da faceirice,  
 (Denunciando o espelho irreflectido  
 A feminea ledice...)

Um *Heine* meio aberto a espreguiçar-se  
 Sobre o pallido marmor ;  
 A brisa a despertal-o da indolencia  
 E, ao voltar das folhas, dispersando  
 As deslembadas petalas  
 De uma fanada flôr, — tímido symbolo  
 D'intima confidencia...

.....

Dissereis a gentil miniatura  
 De um elegante cahos :  
 — As mil futilidades da costura,  
 — Caprichos feminis, frascos de essencia,  
 E — ao lado desses nadas — a brochura  
 De um livro de sciencia ! !



RAYMUNDO CORREA

---

## Vesper

Do seu fastigio azul, serena e fria,  
Desce a noite outomnal, augusta e bella ;  
Vesper fulgura além... Vesper ! Só ella  
Todo o céo, doce e pallida, allumia.

De um mosteiro na cupôla irradia  
Com frouxa luz... Em sua humilde cella,  
Contemplativa e languida á janella,  
Triste freira, fitando-a, se extasia...

Vesper envolta em deslumbrante alvura,  
Oh nuvens que ides pelo espaço afóra !  
A quem tão longo olhar volve da altura ?

Que olhar irmão do seu procura agora  
Na terra o astro de amor ? O olhar procura  
Da solitaria freira que o namora.



## As pombas

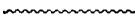
Vai-se a primeira pomba despertada...  
Vai-se outra mais... mais outra... enfim, dezenas  
De pombas vão-se dos pombaes, apenas  
Raia, sanguinea e fresca, a madrugada...

E á tarde, quando a rigida nortada  
Sopra, aos pombaes de novo ellas, serenas,  
Ruflando as azas, sacudindo as pennas,  
Voltam todas em bando e em revoada...

Tambem dos corações onde abotoam,  
Os sonhos, um por um, céleres voam,  
Como vôm as pombas dos pombaes ;

No azul da adolescencia as azas soltãm,  
Fogem... mas aos pombaes as pombas voitãm,  
E elles aos corações não voltam mais...

*(Symphonias.)*



VALENTIM MAGALHÃES

---

## Prenuncio de aurora

*Aos redactores de « A Evolução »*

Entre nuvens de pó, das ruas nas calçadas  
Movem-se as multidões, activas, apressadas.

Da Industria e do Commercio os robustos pulmões  
Enchem o ar de viris e festivas canções.

Passam confusamente, em turbilhão espesso,  
As manifestações soberbas do Progresso.

Fumam as chaminés. Ouvem-se os arsenaes  
Cantando herculeamente as odes immortaes,  
As epopéias de aço em nova lyra — o malho.  
E' nobre a inspiração e chama-se Trabalho.  
E a Musa, a grande Musa, austera e sacrosanta,  
Que para o céu azul os olhos alevanta,  
Banhados no fulgor virgineo da Justiça,  
Que prega aos corações a lei da Nova Missa,  
Cheia de robustez, de amor, de honestidade,  
Essa Musa idéal chama-se Liberdade.  
Thuribulo gigante : uma cidade inteira !  
Por incenso sagrado o fumo das fornalhas.  
Ferem-se na officina as rigidias batalhas  
Da Vida contra a Morte, a velha traiçoeira ;  
E cada som que sóta o malho na bigorna,  
Que o negro muda em rubro e o ferro em brasa torna,  
Cada som que elle tançe é o som d'uma passadã  
Da invencivel legião, da cohorte sagrada  
Das almas demandando a Promissão, a Luz.  
O magestoso sol, dos velhos céus azues,

Beija serenamente a fronte dos obreiros.  
Na bronzeada tez dos rostos dos ferreiros  
Esbate-se o luar sanguineo dos carvões ;  
E, sob o labutar dos musculosos braços,  
O ferro serpenteia em rubras contorsões,  
Colerico espargindo accesos estilhaços.  
Um d'esses homens tem na fronte clara e larga  
Esse *quid* que accende a electrica descarga  
Que illumina o porvir e se chama Talento :  
Forte como o oceano e livre como o vento.  
Nos seus olhos leaes, mansos porém valentes,  
Reflecte-se o fulgor dos ideaes candentes,  
A serena altivez dos sonhos impollutos.  
Ha naquelle operario a mansa robustez  
Que dos poltrões distingue os homens resolutos.

Subito, um som agudo ao longe ouvir se fez.  
Era um som de clarim, intermittente e forte.  
Logo após toda a rua encheu-se dos abalos  
Do estrepido de um carro e patas de cavallo.  
Era o coche do rei, seguido da alta côrte.  
Assim que o divisava, o povo humildemente  
Tirava o seu chapéu com ares de indigente ;  
E o rei complimentava os seus fieis vassallos,  
Talvez por não poder, de um golpe, degolal-os.  
Quando o coche real passou pela officina,  
Banhada no clarão da chamma purpurina,  
O mónarcha saudou, risonho, venturoso,  
O audaz trabalhador robusto e talentoso.

(*Rimario.*)





## AFFONSO CELSO

---

### Na Fazenda

Dorme a fazenda. Uniformes,  
Com seu inclinado tecto,  
Tem as senzallas o aspecto  
De um bando d'aves enormes.

Os cães, no pateo encoberto,  
Repousam de orelha erguida ;  
São como oasis de vida  
Da escuridão no deserto.

De vagos tons uma enfiada  
Com o torpor lucha e vehce-o ;  
E' no burel do silencio  
Franja sonora bordada.

A's vezes, da porta estreita  
Sae um chorar de creança,  
Chamando a mãe que descança  
Morta do afan da colheita.

Talvez no infantil assombro  
Já se lhe antolhe mais tarde :  
— O eito, enquanto o sol arde,  
E o peso da enxada ao hombro.

Os cães levantam-se a meio,  
Geme a creança um momento  
E, a pouco e pouco, em lamento  
Succumbe o isolado aneio.

Longe, na sombra perdido,  
Ha no perfil de um outeiro  
Algo de estranho guerreiro  
Da cota de armas vestido.

Ao lado reluz a linha  
De extensa e alvaceita estrada,  
Como a lamina da espada  
Que lhe saltou da bainha.

E o disco da lua nova  
No lar azul das esphéras,  
De nuveus, que lembram féras,  
Como um reptil sae da cova.

Ondula no espaço o fumo  
De algum incendio invisivel ;  
Chóra a creança. Impassivel,  
Prosegue a noite em seu rumo.

*(Rimas de outr'ora.)*



## THEOPHILO DIAS

---

### A VOZ

Vibra na tua voz, de um perfido attractivo,  
Um rythmo fatal, dissolvente, impressivo,  
Que me acceléra o impulso ao sangue impetuoso,  
E docil ao seu timbre electrico, expressivo,  
Meu ouvido o reflecte ,em fremito nervoso.

No som dominador, na imperiosa ternura,  
Exhala sensações funestas ; — a loucura,  
A vertigem, a febre ; e — estranha phantasia !  
A embriaguez cruel, que affaga, e que tortura,  
Um philtro musical, um vinho de harmonia.

Exerce sobre mim um brando despotismo,  
Que me orgulha, e me abate;—e ha nesse magnetismo  
Uma força tamanha, uma electricidade,  
Que me fascina e prende ás bordas de um abysmo,  
Sem que eu tente fugir, — inerte, sem vontade.

Assim como o pendor, facil, accidentado,  
De rocha de crystal, que a lymphá tem cavado,  
Presta á onda, que o mina, o voluptuoso dorso,  
Por onde ella espreguiça o corpo perfumado,  
Indolente, a rolar, sem o minimo esforço ;

Não de outro modo, assim, ao som de tua falla,  
Ha um declive doce, extatico, que embala,  
No fundo de minha alma, a tua voz tremente,  
Que em meandros subtis, invisiveis, resvala  
E penetra-lhe o abysmo harmoniosamente.

---

## O rio e o vento

Muitas vezes se vê, sobre os rios do Norte,  
Na quadra em que o calor abafa mais ardente,  
Horrisono tufão rugir, sanhudo e forte,  
Em direcção contraria á indomita corrente.

Freneticos pegões, com impavidos roncós,  
Arrancados com furia ás validas entranhas,  
No impetuoso correr lascam os velhos troncos,  
E fazem desabar as pedras das môtanhas,

De encontro ás aguas rúe a turbida descarga,  
E em brusco assalto ferve, e remoinha e brama :  
— Sem cólera, encrespando a superficie larga,  
Atravéz da floresta o rio se derrama.

Como um athleta, o vento, em porfiado esforço,  
Cava a humida arena ; — o rio, que se empóla,  
Sob a affronta, erriçando o magestoso dorso,  
Com lénto passo igual a rude massa róla.

Apenas, nesse dorso herculeo, que fumeга,  
Brincam da espuma errante os fervidos matizes,  
E elle vae fecundando as regiões que rega,  
Nutrindo e avigorando as soffregas raizes.

Idéal ! idéal ! tu és como esse rio !  
— Sem ouvir o clamor dos sceptros, das thiáras,  
Com grave placidez, imperturbavel, frio,  
Vaes rolando em triumpho as tuas ondas claras.

---

Embalde sobre ti a bava dos insultos  
O preconceito cospe, e golpeja a insolencia :  
— Vaes nutrindo de amor os corações incultos,  
Fecundando o dever em cada consciencia.

Fatigando ao passado a resistencia, a furia,  
Marchas para o futuro inalteravelmente ;  
Não te pôde sustar a força, nem a injuria :  
— O tufão não suspende aos rios a corrente !



ADELINO FONTOURA

---

## Beatriz

Beatriz ! Beatriz ! sombra querida,  
Branca visão que em toda parte vejo,  
E's a ventura unica que almejo,  
Que outra igual me não fôra concedida

Meu amor, minha crença e minha vida,  
Todo bem com que sonho e que antevejo,  
Tudo que aspiro e tudo que desejo,  
A ti te devo, ó alma commovida !

Do meu amor não saibas, todavia,  
Pois que se igual amor te não mereço,  
Antes quero cuidar que o merecia.

Succumbirei á dôr de que padeço ;  
Se tal fraqueza chamam cobardia,  
Eu serei um cobarde por tal preço !

---

## Rastro de amor

Vasos d'ouro, tapetes, luzes, flôres,  
Porcellanas, espelhos de Veneza,  
Essencias, pedrarias, de mil côres,  
— Tudo resplende aos brilhos da riqueza.

Mas de repente, archanjo de pureza,  
Ao tom da festa, em meio dos fulgores,  
Tu surges no salão, e a singeleza  
Do teu vulto é o maior dos esplendores !

Passas sorrindo, tímida innocente,  
E eu te acompanho o passo enamorado  
Com longo olhar, apaixonadamente.

Depois desapareces ; mas, calado,  
Meu espirito segue inconsciente  
O teu sonoro rastro perfumado...



LUCIO DE MENDONÇA

---

## Consortio maldicto

Elle é um rude sujeito honrado e generoso,  
Forte e trabalhador. Ella é toda franzina ;  
E' de antiga nobreza ; e é da raça felina  
O seu mavioso gesto electrico e nervoso.

Jura-lhe amor, e tem-lhe um odio rancoroso,  
Sobre o peito do atleta o regio busto inclina,  
E mette-lhe no bolso a mão fidalga e fina  
E despoja-o. E elle, o bom e cego esposo,

Deixa-se despojar, e trabalhã. calado.  
Ella com uns padres vis anda de mancebia,  
E fartos, riem d'elle, o enorme desgraçado.

Ella é a Messalina, a barrigã sombria,  
Eile, um trabalhador estúpido e enganado :  
— Elle chama se — Povo, e ella — Monarchia.

*(Murmurios e Clamores.)*

---



## OZORIO DUQUE-ESTRADA

---

### Soneto

Lyrios aqui... vejamos : a morada ,  
Que sob estes cyprestes acha abrigo,  
Não é, por certo, a tenda illuminada  
Que tu sonhavas habitar commigo !...

O' alma sem piedade maltratada !  
— Porque, após expiar o teu castigo,  
Vieste, em leito de seda amortalhada,  
Buscar a eterna paz deste jazigo ?

No marmore gelado da saudade,  
Por mitigar a magoa que não finda,  
Ajoelho ; e, emfim, olhando com piedade

A pedra que te guarda, ó joia linda,  
Venho aquecer, na sua frialdade,  
Meus idéaes... mais gelidos ainda !

---

## Thezouros

De um rei contaram-me um dia  
Que em seu thezouro guardou  
Tanta luz de pedraria  
Que os proprios olhos cegou.

A mim, não me fez cegar,  
Mas pôz a minh'alma louca  
A luz que vive a brilhar  
No escritorio da tua bocca.

~~~~~

Longe

Depois de passados dias
De ventura, esta alma escrava
Punha benções e agohias
No beijo que te deixava !

Depois, rolei como um morto
Pelo alto mar : nem o céu
Dava-me mais o conforto
Que o teu sorriso me deu...

Mas não supponhas que, acaso,
De ti me aparte um momento :
O sol afunda no Occaso,
Mas redoira o firmamento.

Da melhor das creaturas
Nem me podem afastar
Estas tremendas e escuras
Trezentas legoas de mar !

Aspiro, ainda a fragrancia
Com que o teu labio me anima :
Quanto maior é a distancia,
Tanto mais nos aproxima !

Prefiro ao sol (crê si queres)
A luz com que o mundo espantas :
E's a mais santa entre as santas
E a mais pura entre as mulheres.

O sol mergulha no lódo,
A estrella beija o paúl...
— Não troco pelo céu todo
Este pedaço de azul !

F. A. DE CARVALHO JUNIOR

Soneto

Quando, pela manhã, contemplo-te abatida,
Amortecido o olhar e a face descorada,
Immersa em languidez profunda, indefinida,
O labio resequido e a palpebra azulada,

Relembro as impressões da noite consumida
Na lubrica expansão, na febre allucinada,
Do gozo sensual, phrenetico, homicida,
Como lamina aguda e fria de uma espada.

E ao vêr em derredor o grande desálinho
Das roupas pelo chão, dos móveis no caminho,
E o *boudoir*, enfim, do cahos um fiel plágio.

Supponho-me um heróe da velha antiguidade,
Um marinheiro audaz após a tempestade,
Tendo por pedestal os restos d'um naufragio!

EMILIO DE MENEZES

Os tres olhares de Maria

I

A ANNUNCIACÃO

Entre gente modesta, e existencia prosaica,
Longe do grande luxo e vivendo distante
Do fausto babilonico e da pompa chaldaica,
Sem nada a lhe turvar o angelico semblante ;

Diz uma tradição de santa lenda archaica
— Cuja veracidade a Escripura garante —
Floresce a melhor flôr da familia judaica
Como um lotus ideal de aroma penetrante.

Vive calma e feliz. Todo o seu bem resume
Em ter pelo seu Deus e seu supremo guiã
Tudo o que a dôr lhe acalme e os sonhos lhe perfume.

« Mãe do Senhor serás » — o archanjo lhe annuncia.
E Ella accende no olhar do espanto o estranho lume !
— Era o primeiro olhar dos olhos de Maria !... —

II

A PAIXÃO

Messias annunciado, e do Céu predilecto !
Tu que és Filho de Deus, e Rei do mundo todo,
— Filho da minha crença e meu primeiro affecto,
Soffres dos maús, assim, o repellente apôdo ?

Tens o Teu coração de bondade repleto
De perdões e de fé, de audacias e denodo ;
E eu vejo assim na terra, o Teu divino aspecto
Maculado de sangue e coberto de lodo !...

Será possível, Deus ! Pae da suprema graça !
Que assim deixes passar pela dura agonia,
Porque Meu Filho, o Teu, por entre os homens passa ! ?

E n'isto a Virgem-Mãe, cujo olhar irradia,
Tem nos olhos a dôr e a duvida a traspassa !...
— Era o segundo olhar dos olhos de Maria !... —

III

A ASCENSÃO

Sinto-te, emfim, Senhor ! Sei quem és Tu, meu Filho
Que de Teu Pae trouxeste aos algozes da terra,
O roteiro que mostra o verdadeiro trilho

[serra.]

Que vae de bosque em bosque e vae de serra em

Agora sinto, emfim, que todo o estranho brilho
Que nos meus olhos vês e nos Teus olhos erra,
No humano coração não encontra empecilho,
Todo o rancor acalma e acalma toda a guerra !

E'assim que a Virgem-Mãe entre preces murmura
Vendo, entre nuvens de ouro e rara pedraria,
A ascensão de Jesus para a infinita altura !...

Que era o filho de Deus, tudo ali lhe dizia...
E em seus olhos brilhava a suprema ventura !...
— Era o terceiro olhar dos olhos de Maria !...

(Poemas da morte.)



... ..

... ..

III

... ..

... ..

... ..

... ..

QUARTE PARTE

POETAS DE TRANSIÇÃO



ALBERTO DE OLIVEIRA

O exame de Hercilia

(INEDITO)

(A Mello Moraes Filho.)

Em casa da boa Hercilia
Já de ha muito dorme toda
 A familia,
Toda, até mesmo um bichano,
Que, hirto o pélo, se accómmoda
 Sobre o piano.

Onze horas lentas, onze horas,
Num timbre estridente e agudo,
 Deu sonoras
O relógio. Espesso e enorme
Silencio amortalha tudo...
 Tudo dorme.

Só Hercilia, o olhar esperto,
Febri!l, nervosa, açordada,
 Alli perto,
Insomne róla no leito
Com a coberta repuxada
 Sobre o peito.

E' que viva, pobre criança,
Traz desse dia tão breve
 A lembrança,
E inda uns echos de alegria
Lhe vêm do prazer que teve
 Nesse dia.

Fez exame. Foi julgada
 Pela commissão de exame
 Approvada !
 Difficeis provas aquellas,
 E nem temor, nem vexame
 Deante dellas !

Não tendo lettra bonita,
 O seu continuo receio
 Era a escripta...
 Mas : « A lettra pouco importa ;
 Se... eja clara, embora meio...
 Meio torta...

O que se quer é certeza
 Na... as palavras. » Gaguejara,
 Junto á mesa,
 Um dos examinadores,
 Da jarra, ao pé, alta e clara,
 Vendo as flôres.

Quando se fez a chamada :
 — « Dona Hercilia de Azevedo ! »
 Apressada,
 — Presente ! — disse, tão calma,
 Que, bem se viu, nenhum medo
 Lhe ia n'alma.

Na prova oral mais de um'hora
 Levaram á interrogal-a...
 Sim, senhora !
 Estavam alli, da villa,
 Muitas pessoas na sala
 Para ouvir-a.

Fallou alto e forte. Prompta,
 Ora na pedra fazia
 Uma conta,
 Ora, voltando-se para
 O audictorio, discorria
 Com voz clara.

Das fracções, as ordinarias
E decimæes, aos complexos,
 Questões várias
Resolveu. Levava o espanto
A todos, alli perplexos,
 Saber tanto.

Em, geographia, a victoria
Era certa. Tinha a sciencia
 De memoria.
Disse toda a Europa, disse
(Que expressão e que eloquencia !
 Quem a ouviisse!)

A Asia toda, a Africa em parte,
Que o tempo entre outras alumnas
 Se reparte.
Esmiuçou dos continentes
Rios, lagos e lagunas
 E torrentes.

Subiu ao Altas, de um salto,
E ao Kilimandjaro; logo,
 De tão alto,
Ao Barh-al-Abiah, de agua clara,
Desceu, e ao saibro de fogo
 Do Sahara.

O Klutcheveskoi, medonho
Volcão, o Koriaskaia,
 Como em sonho,
Fez chammejar, igueo e rudo...
Mares, cabos, praia a praia,
 Disse tudo.

Só não soube em sciencia tanta,
A escapar-lhe, como um fio,
 Da garganta,
No mappa mural fronteiro
Mostrar o Estado do Rio
 De Janeiro.

Da grammatica na prova
Revellou, profunda e artistica,
 Vista nova;
Bateu o antigo processo,
Fazendo ver da linguistica
 O progresso.

Discorreu sobre os oxytonos,
(Citando exemplos da pratica)
 E os barytonos;
Passou á analyse logica,
Kampenomica, syntactica,
 Morphologica.

Condemnou a metaphysica
Em moral; com o mundo atomico
 Entra em physica;
Historia o fluido electrico;
Vae de um problema economico
 A um geometrico.

Já pelo azul super-theorico
Adejava, num tresmalho
 Metaphorico,
Quando a mestra, dessa altura
A puxou para o trabalho
 De costura.

Toda a sala, que alli estava,
De admiração quasi louca,
 A escutava;
Nem sciencia tanta e tão fina
Sahiu jámais de uma bocca
 De menina!

Foi um não findar de abraços,
Quando ella acabou. Anciosa,
 Nos seus braços
A professora tomou-a...
Que mestra que é a dona Rosa!
 Como é boa!

E ante Hercilia, lenta, lenta,
Da mestra a velha figura
 Se apresenta...
Dão-lhe graça essa verruga
E esses oculos de escura
 Tartaruga.

E por trás da mestra, em bando,
Vê com a multidão que chega,
 Vir entrando
Arabella, Dulce, Estella...
Foi sua melhor collega
 Arabella.

E Hercilia, a pensar na amiga,
Dorme-não-dorme, olha á porta
 Uma antiga
Aberta por onde a lua,
Num raio que a sombra corta,
 Se insinúa.

E — illusão, talvez, pareça,
Vistosa c'róa, aurea e bella,
 Lhe adereça
A luz. Várias, multicôres,
Grandes gemmas brotam della,
 Como flôres.

— Ah! que é isto! Um mimo régio!
Mandou-m'o, talvez, a mestra
 Do collegio! »
Brada Hercilia. E ergue-se, vóa,
Péga o mimo, e, alçando a dextra,
 Cinge a c'róa.

E vê-se ao espelho. Farto,
O luar, de um raio que era,
 Enche o quarto.
O espelho á luz irradia,
Como em céu de primavera
 Claro dia.

Vê-se. E moça, moça vê-se!
 De moça o seio nevado
 Lhe apparece;
 De moça a fórma, alva e lisa,
 Se adivinha entre o rendado
 Da camisa.

Moça! e c'roda! e rainha!
 — « Mas — diz ella, e o espelho encara :
 Será minha
 C'róa, assim, que a todas vence
 Em fulgor? C'róa tão rara
 Me pertence? »

E uma voz — baixa do tecto?
 Do chão lhe sóbe? prodúl-a
 Cada objecto?
 Vem do luar? Não sabe de onde,
 Uma voz no ar que se azúla
 Lhe responde :

— « Sim, é tua a c'róa, é tua!
 Mas não vem, como imaginas,
 Nem da lua,
 Nem da escola; porque, enfim,
 Não ha lá, para meninas,
 Premio assim...

Vem da tua mocidade,
 Que estás moça, e é esse o estemma
 Dessa idade!
 A luz, em que o vês arder,
 E' a da graça que diadema
 A mulher.

E' a luz da belleza. E és bella!
 Ciuge a c'róa, e, triumphante,
 Vae com ella.
 Sobre tens sonhos em flôr
 Rutile cada brilhante
 Um esplendor.

Cada illusão que alimentes
Espalme, iriantes, as azas
Refulgentes
De ouro é chrysolitas... Ris ?
Cante em teu riso a alma em brasas
Dos rubis !

Exulta, folga, ave agora
Emplumada ! Flôreo calix,
Abre á aurora !
Phalena, a que o sol seduz,
Sáe a gyrar pelos valles,
Vae com a luz !

Estás moça ! Esse pesado,
Vão saber, que crês houveste,
Põe de lado ;
Em nada te hade valer
Tanta cousa que soubeste...
Sem saber.

Grande e sábia, a Natureza,
Mais te ensina, e com verdade
E clareza,
Que a escola que te approvou
E tanta banalidade
Te ensinou.

As entre-cruzadas teias
Do aranhol, em que, perdida,
Tu te enleias,
Espedaça, ó alma ! e, a voar,
Vem, mais livre, ao sol a vida
Ver e amar !

Bella é a vida, e és bella ! E ah ! quanto
Será mais intenso e vasto
Seu encanto
Se ao teu dever a razão
Servir sempre, e ao bem teu casto
Coração !

Vem ser bôa, e meiga, e pura !
Bella não só, mas querida,
 Por ventura,
De todos, Hercilia ! E, mais :
Vem ser o orgulho, a alma, a vida
 De teus pais ! »

~~~~~

## A visão da torre

Descamba o sol. Scisma a isolada torre.  
Scisma. E, alongando o olhar de pedra fria,  
Parece ver desse final de dia  
No raio extremo a antiga fé que morre.

Menos que aquelle fumo que arrebatava  
Lá embaixo o vento, e vae traçando o rumo  
Do céu na espira, viu durar o fumo  
Dos sagrados thuribulos de prata.

Como na areia, ao tempo, a tenda erguida  
Que o abrigára das chuvas, o viajante  
Esquece e vae buscar um pouso adiante :  
Os corações deixaram-n'a esquecida.

Não vibra mais ! Seja manhan de inverno  
Ou verão, brilhe ardente o sol a pino  
Ou caia o sol — jaz-lhe pendido o sino,  
Com a corolla de bronze, em somno eterno.

E — tempo extincto ! delle ouviu sonoras  
Noutra quadra melhor — como de um calix  
São um bando de abelhas pelos valles —  
Sair cantando pelo espaço as horas.

E agora muda, abandonada ao vento !  
Muda ! entregue ao deserto arido, infindo !  
Como pésa, meu Deus, mesmo caindo  
Sobre uns hombros de pedra, o esquecimento !

Estar só ! viver só ! trance tremendo !  
Só ! e inutil sentir passar a vida !  
Só, com uma sombra aos pés !... Torre esquecida,  
Entendo-te a alma, tua dor entendo.

Só ! que angustia indizível ! Só ! que magua !  
— De quando em quando uma andorinha apenas  
A busca e beber vem, ricando as pennas,  
Na rôta claraboia um pingo d'agua.

Alma dos homens, não vos move á inveja  
A ave do céu que, erguendo-se á procura  
De um pouco d'agua á sêde que a tortura,  
A terra deixa e vem buscar a igreja ?

Tendes em que matar a sêde vossa,  
Alma dos homens ! A « serena fonte »  
Já não é necessario vôl-a aponte  
Torre brutal de cantaria grossa.

Crença, culto, dever, tudo esqueceste !  
Varra agora, passando, a ventania  
Dos vidros d'esta cupola sombria  
O pó das azas das visões celestes.

Varra, leve-lhe tudo !... — A torre scisma.  
Como um phantasma na planície pôsto,  
Alta, de pé, bate-lhe o sol no rosto,  
E ella no sol o olhar de pedra abysma.

E olha, alonga-se, espia... e lhe parece  
Ver de costas além — sombra apagada  
Quasi de todo — lá no fim da estrada  
O ultimo crente que desaparece.

---

NESTOR VICTOR

---

## Filha morta

Crocitando, n'um vento de loucura,  
Veiu a desgraça me bater á porta !  
Ao berço immovel de uma sepultura  
Mandeí agora minha filha morta.

Não sabe um pae o que é ser pae enquanto  
Os tem aos braços, descuidado e crente ;  
Sabe o que é amal-os, pallido de espanto,  
Quem vê que é pae para os chorar sómente.

Exanimés, cahirem-nos na estrada !  
Do céu em vão pedirmos a clemencia !  
E' de luto cobrir toda a jornada,  
E' transformal-a n'uma penitencia.

Porque um pae, quando entrega um filho á Morte  
Faz-se um homem — cypreste. Mata os passos.  
Aonde quer que o destino nos transporte,  
Vamos levando o seu caixão nos braços !

Os filhos são para nos pôr ao peito  
Piedosamente as duas mãos cançadas,  
Para, fechando-se o caixão estreito,  
Alguem sentir as palebras molhadas.

Não é irem tão pallidos sorrindo,  
Como tu foste, minha filha ha pouco,  
E um pae ficar o prestito seguindo,  
N'este sorriso tragico de louco !

Elles então ás vezes vêm sómente  
Espreitar quando estamos descuidados  
Para ás mãos nos fugirem de repente,  
Apavorando uns pobres desgraçados ? !

Não vale ter um coração piedoso,  
Em nossos filhos adorar o Céu,  
Esse amor, tão humilde, é máo, é odioso,  
Como o crime nivela-nos a um réo.

Eu sei que o Soffrimento é a unica escada  
Que entre os astros do Céu e a Terra oscilla  
Que a Dôr é que nos ergue, abençoada,  
Fazendo um homem de uma pobre argila.

Mas a angustia não lessemôs na face  
D'estes seres angelicos, ao menos.  
Nos seus hombros a Dôr não balançasse,  
Elles sendo tão frageis, tão pequenos !

No tragico silencio em que padecem  
Olham á gente com tão grande espanto !  
Interrogar-nos como que parecem  
Qual o motivo por que soffrem tanto.

E fica um pae, com o pisar de um lobo,  
Vagando inutil em redor do leito,  
Sorrindo á tôa, como um triste bobo,  
Quasi a arrancar o coração do peito !

Ai esta dôr ! Não pôde haver no mundo  
Coração que a receba resignado !  
Ella revolta o proprio Céu profundo !  
— E' a dôr horrivel do ludibriado !

Irrisorios simulacros inuteis  
De protecção, — vê-se afinal — nós somos !  
Contra aquelle martyrio vãoos e futeis  
São todo pranto ou todos os assomos !

Estes seres — que não nos cause assombro —  
Uma missão já tinham confiada...  
Elles vêm para a mão pôr-nos ao hombro...  
Mas justamente quando está gelada !

Vem acordar-nos para o negro trilho  
Com seu funebre e tacito carinho.  
— E' só depois de se perder um filho,  
Que a selva escura vemos do caminho !

E' preciso, no entanto, ter coragem,  
Olhar para si proprio resolute,  
Aceitar o bordão, sacco e roupagem,  
E não tremer-se, vendo o céu de luto...

## A partida

Do alto, volvendo o olhar á extensão da campina,  
Que a estrada, aberta ao sol, corta como uma veia,  
Palmo a palmo eu gravava essa milha de areia,  
E a aurora aos céos corria a trevosa cortina...

Com que doida avidez, com que amor, na retina  
Palmo a palmo eu gravava essa milha de areia,  
Do alto, volvendo o olhar á extensão da campina,  
Que a estrada, aberta, ao sol, corta como uma veia.

E caminhos além, de collina em collina,  
Engolphado no tédio, a alma de pranto cheia,  
Eu que a sentia em mim, que a trazia na ideia,  
Eu suppunha ainda vel- a — aparição divina —  
Do alto, volvendo o olhar á extensão da campina.

---



FONTOURA XAVIER

---

## Flôr da decadencia

Sou como o guardião dos tempos do mosteiro !  
Na tumular mudez d'um povo que descança,  
As creações do Sonho, os fetos da Esperança  
Repousam no meu seio o somno derradeiro.

De quando em vez eu ouço os dobres do sineiro...  
E' mais uma illusão, um féretro que avança...  
Dizem-me — Deus... Jesus... outra palavra mansa  
Depois um som cavado — a enxada do coveiro !

Minh'alma, como o monge á sombra das claúsuras,  
Passa na solidão do pó das sepulturas  
A desfiar a dôr no pranto da demencia.

— E é de cogitar insano n'essas cousas,  
E' da suppuração medonha d'essas lousas  
Que medra em nós o tédio — a flôr da decadencia !

(Opalas,)

---

## A minha dôr

Silencio, ó minha Dôr, que alguém te não aviste  
As lagrimas fataes.  
A' noite iremos sós colher um riso triste  
A' diversão dos mais.

Como ao prazer, ha pouco, eu dar-te-ei o braço  
E iremos como os bons  
Ao circo hoje assistir á estréa de um palhaço  
E não sei quantos *clowns*.

E como importas muito, ou viva, ou morta, ou salva,  
Aos pezames gentis,  
Irás vestida á moda, a pasta á Marialva  
E á *boutonnière* um liz.

Que tu és sempre má ! laceras cruelmente  
Uns pobres corações,  
E ficas a pensar que vai chorar-te a gente  
A rir dos *histriões* !...

Depois ao *restaurant* ! E como és nova e féra  
E eu não te sagro amor,  
Lá poderás lançar o pomo de *Cythéra*...  
Eu te conheço, Dôr !

Esperam-te talvez as seducções do vício,  
Os tremedaes do mal,  
Eu sei, tu prézas muito a vida entre o bulicio  
Ao choque do *crystal*.

---

Embora um ideal completo em ti não sonhe,  
O' Dôr, tu podes vir...  
Em frente a uns seios nús e um calix de Bourgogne  
Tu saberás sorrir.

Já não és mais a vil que conduzia á morte  
Os cerebros *blazês*,  
E's um acinte ao tom, e como a moda o córte,  
Eu mudo-te, bem vês.

(Opalas.)

~~~~~

MAGALHÃES DE AZEREDO

A' Grecia

Abra-se a tumba ha seculos fechada
Pela manopla ferrea do Islamita,
Nas cinzas a alma dos heróes se agita ;
Soam na Héllade toques de alvorada ;
O' Grecia, resuscita !

Toma a égide e a panoplia de Minerva,
E os raios de teu Jupiter empunha ;
Investe a raça barbara e proterva !
Do que has soffrido o mundo é testemunha !

Tornem os dias imperecedouros
De Athenas elegante e Sparta rude ;
Colha outra vez a tua juventude,
Com os louros da arte e da destreza, os louros
Da civica virtude !

O sol dos fortes no levante assoma,
Chamando-te á palestra dos athletas ;
E no teu nobre e classico idioma
Vibram os cantos dos antigos poetas !

Não recordes idyllios voluptuosos,
Desses que, á sombra do olival no monte,
Ainda conta ao narciso e ao trevo a fonte,
Que os aprendeu, em dias ociosos,
Do velho Anacreonte

Recorda os carmes de Tyrten e Homéro,
Achilles, Rheso, Ajax, Heitor desperta ;
E, de Eschylo acabando o drama austero,
O acorrentado Prometheu liberta !

Lembra-te Byron, que a belleza pura,
A lyra de ouro e o estro peregrino
De Apollo herdara, por favor divino,
— E que por ti, em épica aventura,
Foi tentar o Destino ?

Sem o gozo supremo da victoria,
Elle caiu em face do inimigo;
Mas neste albor da tua nova Historia,
Seu grande espirito estará contigo !

Quanto no mundo oppressos e oppressores
Raivosamente lutam peito a peito
Não has de defender, no acerbo pleito,
Quem firma, padecendo santas dôres,
O imperio do Direito ?

Deixarás tu que do deserto a areia
Sem fruto absorva, ha quasi dois mil annos,
O sangue derramado na Judéa
Pelo maior dos martyres humanos ?

Soffrerás que a christãos seu jugo imponha
O Musulmano, embrigado de ira ?
Que com impuro alfange abata e fira
Irmãos da nossa Fé, para vergonha
Do seculo que expira ?

Não vês que o odio fatal raizes lança
Nos corações que ulcera o vilipendio ?
Não vês que ao proprio céu pedem vingança
Saques, torturas, exterminio ou incendio ?

Vai ! Soccorre os teus filhos de Candia !
Soccorre-os ! Fartos de uma iniqua sorte,
Elles clamam, com voz altiva e forte :
Basta de assolamento e tyrannia !
Ou liberdade, ou morte !

Não querem resignar-se ao dolo e á affronta,
Quaes vis eunucos que em senil marasmo
Dormem, e que a odalisca rindo aponta
Do Gran-Senhor ao imperial sarcasmo !

Canhões reboam — estremece a terra.
Contra quem os navios vêm armados ?
Contra o Sultão e seus crueis soldados ?
Não ; contra ti. E os que te fazem guerra
São netos de Cruzados !

Alça o pendão nos mastros da flotilha,
Desafia as esquadras frente a frente,
E com teu acto generoso humilha
A inepta covardia do Occidente !

Quantas nações te ameaçam, só por medo
Da sua mesma universal cobiça !...
Vem tu, com o gladio de Alexandre, á liça,
E as malhas romperás do torpe enredo
Em nome da justiça !

Impelle avante o teu heroico Povo !
Embora frema a Europa e o Turco brade,
Tu vencerás emfim, tu que és de novo,
O' Grecia, a mestra e a mãe da humanidade !

(Revista Brazileira.)

GUIMARÃES PASSOS

Eu, peccador...

Nás tuas horas de arrependimento,
Pensando em mim, o proprio amor maldizes,
E, revolvendo o peito nas raizes,
Fallas até nas grades de um convento.

Do gozo tiras o maior tormento,
Das dôres tiras as mais negras crises,
Pois nos dias que somos mais felizes,
Eu leio tudo no teu pensamento.

Tu vês o inferno, quando eu vejo a aurora,
E nos teus olhos, onde a dôr se imprime,
Deus me acena, formosa peccadora.

Bradas ao céu de medo, aos céus eu brado ;
Tu, pedindo perdão para o teu crime,
Eu, pedindo que augmente o teu peccado.

(Horas mortas.)



•

Numero avulso

Um dia, num alfarrabio,
Eu li que um louco vivia
Toda a noite e todo o dia
Uma estatua a namorar ;

Olhavam todos o misero,
Riam a tanta loucura,
E o pobre, em frente a escultura,
Devorava-a com o olhar.

A's vezes, se erguendo tremulo,
Cobria a estatua de beijos ;
Dos seus olhos os lampejos
Emprestavam doce luz

Aos olhos mudos e pallidos
Da mulher de pedra, e logo
O louco abrazado em fogo,
Abrindo os braços em cruz,

Cantava a belleza angelica
Do rosto que nunca rira,
Do corpo que nunca vira
Nem alma, nem coração.

E de novo, macambuzio,
Em frente á estatua jazia
Toda a noite e todo o dia
Na mais firme adoração.

Eu sei que ris desse ingenuo...
Mas elle tinha a certeza
De que a dona da belleza.
Que o não amava, tambem.

Jamais neste mundo vario,
Um só minuto, um momento,
Teve noutro o pensamento,
E nunca amara ninguem.

Minha alma paira na duvida.
Invejo, filha, esse louco...
Quem me déra, dentro em pouco,
Ver-te de pedra ficar !

Eu, louco, amara-te, estatua !
Teu amor nunca teria...
Mas ninguem te possuiria,
Nunca podias amar.

(Versos de um simples.)



LUIZ PISTARINI

Balladilha

Eu vivo triste, meditando
Na tua negra ingratidão...
E sei que tu, — vives cantando,
A torturar-me o coração!
Mas, si por tanta dôr passando
Me vês, e atreves-te, a cantar,
Porque heide eu só viver chorando,
Sempre fiel, sempre a te amar ?!

Bem sei, não sentes me lembrando,
Nem a menor satisfação...
E dás, após, em me olvidando,
A's gargalhadas expansão!
No entanto eu, triste, vegetando
Longe de ti, sempre a penar,
Vivo esta magua supportando,
Porque não deixo de te amar !

Não me procuras... e, zombando
Deste amor, desta paixão,
Si, acaso, eu busco-te, o olhar, brando,
Volves, ingrata ! para o chão !
E eu, tristemente, em não fitando,
O céu azul do teu olhar,
Quasi endoudeço blasphemando
Contra mim proprio por te amar !...

E as mãos aos céos, alevantando,
Cheio de dôr e de pezar,
A morte, a Deus, vivo implorando,
Mulher de bronze, — por te amar !

(Bandolim.)

Mão primorosa

Aquella mão... Meu Deus ! quando a primeira
Vez, apertei na minha mão tremente,
— Como um lyrio nevado, aberto á beira
De um val florido, intemerato e olente :

Achei-a fria e tremula... Mais fria
E mais tremula, em summa do que a minha...
Tremia tanto ! Mas, porque tremia
Aquella mão de fada ou de rainha ?

Não sei ! talvez que a sua joven dona,
Nesse instante (criança !), suppozésse,
Que eu, dos meus labios, a levasse á tona,
Para beijal-a como bem merece...

Mas não tinha razões p'ra tremer tanto
Na minha mão aquella mão tão pura :
— Amo-a, idolatro-a, com amor ! portanto,
Não lhe manchára a immaculada alvura.

E essa mão de que fallo, — perfumosa
E branca flór de lys, —
E' do Universo, a mão mais primorosa
E calça... lettra X !

(Bandolim. ;



Noiva perdida

(Fragmento)

(INEDITO.)

Os meus versos de amor todos rasguei-os...
Tanto mính'alma tinha n'elles posto,
Tanto elles 'stavam de amargura cheios,
Que, num dia de cólera e desgosto,
Quiz atiral-os ao esquecimento.

Ah! como elles se foram, tão de leve,
Borboleteando ao deslizar do vento,
Tambem podesse, n'um momento breve,
Ir todo assim meu louco soffrimento!

Uns — os que eu fiz na noite amaldiçoada,
Na horrivel noite do teu casamento —
Lembro-os ainda. A'svezes a magoada
Cadencia d'elles sobe, dolorosa,
Sobe, a cantar-me tristemente na alma
Versos crueis...

A treva silenciosa,
A doce mãe dos corações feridos,
Toda no espaço se alastrava calma...
Noite profunda, noite escura e fria...
No socego infinito, em sons perdidos,
Um queixume do mar, longe, carpia...

Eu andava sem rumo, ia cansado,
Pensando em ti... E immenso, e louco, e estranho,
Um soffrimento, gêmeo das loucuras,
Como jámais poudo existir tamanho,
Trazia ao meu olhar allucinado
A nitidez das scéνας mais impuras...

Via-te ao leito do noivado, núa,
Núa... apenas o branco da camisa,
Mal sobre a tua pelle rósea e lisa,
Cobrando a grega formosura tua...
Tinhas deixado o véo ; linhas desfeito
As largas ondas do cabelo escuro
E palpitára de emoção no peito
Teu meigo e nobre coração tão puro,
Quando afinal viste cahir despido,
Entre os ramos de flôr de lorangeira,
Teu deslumbrante e esplendido vestido...

Era de sêda branca (lembro-o ainda !)
De uma sêda *moirée*, que, á mais ligeira
Ondulação, vibrava á luz brilhando.
Tinha a belleza seductora e linda,
Que dás a tudo. Apenas, enfeitando
A barra em tórno, um fio delicado
De botões o cingia. E, quasi ao solo,
Solto á direita, um ramo pequenino
Parecia cahir abandonado.

Nem pela noite trágica e sombria
Da cabelleira real, nem pelo collo,
Nem pelo pulso delicado e fino,
Nem por todo o vestido — esplandecia
Uma joia qualquer...

E docemente

Tudo te foi despindo...

O alvo corpinho,

Cahiu tambem... E então, morno e tremente,
Livre afinal do perfumoso ninho
Das rendas da camisa, o róseo seio
Tremeu, medroso e sólto...

E tudo... e tudo...

Tudo isto eu via apparecer, no meio
De uma allucinação desordenada,
P'ra que a meu ciume doloroso e mudo
D'esse tormento não faltasse nada!

Vi-te no leito após. Senti teu beijo
Cantar, sonóro e doce, a meus ouvidos
E pareceu-me vêr, rubro de pejo,
O teu rosto gentil..

Não sei que vento
De maldição cruel, entre gemidos,
Trouxe-me então o arranco derradeiro,
O — ai! — supremo de extranho soffrimento
Da tua morta virgindade...

E' inteiro,
Todo esse quadro de voluptia ardente,
Na perversão da minha ideia louca
Desenhou-se na treva claramente...

Oh! borbulham ainda em minha bôcca
Os versos que então fiz, versos de lava,
Versos de lava e fel... Tremula e rouca,
Minha voz pela noite os declamava...

Fanto minh'alma tinha n'elles posto,
Tanto elles 'stavam de amargura cheios,
Que, n'um dia de cólera e desgoto,
Os meus versos de amor todos, rasguei-os...



Te deum laudamus...

(INEDITO.)

A ti, Deusa do Amor e da Belleza,
A ti, Senhora,
Louva, em arroubos de fervôr accessa,
Minh'alma, que te adora !

No leve rasto de teus leves passos,
Sóbe, sonora e forte, a vibração
De minha voz, semeando nos espaços
Os victoriosos hymnos da Paixão !

Ninhos de águias de luz são os teus vivos
Olhos brilhantes...
Delles, ferindo os corações esquivos,
Ellas vem, triumphantes !

Bem dita sejas ! Sem um só lamento,
Sob as garras torcêdo-me, febril,
Creio, vindo de ti, que o Sofrimento
E' melhor que a delicia mais subtil !

Ciborio sensual — teu labio quente
Mostra aos desejos
A hostia rubra da Luxuria ardente
Que a alma communga em beijos !

Teus nobres seios — da Canção do Goso
Marcam, pulsando, o compassado tom...
Vibra por todo o teu perfil glorioso
Do Hymno da Forma o incomparavel som !

Das tuas mãos o mais pequeno gesto
 — Gesto sublime —
 Póde atirar um coração honesto
 A's gehennas do Crime !

« Mata ! » dirás... E um tigre em cada peito
 Ha-de rugir, indomito e feroz...
 Honra e Brio e Valor : — tudo, desfeito,
 Cáe, ao rumor da tua doce voz !

Barbas brancas de velhos — a teu mando,
 Rojando a lama,
 Jazeriam, contentes, si, brilhando,
 Vissem-te o olhar em chamma !

Bem dita sejas ! Para os que te adoram
 E's o supremo e mais divino idéal :
 Tudo o que outros homens inda imploram
 Ao pé de tua sombra nada val !

Como o orvalho e o calôr são para a alfombra
 Quasi cahida
 Tu — teu passo, teu rasto, tua sombra —
 E's toda a minha vida !

Eu te desejo, como os condemnados
 Podem do inferno desejar a Deus,
 Sempre sedentos e desenganados,
 Tendo a certeza de não vêr os céos !

Sê, pois, bem dita, Deusa da Belleza !
 A ti, Senhora,
 Louva em arroubos de fervôr accessa
 Minh'alma que te adora !



FELIX PACHECO

Elisabeth

Na doce quietação do constellado ninho,
Angustiosa, febril, na camara tristonha,
Entre os alvos lenções do perfumoso linho,
Belsa, no almo languor dos heliantos, sonha...

Uma idéa de amor, traidora como o vinho...
Sonha que alguém a vê descomposta e bisonha,
E se aproxima, e pede a esmola de um carinho...
Um sonho máo... Desperta... Eil-a outra vez risonha !

Orgulhosa Vestal indifferente e fria,
Santa do Desamor, ninguém, ninguém te via,
Santa de alma de pedra e sorrisos de gelo :

A aza dos sonhos de Arte aos páramos se libra ;
Não mereço, porém, as honras do teu zelo :
Amo sómente em ti o marmore que vibra !

Longe

Arvore nua, dibe, onde cahiram
As tuas folhas bastas, verde-escuras?
Onde aquellas florinhas roseas, puras,
Que em loiras alvoradas te sorriram?

Que fructos amarellos, côr de gemmas,
Pendiam-te da rama onde cantava
A' tarde o sabiá, que me lembrava
Doces, agrestes e immortaes poemas!

Bem sei que não morreste ; só precisas
De outro sol, de outro orvalho e de outras brisas
Que façam recobrades o vigor!

Hoje, minh'alma, como tu, supporta
Essa mesma nudez : parece morta,
Vivendo longe de seu casto amor.

(*Accórdes.*)



LEOPOLDO BRIGIDO

Fra Angelico da Fiesole

(SECULO XV.)

Erram, fogem os tons da tarde extincta
Na veneranda abbacial capella...
Solitario, *il Beato*, alma singela,
Alma pura, ajoelhado, orando, pinta.

De um Christo morto a face heroica e bella
Avulta já na lividez da tinta,
E Angelico trabalha, sem que sinta
A prostração que o seu pallôr revela.

A' porta que se entreabre, o olhar o espreita
Dos velhos monges, pasmos, silenciosos,
Sentindo a radiação dessa alma eleita...

Santamente, esquecendo o fugidio
Tempo, elle pinta, — e os olhos dolorosos
Vertem divinas lagrimas a fio...



ERNESTO SENNA

Soneto

O passado esqueci. Tristes lembranças
Da memória apaguei... Sigo outro norte,
Irei contigo onde quizer a sorte
De crenças cheio e cheio de esperanças.

Quem a roubar-te ao meu amplexo forte
Se atreveria? As longas negras tranças
Esparze como um lago de bonanças
E deixa-me sonhar até a morte.

Sonhar, sonhar... Que importa o mais? Amar-te?
Ver-te, sentir-te em tudo, e em toda parte.
Venha amanhã a morte impenitente...

Doce ha-de ser a morte horrendo e fera
No teu regaço ; cavarei contente
O meu sepulchro em plena primavera !

VITAL FONTENELLE

Visao da Morte

I

Que quer essa mulher á minha porta,
Magra, espectral, de negro ? Inda é tão cedo !
A lua inda não vai de todo morta...
Augmenta o frio. A neve é tanta agora !

Veste toda de negro essa senhora ;
E' alta, grave, e, quando ri, faz medo !
Vem só. Ninguem a vê. Só eu a vejo.
— Louca ?... medito. — Qual o seu almejo ?
Infunde-me pavor !
Parece-me um agouro !
E mais me attrae. Tento fugir-lhe. Horror !
Grito, estremeço em convulsivo choro,
E não lhe entendo uma palavra, um gesto !
Céos, que fazer ? Toda a attenção lhe presto.
Que me desejas ? Dize. Uma ironia
Mostra no riso, horripelmente fria.

E a neve cae em flocos neste inverno.
Dizem os velhos que jámais se viu
Passar um Junho assim, de gelo. Inferno !
Por que tão cedo te finaste, abril !

II

Fala-me agora :

« Venho visitar-te.

Queres saber ? Pois bem. Venho buscar-te.

O meu dominio é grande, eterno e forte ;
Eu sou, de carne embora, a propria Morte.
Quantos erros que tens, quanta maldade !
Mas has de tu soffrer maior saudade
Do mundo a que te arranco ! E' teu castigo.

Por que negaste tanta vez abrigo
Ao pobre e lhe não déste — ó desgraçado !
Uma esmola ? Soberbo do teu fado,
Satisfizeste sempre o teu capricho,
Soffresse embora alguém, pensasse alguém.
Do teu palacio — um caprichoso nicho
De tudo quanto é rico e nobre e raro —
Vedaste á plebe a entrada e foste avaro
Do teu ouro ! Pois vaes soffrer tambem
Por quanto foste má.
Teu castigo é fatal. »

Sinto que desfalleço. O meu' tormento
Cresce, que tudo quanto ouvi é falso.
Falta-me a luz — acerbo soffrimento —
Para correr dessa mulher ao encalço.
Ella me deixa assim, desfallecido,
E vae — negra visão — sem ter-me ouvido,
E fôge ao meu appello e desaparece.

Senhor ! ouve-me a voz !
Attende á minha prece
Tu, que velas por nós !

Pobre, nunca deixei sem pão o pobre
Que me procura ; abrigo-o sob o tecto,
O mesmo tecto humilde que me cobre.
Tu, que sondas a todos o secreto
Sentimento, julgar podes se é puro
O que te digo, puro e verdadeiro ;
E aos mais, se mandas, eu, de prompto, juro.

III

Fito o céu; uma estrella tão sómente
Alto refulge. Que belleza a sua!
E', de certo, a mais linda, a matutina
Estrella. E é quasi morta a branca lua...
Dentro em pouco um clarão aurifulgente
Ha de vir do levante, e a passarada
Estridulando em limpida risada,
Ha de saudar a aurora. Hosanna! Hosanna!

.

IV

Pleno dia, afinal.

Que luta insana
A minha, — considero — a repellir aquella
Negra visão da Morte, a sós com ella,
Magra, espectral, de negro, á minha porta,
E minh'alma a fingir-se soberana,
Mas fria, fria, algente, quasi morta!

Horrorisa-me ver o meu retrato.
Senhor, como isto foi? O meu semblante
— Olha — que pallidez baça e mortal
Revela! E mais: Qu'insomnia tão profunda
O meu olhar completamente inunda!
Dize-me tu, Senhor, lá, bem distante
Que sejas, lá do céu, com teu poder,
Que caso singular, que horrendo factio
Foi este que me põe todo a tremer!
Vos outros, que me ouvis: Onde a visão
Medonha, que gelou meu coração?

Minha casa é soturna
Depois que recebeu
A Morte, que a encheu
De treva, a tenebrosa
Visão mysteriosa,
Que a fez com uma furna.

E ninguém me responde. Olho e estremeço :
Eu de negro, espectral, todo o cabelo
Branco !...

Tudo é de certo um pesadelo
Ou a Morte sou eu !

Assim dizendo,
— Que luta enorme e que soffrer horrendo ! —
De novo, já sem forças, desfalleço.

.



NESTOR VICTOR

Morte posthuma

D'esses nós vemos : lá se vão na vida,
Olhos vagos, somnanbulos, callados ;
O passo é a inconsciencia repetida,
E os sons que tem são como que emprestados.

— Dia de luz. — Respiração contida,
Para encontral-os despreoccupados,
Ahi vem a Morte, estúpida e bandida,
Rangendo em secco os dentes descarnados.

Mas embalde ella chega, embalde os chama :
Ali não acha nem de longe aquelles
Grandes assombros que aonde vae derrama !

E abre espantada os cavos olhos tortos :
Vê que elles tem os olhos vitreos, que elles...
Elles já estão ha muito tempo mortos !

(*Pallium.*)

CUNHA MENDES

Paisagem d'alma

Verás dentro em minh'alma esta negra paisagem :
— Um cypreste, ao bramir da forte ventania,
Em saudade profunda e em profunda agonia,
Move sentidamente a funebre folhagem...

Sobre a pedra de grande e merencorea lagem,
Uma flôr se debruça, uma flôr murcha e fria ;
Ah ! que vasta amargura, ah ! que melancolia
Cobre, por dia e noute, a lugubre paragem....

Paira no ar o pavor de estranhos desconfortos
E, por entre os montões de meus desejos mortos,
Desce um raio de luar nostalgico e tristonho.

E, lá baixo, mais longe, em funereo recanto,
Inda tendo na face as göttas de meu pranto,
Morre crucificado um derradeiro Sonho... —

(Pallium.)

EGAS MONIZ BARRETO DE ARAGÃO

Pethion de Villar.

A suprema epopéa

(REFLEXOS DE HUGO)

Esplendida visão! Tempos futuros!
Divino Sonho emfim crystallizado;
Das bastilhas por terra os negros muros,
O lobrego deserto atravessado!
Depois dos areiaes — a veiga em flôr,
Depois da Escuridão, depois do Horror,
O Sol, o riso bom da Primavera,
A Paz que os corações todos estreita!
Parece a Terra a noiva que se enfeita
E o Homem o desposado que ella espera!

Não mentiram as velhas prophecias :
Além, nas brumas do horisonte, avisto
A realização das Utopias
Que entresonhara o coração de Christol
O Povo ha muito espedaçou os ferros,
Ha muito o Verbo, jugulando os Erros,
O estandarte plantou da Liberdade
Na apothese enorme de um Thabor!
Não ha escravos, já não ha Senhor...
Venceu a Luz! Venceu a Humanidade!

A jaula escura, o ergastulo profundo
Da antiga Lei, do velho Preconceito,
Em cuja gorja, em cujo barro immundo,
O Despotismo, em nome do Direito,
Prendêra as consciencias indomadas,

Os corpos das Nações crucificadas,
As almas todas, lípidas, severas,
Todos os grandes homens generosos,
Escondendo-os do Sol como leprosos,
Amordaçando-os como bestas-féras.

A porta d'esse barathro de horror,
O sello atroz d'essas prisões supremas,
Abriu, de um golpe, um braço vingador,
Quebrando ferros e quebrando algemas !...
E logo, todos os suppliciados,
Erguendo os tristes olhos assombrados,
Vibrando a fronte cheia de esplendores,
Azas bateram pelo céu em fóra,
Livres voaram procurando a aurora,
Como uma revoada de condores !...

Sublime paz, tranquillidade santa !...
Risonha exulta a Natureza em festa !
Tudo sorri, tudo trabalha e canta :
O passarinho — á sombra da floresta,
A Humanidade — á sombra da justiça !
Soberbo, o Povo que venceu na Liça
Segue, o Progresso — o grande palinuro —
Ao ciclo da penna, á voz do malho,
Cantando a symphonia do Trabalho,
Cantando a Marselheza do Futuro !...

Ninguem se lembra mais dos Bonapartes ;
Torres, canhões, leviathans de guerra,
Fortalezas, torpedos, baluartes,
Tudo ruíu, tudo rolou por terra !
Ja não ha tropas, já não ha fronteiras,
Alheias terras, plagas estrangeiras,
— Livres os portos, as cidades francas ! —...
Sobre as Nações, emfim emancipadas,
No azul de um céu primaveril, paradas,
Arqueia a paz as grandes azas brancas !!

A ferrugem roeu as espingardas,
 Roeu a traça a purpura dos reis ;
 Das colossaes, flammivomas bombardas,
 A cujos raios se escreviam leis,
 D'esses sinistros mastodontes de aço,
 Não resta, generaes ! nem um pedaço,
 Na relva esmeraldina dos caminhos,
 Nos altos montes, 'no areial da lande.
 Um pedaço sequer, bastante grande,
 Para servir de taça aos passarinhos !...

Norteia do alto o Verbo que irradia !
 A Liberdade já não é um crime...
 E' gladio — a Penna, o Livro — a artilheria,
 Os Idéaes — o exercito sublime
 Dos grandiosos prelios incruentos,
 Das batalhas de luz dos Pensamentos !...
 Deus, enfeixando essás soberbas armas,
 Para amarrar esse trophéo divino,
 Tomou a corda que tangia o sino,
 O velho sino escuro dos alarmas !


Olhae, irmãos ! na profundeza do céo,
 Além, aquella estrella paquenina
 Que vem rasgando, pouco, e pouco o véo
 Da escuridão com sua luz divina...
 Olhae !... ella annuncia, alviçareira,
 A fraternisação da terra inteira !...
 O' Republica ! ó Patria universal !
 Hoje — visão, remota claridade,
 Utopia... amanhã realidade,
 Divino Sol, eterno e triumphal !...

.....

 Esplendida visão ! Tempos futuros !
 Divino Sonho emfim crystallizado ;
 Das bastilhas por terra os negros muros,
 O lobrego deserto atravessado !...

Depois dos areiaes — a veiga em flôr,
Depois da Escuridão, depois do Horror,
O sol, o riso bom da Primavera,
A Paz que os corações todos estreita !
Parece a Terra a noiva que se enfeita
E o Homem o desposado que ella espera !...

(*A Suprema Epopéa.*)



Ideal

Venus, deusa pagã de altiva realeza,
Cujo corpo ideal, cujo cabeça airosa,
E redondos quattris, são a mais primorosa
E gèntil perfeição da plastica belleza ;

Venus, mytho sublime e cheio de grandeza,
Quando surgiu do mar como um botão de rosa,
Não tinha a tua voz suave e harmoniosa,
E não possuia alfim teus olhos de princeza !

E's a Venus christã de um templo mais moderno,
Mais cheio de paixões nevrosthénicas de arte,
Em que a carne solfeja a Volupia do inferno!!!

E's o lótus budhista, o rubi do Oriente,
E's..., eu já não sei mesmo a que eu hei de egualar-te,
Quando louco contemplo o teu seio fremente !



Flôr de marmore

Na pallidez da tua face, n'esse
Cabello louro scintillando airoso,
Fico extatico, tremulo, medroso,
Qual se um iman meu corpo percorresse.

E' que tomo por ti tanto interesse,
E' que este meu amor, demais fogoso,
Quando te vê fem extasis de goso!...
E tu, como se nada acontecesse!

No entretanto (apezar d'esta frieza),
Ainda te adoro, ó pequenina louca,
Ainda te quero, ó flôr do meu desejo!

E, para dissipar esta tristeza :
— Por castigo dar-me-has a tua bocca,
Para que n'ella eu deposite um beijo!

~~~~~



## O amor

(A Carlos Colin.)

Decantado elle foi nos poemas de Homero,  
Da *Iliada* idéal á *Odysséa* encantada.  
Em Andromacha, ao vêr Heitor morto por féro  
Imigo, e na mulher de Ulysses, na chorada  
Ausencia d'esse heróe que nunca esqueceria!

Teve a concentração profunda de um estudo,  
No grande Shakespeare, esse colosso humano!  
E na loucura atroz do D. Quixote ossudo,  
A grandeza assumiu de um hystérismo insano,  
E a frialdade mortal de uma grande ironia!

Que lamentem em vão nossos Werthers modernos,  
Todas as Lauras e — todas as Dorothéas!  
Que os novos Dantes têm outra especie de infernos,  
E os poetas milhões de bellas Dulcinéas,  
Que alimentam os seus voluptuosos amores!

D'esse numero eu sou tambem, minha querida!  
O meu intenso amor é como a luz do sol  
Que as aves em canção julgam que seja a vida!  
O amor é como o bello : — um fulgido crysol,  
Cheio de rouxinoes, de primavera e flôres!

(*Ephemeras.*)



## Olhos mysteriosos

Enygma vivo ! espynge indecifavel !  
Quem poderá, acaso, desvendar  
Os arcanos que existem no insondavel  
Fundo d'aquelle olhar ? !...

Olhar que lembra o Fogo-fátuo, errante,  
De cova em cova, rapido, a fugir ;  
Olhar d'aço — ora morto, ora brilhante,  
Exquisito, a fulgir...

Olhar immenso, olhar caliginoso,  
Do Infinito espelhando a vastidão,  
Que terrivel segredo mysterioso  
Reflecte o teu clarão ?

Olhar que falla... Mas, que lingua estranha,  
Que idioma de barbaro paiz,  
Fallam taes olhos, cuja luz me banha,  
Fazendo-me infeliz ? !...

Que paizagem fantastica de Sonho  
Esse olhar nebuloso reproduz  
— Logar triste, deserto, ermo, tristonho,  
Sem trevas e sem luz ;

Onde uma côr funerea, indefinida,  
(Uma côr, que não é bem uma côr)  
Paira como uma luz amortecida,  
Um livido pallor ?

---

Enygma vivo ! esphyngè indecifravel !  
Quem poderá, acaso, desvendar  
Os arcanos que existem no insondavel  
Fundo d'aquelle olhar ?

Olhar trevoso, olhar que nos aponta  
Incognoscivel *Região d'Além* :  
Quem é que sabe o que esse olhar nos conta ? !..  
Ninguem!... ninguém!... ninguém!...



## FREITAS GUIMARÃES

---

### Morta !

Tinha quinze annos só. Seus olhos grandes, cheios  
De uma suave luz, de um mysticismo doce,  
Eram dois céos azues, mas n'elles eclypsou-se  
O sol que convidava est'alma aos devaneios !...

A bocca — uma caçoula oriental — vermelha  
Como a sanguinea côr das madrugadas claras,  
Pyra accesa, a queimar essencias as mais raras,  
E' onde ardia do goso a rúbida scentelha

Que as carnes incendeia e o sangue precipita ;  
Amphora que guardava o nectar dos divinos  
Moradores do Olympo ; ámbula que os mais finos  
Licores encerrava... agora, sem a fita

Rubra que déra vida aos labios, desmaiada,  
Muda, sem risos, fria e exsangue, mas ainda  
De mil perfumes cheia... a sua bocca linda  
Fez-se calix de flôr immácula e nevada !...

Os cabellos, meu Deus ! a cabellêira, loura  
Como os louros trigaes de outubro, — flavo manto  
De ouro que lhe cahia aos hombros —, essa, entanto,  
Embora esteja morta, inda lhe os hombros doura !...

E n'essa trança farta, — um turbilhão de fios  
Sedosos e subtis, dourados, tentadôres —  
Minha dextra espalhou as pétalas das flôres  
e se abrem ao calôr fecundo dos estios !

Morta, com as mãos em cruz sobre os dois seios pul-  
[chros,  
Desbotoados ao sol da puberdade, quando  
Fito o seu morto olhar, vejo n'elle, boiando,  
Luz semelhante á luz que se ergue dos sepulchros!...

Então, parece viva... e o meu olhar perscruta  
Dos seus olhos no fundo o que o seu peito encerra,  
Peito em que irá bater talvez, dentro da terra,  
O mudo coração que esta minh'alma escuta!...

Fico só, a pensar horas inteiras, triste,  
N'essa creança morta em plena mocidade,  
Buscando em seu olhar a meiga claridade  
Que me banhava o ser e eu penso que inda existe!...

Mas... pobre coração! a realidade é esta :  
Viveu... é morta agora, exsangue, emmudecida!...  
— E não se me vai nunca esta enfadonha vida,  
Esta vida sem fim, estúpida e funesta!

(*Estrophes.*)

JOÃO RIBEIRO

---

## Lux et umbra

Sahiste e para sempre! e vi na escada  
Mollemente rolar os ondulosos  
Folhos do teu vestido róseo e a cada  
Ondear, senti uns fremitos nervosos.

Poderia correr todo este mundo,  
Ir-te buscar insano e desvairado,  
Porque bebe-me o sangue esse profundo  
Amor tão grande quanto desgraçado.

Poderia seguir-te na carreira  
E cair como a sombra tenebrosa,  
Que se debruça aos pés d'uma palmeira,

Até que o sol acĩma e o dia em meio,  
A sombra pouco a pouco sequiosa  
Viesse confundir-se no teu seio.

---

## Paisagem sergipana

Scintilla o sol nas pedras lutulentas  
E' mei-dia talvez... os boiadeiros  
Pelas rubras estradas poeirentas  
Passam cantando. Os longiquos oiteiros

Vem deformar-se á tona da lagôa...  
Sobre o aquoso brejo humido e molhado  
Uma esguia e solitaria canôa  
Fluctúa presa a um tronco abandonado.

Ao longe na montanha semelhante  
A' parasita que abre-se a mei-dia,  
Enflora a alegre solidão distante  
Uma choupaha alegre e luzidia.



## ANTONIO BRAGA

---

### Esquece !

Fujo a mim mesmo pallido de espanto  
Para que a Cruz sobre este amor — delicto  
Que nos condemna e que nos une tanto —  
Não abra os braços de algido granito.

Si extincta fosse esta affeição infinda,  
Talvez então sentisse, o peito gasto,  
Calor e luz ! Ha tanta virgem linda,  
E como o teu ha tanto seio casto !

Porém, o coração, sempre lutando  
Contra os punhaes acerbos da agonia,  
Vae, gotta a gotta, o sangue espadanando  
Dos sonhos mortos sobre a lagem fria.

E passam annos ! E, comtudo, sinto  
Tristeza tanta e magoa tão profunda,  
Que ao ler os versos meos, dirão que minto,  
Rindo da estoica dôr que me circumda.

Porém, o seio teu que foi vendido  
Perante os homens e perante altares,  
Sei que, em silencio, agonico e ferido,  
Sente na lyra minha os meus pezares.

Mas, ai, querida ! A ti que flagellada  
O seio tens na mesma Treva immerso ;  
A ti que, afflicta, em lagrimas banhada,  
Soffres ouvindo o grito de meu verso :

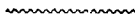


Mais uma angustia te prepara a Vida...  
— Talvez com teu olhar tranquillo e triste  
Nunca mais possas ver, minha querida,  
Quem te prefere a tudo quanto existe !

Então, te peço, olvida este martyrio  
Que ha tanto inutilmente nos tortura...  
Tudo termina, immaculado lyrio ;  
Terminará tambem a desventura.

Longe de mim encontrarás conforto,  
Terás allivio á dôr que te descora !...  
Longe de ti, embora quasi morto,  
Quero sonhar como sonhava outr'ora!...

(*Cenaculo.*)



PAULO DE ARRUDA

---

## Ave, Maria!

Bem dita seja essa visão serena  
Que hoje aos meus sonhos, soberana, desce,  
Esse perfil hebreo que resplandece  
Como o da santa Virgem Nazarena.

Bem dita seja a candida açucena  
Que entre os lyrios do céu, casta, floresce,  
E que por mim, piedosa, o céu esquece,  
E a agonia dos sonhos me asserena.

Clamem, radiando, os astros que supplantas,  
E as estrellas e o luar, clame o infinito :  
« Gloria na Altura á Santa entre as mais santas ! »

« Amen » digam-te os anjos noite e dia,  
Que eu dentro d'alma, trémulo, repito :  
Bem dita sejas tu, doce Maria ! »



## No exílio

Só, na escarpada rocha onde esfusia  
Do mar da Vida a colera espumante,  
Eu fito ao longe sob um céu distante  
Minha patria ideal da Phantasia.

Lembro o tempo feliz em que eu vivia  
Cantando o Amor, sonhando a cada instante,  
E essa lembrança torna mais cruciante  
O immenso horror de minha nostalgia !

E lá, bem longe, em plena immensidade,  
Vejo-as passar, tristonhas e serenas,  
As soluçantes aves da Saudade !

De azas pendidas, mortas de cansaço,  
Passam deixando um leve rastro apenas  
De plumas soltas pelo azul do espaço !

## FROTA PESSÔA

---


### Rouxinol

Passas cantando, rouxinol de tranças,  
Essa eterna alegria gargalhando...  
Canta. Tempo virá, que só lambranças  
Do passado feliz irás cantando.

Esses que vivem magoas soluçando  
E que jámais cantaram de esperanças,  
Esses talvez que se aborreçam, quando  
Passas cantando, rouxinol de tranças.

Mas eu, que tive os risos da ventura,  
E cantei as cantigas que a ternura  
Costuma por na bocca das creanças,

Quero-le bem por toda essa alegria  
Que, com teus risos cheios de harmonia,  
Passas cantando, rouxinol de tranças.



## Crúel perfume

Tu és a flôr sinistra e tenebrosa,  
Que no jardim do vicio te formaste...  
Vi-te ao passar ; parei... Alta e formosa,  
Com teu perfume atroz me embriagaste.

Quiz te fugir, tu me prendeste. Airosa,  
N'um balouço gentil te debruçaste ;  
E estremecei, tulipa venenosa,  
A's fortes emoções que me inspiraste.

Era livre e tornei-me teu escravo ;  
Algemado vivi, triste e submisso,  
Era livre e tornei-me teu escravo ;

E a pompa, a força, o peregrino viço  
Fugiu ao coração rigido e bravo  
E foi só teu perfume que fez isso...

LEONCIO CORREIA

---

## Alma de Artista

Sob o azul melancolico e dolente  
Das noites de luar, — a alma saudosa  
Do Artista se abre, palpitante e quente,  
Como oloroso calice de rosa. :

E todo o effluvio do luar dormente  
Aspira, sorve e com voluptia gosa :  
Que desse luar toda a tristeza sente,  
E toda a nostalgia luminosa ;

Pois nessa concha, victoriosa e fraca, :  
Onde do Mal seccaram as raizes,  
E do Odio torvo o temporal se applaca, :

Passam, gemendo, em longas desfiladas,  
A proscricção das raças infelizes,  
E os sorrisos das gentes desgraçadas...

---


## Pela Africa

Ha o calor, que suffoca. A areia, a argila,  
As broncas pedras asperas dos montes  
Abrasam. A agua espuma, e ferve... Oscilla  
O mar. Curvam-se em fogo, os horisontes.

Queda-se a matta, esplendida e tranquilla ;  
Repoisa; aos céos erguendo as atras frontes,  
A monotona, tarda e longa fila  
Dos crocodilos e rhinocerontes...

Paira pela pesada natureza,  
— Como um luar nostalgico e perenne, —  
O genio do Infortunio e da Tristeza ;

E, como que ainda se ouve, ás suas portas,  
O dolorido anciar da alma solemne  
E veneravel das idades mortas...



CARLOS COELHO

---

## Canção dos tropicos

A cigarra estridúla, e, supplice, cicia,  
Occulta no silvedo ; iriantes borboletas,  
Amarellas, azues, avermelhadas, pretas,  
E outras brancas, da côr da espuma fugidia

Das aguas em cachões, adejam ; violetas  
Espargem o perfume, ameno, que inebria ;  
Ouve-se, muito além, ao descambar do dia,  
O pesado rodar das rusticas carretas.

O sol desaparece atraz de alta montanha ;  
O crepusculo empresta á tarde, vagaroso,  
Suave claridade empallecida, estranha ;

E perturba o silencio horrifero das mattas,  
Sob o limpido céo tranquillo e mâgestoso,  
O rouco despenhar das querulas cascatas.

---



## Harmonia selvagem

A lua vem rompendo atraz de uma collina...  
O gavião corta o ar com seu vôo altaneiro ;  
Pelas moitas em flôr o limpido ribeiro  
Espreguiça-se e corre ao longo da campina.

Os pyrilampos de aza irradiante e fina  
Tremeluzem por entre as touças de espinheiro ;  
A cigarra chilreia ; o zephyro fagueiro,  
Que, tímido, perpassa em quérula surdina,

As lianas agita e brandamente inclina  
Do ipê florido a cópa ; e, junto de um coqueiro,  
A onça, deitada sobre a relva esmeraldina,

Alonga pela estrada em que o bosque termina  
O pavoroso olhar, vivo como um brazeiro...  
A lua vem rompendo atraz de uma collina.

(*Psychoses.*)



JARBAS LORETI

---

## Noites

Quanto vos quero, ó noites estrelladas,  
Tão cheias de um silencio delectoso,  
E unicamente feitas para o goso,  
Para o enlevo completo das amadas!

Quer se escôe o luar pelas ramadas,  
Quer brama o lemporal, atro e raivoso,  
Escurecendo o céu esplendoroso,  
E inundando as montanhas escalvadas,

E' sob o vosso manto sempiterno, —  
Que se esquecem torturas lá do inferno,  
Nas delicias de um somno confortante...

Só vos não ama, ó noites mysteriosas,  
Quem não gosta dos lyrios nem das rosas,  
Quem nunca adormeceu junto da amante...

---

## Fórmas aerias

Quando vos vejo, ó nuvens esgarçadas,  
Neste profundo e concavo céu manso,  
Me vêm á mente, nunt tristonho avanço,  
Umás minhas antigas namoradas...

Nas suas fórmas roseas ou nevadas,  
O de poeta meu olhar descanço,  
Como si achasse divinal remanso,  
Feito de arminho e flôres nacaradas...

Opala e borboleta, — a phantasia  
Cresce-me então como si fôra infinda,  
E vive do que outr'ora ella vivia ;

E doura os vultos, onde os olhos ponho,  
De Esther, Maria, Alice, Laura e Arminda,  
— Cysnes mortos no lago de meu Sonho...



## Emquanto reina o silencio

Pela estreita janella côr de rosa  
Do pavilhão cercado de verdura,  
A Princesa Gentil sente a frescura  
Da noite luminosa...

As aves dormem sobre os ramos frescos,  
Na perfumada sombra do pomar...  
E no tecto dos templos gigantescos  
Reflecte-se o luar...

A Princesa Gentil tem nas espiras  
Da sua trança de ébano, enrolada,  
Uma longa serpente recamada  
De esplendidas saphyras...

A cegonha que desce da montanha  
E vae pousar no lago, entre os salgueiros,  
E' mais alva que as aguas dos ribeiros  
Onde a Lua se banha...

A Princesa Gentil fita o horizonte,  
E agita o leque em sandalo esculpido...  
Emquanto a voz do pombo adormecido  
Chóra de monte em monte...

E um desmaiado raio de luar,  
Indo cahir na refulgente veste,  
Faz sobre a sêda pallida brilhar  
Uma enorme turqueza azul-celeste...

---

## A flôr da laranjeira e a saudade

Diz a primeira — num perfume inquieto  
Mais doce que os terrestres idiomas —  
Abrindo o seio ao luminoso insecto,  
E derramando musicas de aromas :

— Eu visto o campo azul de mocidade !  
Cubro de neve os laranjaes enxutos !  
Sou o emblema immortal da virgindade,  
E o berço branco dos dourados fructos !

Cerco de amor a fronte das esposas !  
Aromatizo a virginal manhã  
Do transparente manto dos noivados...

Mas tu que fazes, triste flôr das lousas ?  
E a saudade responde á altiva irmã :  
— Eu perfume o caixão dos engeitados !

*(Ave-Maria.)*



XAVIER MARQUES

---

## Seductora

Pallida, esguia em formas, delicada,  
De um talhe fino, porte esvelto e airoso ;  
Lançando o olhar olympico, orgulhoso,  
Qual soberba rainha enthronisada ;

Cabellos em ondas, como flamma airada,  
Collo-virgineo lago Bonançoso  
A entremostrar a perola do goso,  
Para supplicio d'almas, engolfada.

Se o puro esmalte de seus dentes brancos  
Aiveja ás vezes em sorrisos francos,  
Palpita a flôr sanguinea do desejo...

Como seria bom beijar-lhe o riso  
Na propria bocca, fosse até preciso  
O coração pagar por esse beijo !...

---

## Amor proprio

Arfa-lhe o seio, o coração lhe bate,  
Ferve-lhe o peito num desejo ardente...  
Ella, contudo, finge estar contente,  
Velando a custo o intimo combate.

Que se estortegue em ancias, que se mate  
De aceradas paixões interiormente...  
Forçoso é rir, como a lagrima latente,  
Luctar com a tentação que n'alma embate.

Querem fallar os labios, mas não fallam ;  
Querem gritar as dores, mas se calam,  
De austera voz ao mando soberano

Padeça o amor sublime de ternuras ;  
Qu'esse amor-proprio, origem de torturas,  
Barbaro sendo, infelizmente é humano.



PEREIRA DA SILVA

---

## Vae victis

(« IN EXTREMIS »)

Et videti si est dolor  
sicut dolor meus.

(*Lamentationes Geremiae.*)

Não visse eu perto a legendaria, a feia,  
A parca fouce a reluzir no gume;  
E o nosso amor que tanto hoje me enleia  
E me enche tanto de paixão e ciúme

Certo trouxera a minha alma cheia  
De Luz, de Sons, de beijos, de perfume...  
Mas já não posso ! esta infeliz ideia,  
Cada vez mais, vulto maior assume.

A Morte! A Morte! E em toda parte, em tudo  
Este phantasma acorçado e mudo  
Sempre acenando, sempre me acenando...

Estranha idéa ! idéa estranha e louca !  
Quando me beija tua propria bôcca,  
Parece a morte que me está beijando !

---



## LUIZ EDMUNDO

---

### Mystica

#### I

Alma! quem te formou assim tão bem formada?  
(E nasceste talvez para viver commigo.)  
Santa! quem te desceu do immaculado abrigo  
Onde a ventura móra e tens tua morada?

Homens vis! Homens crueis! De alma no amor chagada;  
Que esta vida affrontaes como um cruel castigo!  
Ah! sentissem a luz de seu olhar amigo  
E o tacto de sua mão pequena e avelludada.

Quem te mandou a mim? Como soubeste, Pura,  
Que aspirando viver na maxima ventura  
Desejei teu amor e desejei a vida?

De onde vens a trazer aos intimos refolhos  
De minh'alma o clarão que eu vejo nos teus olhos,  
Sonho feito mulher! Oh, fórma esfremecida!


#### II

Deixa que eu possa ler o idyllico poema  
Dos teus olhos de luz cheios de castidade,  
Que este sonho que me ergue aclara-me a verdade  
De um bem que eu vejo como uma ventura extrema.

Oh! casta apparição! Immaculado emblema  
De pureza sem fim, de extranha claridade!  
Eu já sinto o poder que acorda a virgindade  
Dos nossos corações dentro da mesma algema.

Vem! amor que esperava, em placido momento!  
Santa! trazes a luz toda do firmamento,  
Toda a firmeza e toda a placidez do luar.

Tu que as dôres do mal nos corações estancas,  
Abre por sobre mim as tuas azas brancas  
Para eu poder viver! Para eu poder sonhar!



## A galera fatal

Na superfície azul dos teus olhos parados,  
Mar que mostra a água mansa e que guarda no fundo  
Em torvas convulsões hydras, feras e um mundo  
De severos tritões e golfinhos ousados;

Na payzagem, na luz de que me aqueço e inundo,  
Luz que nasce do ardor de enormes sóes doirados,  
Vejo que traça o mar, num risco alvo e profundo  
A galera fatal dos tristes condemnados.

Vão ao eterno paiz da Magoa e da Tortura,  
E o mar é calmo e o céu é brando e o vento é leve.  
Tudo é propicio ao Mal quando o Mal se procura...

E eu que os vejo, e eu que sei a sorte que os espera  
Não temo por saber que hei de segui-os breve,  
Que hei de viajar á Dôr nessa fatal galera !



## DALTRO SANTOS

---

### Taça cheia -

O coração humano é uma taça exquisita :  
— Ora no rendilhado e fino bojo ostenta  
Delicioso licor que o pezar afugenta  
E á gloria, ao goso, á luz a nossa vida incita ;

Ora o concavo guarda uma escura e maldita  
~~Mistura de veneno e de fel que arrebenta~~  
Os labios ; ora, emfim, nossa bocca sedenta  
Enche de sangue, e o travo a raiva nos excita.

Sempre cheia ! Jámais emborcamos a taça !  
Quer nos traga o Prazer, quer nos traga a Desgraça,  
A alma bébe, impellida, subjugada e ductil .

E quando a Morte vem, sorrateira e silente,  
A taça, emfim, quebramos, rindo heroicamente :  
— Imprestavel p'ra sempre, eternamente inutil !

(Obelisco.)

---

OSCAR PADERNEIRAS

---

## Ausencia

Desponta a aurora e nasce o claro dia  
Que corre... e corre... e corre lentamente,  
E desce logo apoz, silentemente,  
A noite, a triste noite, humida e fria !

E eu, a clara luz, que se irradia  
Do sol, o grande sol vermelho e ardente,  
No silencio da noite a alma erradia  
Vôa p'ra ti mulher, que estás ausente.

Vejo-os tambem, não passa um só momento  
Sem que elles dois estejam revoando  
Doces imagens ! no meu pensamento !

No entanto tu me escreves duvidando  
De que esta ausencia é o unico tormento  
Que vae meu peito aos poucos lacerando.

---


## Luz e Trevas

ERA hontem já bem tarde. Eu fui ao cemiterio.  
Partia-se-me a alma em vagalhões de dôr.  
Ao concerto funereo  
Do cyprestal bravo e da saudade em flôr.

Cavava o bom coveiro alli, n'aquelle imperio  
Do pranto e da tristeza, o bom trabalhador.  
Em frente ao eremiterio,  
Cantarolava a rir uns canticos de Amor !

Eu fui ajoelhar-me aos pés da cruz erguida  
A' ultima esperança, á luz da minha vida  
Ao meu amor primeiro.

Emquanto eu soluçava a prece dolorida,  
Vinha ferir-me a alma em trevas embutida  
O canto do coveiro !



## DEMOSTHENES DE OLINDA

---

### Luz e sombra

Um para o outro nós vivemos como  
A luz e a sombra vivem para a flôr,  
Vamos á terra santa da Esperança  
Colher os beijos do mais santo amor.

Ahi mais que ditosos nós seremos  
Como noivos amantes suspirando,  
E vendo as nossas supplicas unidas,  
Calmas, serenas para o céu voando !

Eu creio nos teus olhos pensativos,  
Tu nos meus pensativos olhos crês,  
E nos espera o thalamo de rosas  
Que para nós e os passaros se fez !


Choras ? não chores ! cahe-me o pranto n'alma  
E minh'alma tambem contigo chora...  
Dentro em meu peito as lagrimas tremulam,  
Como no espaço as lagrimas da aurora !

E dizes-me : que importa o soffrimento  
Si eu te vejo tambem por mim soffrer ?  
Mas eu não tenho o coração de arminho  
Para tão finas perolas conter.

Vê como o céu é calmo e a noute é bella  
Florejada de estrellas e de sonhos !  
E porque choras pallida, envolvida  
Em scismares lethargicos, tristonhos ?

Enxuga o pranto ! A fé nos abre o vôo,  
Vejo o mesmo crepusculo que vês,  
Mas eu creio em teus olhos pensativos  
E nos meus pensativos olhos crês...

(*Ortivos.*)





JAYME GUIMARÃES

---

## Sonhos

Na bemdicta estação da mocidade  
Enchem-nos a alma as grandes utopias ;  
E' um sonho a vida : — amores, alegrias,  
Que um dia recordamos com saudade.

Depois vêm da existencia as ironias,  
Depois vem, a seguir, a austeridade ;  
Os sonhos mudam, porque nessa idade  
Nós somos presas de outras phantasias !

Sonhamos sempre. O espirito risonho  
Não pára nunca e é sempre a mesma cousa :  
E' despertar e recahir no sonho...

Chega a velhice... Nessa quadra incerta  
As almas vão sonhar na fria lousa...  
Mas deste sonho ninguem mais desperta !

---

## Madrugada

Salve, olhar do nascente, orgia idéal das côres,  
Longinquo e aureo balcão, de onde, a face num véo,  
Aurora canta á vida e enfeitada de flôres  
Assiste todo o dia ao carnaval do céu.

O sonho, o pesadelo, a tortura de réo [horrores,]  
Que enche o sommo de crime e a alma inunda de  
Fogem quando ella surge envolta de esplendores,  
Assim como um bandido ante um regio trophéo.

A treva e a luz são dois gladiadores na arena.  
Um amphitheatro — o espaço, e a fantastica scena  
Domina, a terra inteira é um formidavel côro...

Salve, aurora triumphal, gloria da natureza!  
Tu que trazes no sol tua eterna riqueza, [ouro !]  
No amplo cofre que se abre enchendo o mundo de



Lyra

Cantei na terna lyra os amorosos  
Instantes de alegria e sofrimento,  
De fadas mil sorrisos primorosos  
E as estrellas no azul do firmamento.

Passarinhos gentis e venturosos  
Tambem cantaram dulçurosamente ;  
Ouvi os seus poemas maviosos,  
E meu passado me voltou á mente.

Tambem cantei, formosa, a sorridente  
Alma querida, que a illusão inflora  
Da primavera na estação ridente.

Senti, então, um pranto de saudade  
Rolar-me pelas faces, como agora,  
Rompendo o véo de minha soledade.

(Peregrinas.)



## Perseverando

Flôr de minha, alma, escuta! — Eu não lamento  
A cruel sorte que me rouba a vida...  
Gemidos de meu peito e meu tormento  
Não revelo a ninguém, — minha querida.

Não roube o tempo teu celeste encanto,  
Seja tua vida florescer divino ;  
Enxuga de teus olhos triste pranto !...  
Que lucte eu só e só contra o Destino !...

Porém, se o corpo meu, — pomba innocente,  
Cançado de soffrer buscar a morte,  
Envia ao desditoso, docemente,  
A luz de teu olhar que me conforte.

(Peregrinas.)

## HENRIQUE CASTRICIANO

---

### Noiva Ideial

#### I

A minha noiva no oceano habita,  
Mora no pego azul dos vastos mares...  
Orna-lhe o manto, a pallidez bemdita  
De uma cinta de conchas estrellares.

Do crepusculo na tunica divina,  
Eu vejo-a sempre quando a noite desce,  
Sonhando, ás vezes, perto de um'ondina,  
Envolta, ás vezes, n'um luar de prece.

Seguem meus olhos essa moça ignota,  
Essa visão serenamente doce ;  
E o coração transforma-se em gaivota,  
Si, por brincado — em vaga — ella mudou-se.

Doudo me chamam... dizem : pela praia  
Vagueia o louco n'um delirio insano,  
Emtanto, o seu vestido de cambraia  
A minha noiva tece no oceano...

#### II

Tingio-se o mar, um dia, de vermelho...  
— Elle padece — todos murmuravam ;  
E as camponezas, tristes, de joelho  
O firmamento mudo interrogavam.

Raiava o dia branco e aljofarado,  
Como quem desce de longiquas plagas  
Príncipe loiro, loiro e delicado,  
Vinha beijar as tunicas das vagas.

Do largo céu no descampado immenso,  
Morria a estrella d'Alva immaculada ;  
Pingo de leite, tremulo, suspenso  
Das pomas ideias de alguma fada.

E a moça me apontando o vasto,  
O vasto abysmo cerulo a chorar,  
« Senhor », — me disse n'um queixume casto, —  
Alguem ferio o coração do mar ?

Ingenua e branca, a virgem não sabia  
Que a minha noiva enternecida e langue,  
Pallida chorava, e que seu pranto ia  
Mudando o abysmo n'um luar de sangue.

E quando revelei-lhe o meu segredo,  
Terna fitou-me compassiva e mansa...  
Depois, fugindo como quem tem medo,  
Ella teve sorriso de creança.

« Como chamaí-vos ? — Perguntai á esphera ». —  
« E a vossa noiva... ? » — Para que saberdes ?  
E' uma pequenina primavera,  
De olhos azues e de cabellos verdes !

Rio-se de novo a camponeza. Emtanto,  
Eu via, sempre n'um delirio insano,  
Que minha noiva desfazendo o pranto,  
Tecia o seu vestido no oceano !

(Ruinas.)



ONAS DA SILVA

---

## No Bosque

Eu e tu, caminhando passo a passo,  
Sob a virente cupola dos ramos,  
Docemente sorrindo, alegres, vamos  
Tendo o teu braço preso no meu braço.

Por fim, depois de muito andar, paramos  
Ambos mortos de amor e de cansaço ;  
Só se escuta vibrar de espaço a espaço  
O dolente cantar dos gaturamos...

Vendo inscrições nas arvores, murmúras :  
Si os nossos nomes tu também gravasses  
Para lembrança em épocas futuras...

— Para lembrança no futuro, louca,  
Eu sentirei teu beijo em minhas faces,  
Tu sentirás meu beijo em tua bocca !

## Morta


Da brancura dos alvos nenuphãres,  
Ella — formosa e timida creança,  
Partiu sorrindo em busca da bonança,  
Em busca dos edenicos pomares.

Tinha no olhar o brilho dos luares,  
Das noites sem luares tinha a trança,  
E nos finos setins côr da Esperança  
Dormia qual um lyrio á flôr dos mares.

Hoje, sorrindo, em meio aos esplendores,  
Vive no Empyreo, no paiz das flôres,  
No paiz dos harmonicos cantares.

Mas, na miragem rutila do senho,  
Inda contemplo o seu perfil risonho,  
Da brancura dos alvos nenuphãres!

(*Amphoras.*)



CARLOS GOES

---

## Ironia do vento

Lá fóra a grande noite constellada,  
O espaço silencioso, ermo e vasio...  
Na altura que resplende marchetada  
Os velhos astros chocam-se de frio !

Da noite immota ao tremulo arrepio  
Ouço uma nota turgida e magoada,  
Um prolongado e vago murmurio  
— Brando rumôr da noite na calada...

Ergo-me e escuto... A mais e mais distante  
O mesmo som dorido vai rolando  
N'uma expressão sarcastica e irritante !

A noite ausculto... Céos ! E' uma ironia  
Do vento que no espaço reboando  
Ri-se da dôr que a alma me crucia !

---

## Amor e scepticismo

Oh! que dourada quadra enflorada de beijos.  
Essa, que o nosso amor architectou fremente!  
Nós iamos a rir n'uma alegria ingente  
A tirando ao azul os musicos harpejos

De uma canção sanguinea, esplendorosa e quente!  
E dos nossos febris e calidos desejos  
A flammula vermelha, ondulosa e tremente,  
Do vento desfraldada aos tremulos bafejos

Desferia no espaço uma caricia enorme...  
Sondei do febro amor os intimos arcanos  
E desci d'esse abysmo ao barathro profundo!

Hoje esse ovante amor — féra enjaulada — dorme.  
Vivo apathico e só e, no verdór dos annos  
Punge-me o scepticismo e descreio do mundo...

(Crotalos.)



JULIO DE FREITAS JUNIOR

---

## Magna dolor

Cantava outr'ora o coração ridente,  
A melodia idéal da f'licidade.  
A vida em gozos, na risonha idade  
Das primaveras, do sonhar ardente,

Era um perenne chilrear contente,  
A fantasia na realidade.  
Mas eis que, subito, a infelicidade  
Tudo transforma dolorosamente.

Hoje, em ruinas é minh'alma o asylo,  
Onde se accita, co'o maior sigillo,  
A dôr mais negra que aos mortaes é dada.

E vós, que tendes coração e amor,  
Quereis saber porque eu abrigo a dor?  
Pois bem : 'stá longe a minha noiva amada!

(Embryonarias.)

---

## ALVES GUIMARAES

---

### A vela

Pingo a pingo se vae gastando a vela,  
A minha boa amiga,  
Que com o vento que sopra-a da janella,  
N'uma lucta constante choramiga.

Não tive inda o prazer de contempl-a  
Socegada um momento ;  
Doudo insecto vem logo atorment-a,  
Se acaso de affligil-a deixa o vento.

A' custo sua luz tremula espalha  
Pelas quatro paredes alvacentas,  
Uma phalena a chamma lhe amortalha  
Nas azas pardacentas.

Tristonha me fitando, pede, afflict-a,  
Que o insecto noctivago afugente,  
E que a janella feche a esta maldicta  
Rajada impertinente.

« Deixa que eu durma um pouco. De descanso  
Preciso. Como vês, chego a dobrar  
Sobre o livro a cabeça. Eu te affianço  
Vir d'aqui a uma hora alliviar ».

. . . . .  
Quando acordei em plena escuridão  
Achei-me, maldizendo aquelle somno,  
Por deixal-a morrer, que ingratitude !  
Em completo abandono.

Apenas, qual vestigio bem sinistro,  
Da perda lamentavel,  
Que com justo remorso aqui registro,  
Doida a consciencia inconsolavel,

Da pobresinha achei uma enfiada  
De lagrimas, compridas, numerosas,  
Que pela face sua descorada  
Tinham corrido tão silenciosas...

.....  
Se, tu ao desamparo te apagaste  
Nesta noite fatal, vela querida,  
Não se apaga a saudade, que deixaste  
Accesa no meu peito toda a vida...

---

## Em um album

(DEPOIS DE INSTANTES PEDIDOS)

Se pela Medicina a Musa, um dia,  
Eu não deixasse por causar-me atraso,  
Em vosso rico Album deporia  
Uma estrophe, qual flôr em fino vaso.

Desde a data em que entrei p'ra Academia  
Foi-me vedado o ingresso na Parnaso,  
Como filho de Hypocrates devia  
Do pulchro Apollo não fazer mais caso.

A lyra, então, troquei pelo escalpello,  
Não mais cantei o grandioso, o bello  
Vi ser materia tudo o que figura...

Já que roubou-me a sciencia o estro, a rima,  
Que o alto apreço em que vos tenha, exprima  
Em vosso album a minha assignatura.



ULYSSES SARMENTO

---

## Almas amantes

Essas que vão a rir pela existencia afóra,  
Almas boas e sans, sublimes e enlaçadas,  
Que vagam desde a noite ao despontar da aurora  
A sacudir o pó das illusões doiradas,

Sem reverem do mal que os corações devóra  
O peso, e o dissabor das horas torturadas,  
Lá vão ellas a rir, ora entre beijos, ora  
Entre o doce volver das illusões passadas.

Almas boas e sans, almas ingenuas, almas  
Que não viram na vida as sensações defuntas,  
E se vão pela vida esperançosas, calmas,

Levadas pelo amor e pelo amor crescidas,  
Vivas — vagam na terra e se contemplam juntas,  
Quem sabe se com a morte hão de viver unidas ?...

*(Torturas do idéal.)*



## No banho

Vae para o banho mal rompendo o dia  
Vem, e ao vel-a na praia, carinhosa,  
O loiro sol que no seu rosto espia,  
Morde-lhe a carne lubrica e nervosa.

Ella estremece, e a cabelleira fria  
Desnetra, mas tão tenue e receiosa  
Que ac vél-a n'essa timidez sombria,  
Toda a minh'alma curva-se medrosa.

Nua, de pé, cruzando lenta os braços,  
Curva a cabeça, só fitando a areia,  
Onde imprimira levemente os passos ;

Ella, livre afinal de extranha magua,  
Levando a carne de volupia cheia,  
Vae se arrojando aos poucos dentro d'agua...

*(Clamydes.)*

---



## O sonho de Marco Antonio

Rompe o luar purissimo, doirando  
O céu do Egypto. E' noite. Um murmurio  
De vozes, vae aligero passando,  
Estremecendo os palmeiraes e o rio.

Sonha o guerreiro. Tremulo e sombrio  
Bate-lhe o seio puro, que o domando  
Viera outr'ora, n'um luar de estio,  
O amor feliz, esperançoso e brando.

Sonha que vê Cleopatra no leito  
Estendendo-lhe a mão nervosa e fina  
Sobre o formoso e enamorado peito.

Sonha ; mas n'alma ferem-n'o os desejos  
E mesmo em sonho morde-lhe a divina  
Face, ao ranger frenético dos beijos!...

(Clamydes.)



HERMETO DE LIMA

---

## Palacio vasio

Transpuz primeiro a grande escadaria  
Desse palacio outr'ora resplendente,  
E receioso e tremulo e descrente  
Os corredores todos percorria.

Em tudo a mesma solidão sombria,  
Por toda parte essa mudez ingente,  
Quanta tristeza nos salões, sómente  
Dantes abertos para a fidalguia.

.....

Como o palacio solitario, antigo,  
Quanta gente no mundo traz comsigo  
O coração tambem ermo e vasio,

E que guarda, comtudo, até agora,  
O segredo das galas de que outr'ora  
O mesmo coração já se cobrio!

*(Estalagmites.)*



## Atravez de passado

O que é feito de vós, gentis morenas,  
Que tanto idolatrei ? Onde occultaes  
As vossas fronte puras, divinaes,  
O minhas juritys, minhas phalenas ?

Maria, onde é que estás ? Onde as serenas  
Manhãs de Abril, manhãs orientaes,  
Em que nós dous, por entre os matagaes,  
Iamos, rindo, em busca de açucenas ?

E tu Cordelia meiga, e tu Dolores,  
E tu casta Eleonor ?... sim, meus amores  
Todos se foram pelos céos afóra !

Mas ah ! nos sonhos meus, em longo bando,  
Destaco, vagarosas, caminhando,  
Essas que foram minha vida outr'ora.

*(Estalagmites.)*

---

## ELYSIO DE CARVALHO

---

### Olhos verdes

Estes teus olhos, criança,  
Verdes, verdes como o mar,  
Em calma, em bonança,  
Têm mais brilho que o luar.

E quando me fitas, quando  
Lanças os olhos em mim,  
Eu penso que está me olhando  
Lá dos Céos um Seraphim.

Mesmo porque nelles vejo,  
Em teus olhos côr do mar,  
Um Anjo, em rapido adejo,  
Com a mãosinha a me acenar...

E vou... Mas assim, formosa,  
Que me approximo de ti,  
Foges, vóas, pressurosa,  
Para bem longe de mi...

Si foges, pr'a que me acenas ?  
P'ra que me fazes penar ?  
Porque é que assim me envenenas,  
Com teus olhos côr do mar ?

---

ANTONIO SALLES

---

## O Carro de Bois

Chove, e os fios de chuva, como espinhos  
Crivam da terra o palpitante seio,  
Envolto, embora, no frouxel das folhas,  
E a agua, tinta do barro dos caminhos,  
Dos morros flue num escarlata veio,  
Em purpurinas e trementes bolhas.

Torce-se a terra ao barbaro castigo,  
Crispa-se ao vento sacudindo a coma  
Verde, sorante de seu pranto amargo...  
E eu, tiritante e allucinado, sigo,  
Preso d'esse terror que não se doma,  
Sobre o corcel, que avança a trote largo.

Gemidos cavos, afflictivos gritos,  
Doridos ais, soluços estridentes,  
Mysterioso gaguejar de vozes,  
Ouço a resoar com timbres exquisitos  
Nos recolhidos penetraes dormentes,  
Sem um ruflar de remiges velozes.

Do glauco abysmo das cavadas grotas,  
A cujo fundo o olhar não chega nunca,  
Se eleva a melopéa obsedante  
De litanias funebres ignotas,  
E a palma de um bambú, tremula e adunca,  
Perfida, acena ao misero viandante ;

O sudario da bruma envolve os montes  
E os fólhos brancos pela encosta estende,  
— Avalanche intangível, que não rola  
Sobre mim, mas me veda os horizontes,  
De incertezas num cingulo me prende  
E da paizagem de em redor me isola.

Um tom falso de noite prematura,  
Porém mais triste do que a noite, agora  
Tisna os ares... oh, pavidos negrumes  
Que me obumbraes o sol em plena altura !  
Vós sois a alma da Parca que devora  
Virgens, moços, botões, e aves implumes !

E a lamentosa musica redobra :  
Gemidos, gritos, estertores, vascas,  
N'um *dies iræ* elevam-se frementes ;  
O rio ao lado, numa fulva dobra,  
Subito assoma entre graniteas lascas,  
— Lingua enorme a surdir de enormes dentes.

Redobra a horrenda musica... Transponho  
A curva alfim da colleante estrada :  
Fulge um raio de sol nesse momento,  
E, eu, despertando do meu tredo sonho,  
Vejo um carro de bois, cuja toada  
Produzia esse estranho encantamento.

Cessara a chuva ; a luz em mil estilhas  
Fulgura ; foge a treva em debandada,  
Tudo palpita num incendio louro :  
São fitas d'ouro as inundadas trilhas  
Que as rodas deixam na vermelha estrada  
E o rio é como um basilisco d'ouro.

Meu pesadello dissipou-se... O carro  
Aos solavancos vai sulcando o solo,  
No seu gemer nostalgico e profundo ;  
E, livre emfim do mal estar bizarro  
Que me empolgava, eu rio num consolo  
De quem se vê restituído ao mundo.

Jovialmente exclamo : boa tarde !  
Aos carreiros, e, lesto, passo adiante,  
— Olhos no azul profundo e fugidio ;  
O sol por entre os altos cirrus arde,  
Uma ave ensaia um limpido descante,  
Sonoro e largo, vai cantando o rio...



EMILIO KEMP

---

## Mez de Maria

Como está bella, meiga e serena,  
Nossa Senhora no seu altar.  
Que luz tão doce ! Que luz amena  
Creio estar vendo no seu olhar !

Tanta meiguice, tanta doçura,  
Faz-nos constrictos ajoelhar.  
E a Virgem Santa, divina e pura,  
A vóz dos crentes põe-se a escutar.

« Oh ! Virgem Casta ! Nossa Senhora,  
Dá-me o conforto do teu olhar !  
Que são tão máus os homens d'agora  
Que me abandonam sem pão, sem lar !...

Tremo de frio ! Dá-me o teu seio,  
Nossa Senhora, p'ra me abrigar ;  
Eu este mundo perverso e feio  
Pelo teu reino quero deixar ! »

Humilde, em lagrimas, dizendo isto  
Um pobrezinho põe-se a rezar  
Com os olhos fitos na mãe de Christo.

« Santa Maria ! Senhora Nossa,  
Que tudo podes com teu olhar !  
Olha meu filho p'ra que elle possa  
Dos nossos dias o pão ganhar.

Conserva-o sempre robusto e forte  
P'ra que não deixe de trabalhar.  
Ah ! se o perdesse, que triste sorte !  
Quem é que havia de me amparar ? »



Humilde, tremula, dizendo isto  
Uma velhinha põe-se a rezar  
Com os olhos fitos na mãe de Christo.

« Oh ! Mãe divina que por teu filho  
Soffreste tanto sem te queixar !  
Vela meu filho com todo o brilho  
Da luz amiga do teu olhar.

Dá-lhe a doçura, toda a piedade  
Que Jesus tinha p'ra perdoar...  
Que as azas negras da atra maldade  
Passe por elle sem lhe tocar. »

Humilde e supplice dizendo isto  
Joven senhora põe-se a rezar  
Com os olhos fitos na mãe de Christo.

« Maria ! ó gloria de nós mulheres !  
Por Deus eleita Mãe sem peccar !  
Tu que a teu lado tens e preferes  
As virgens mortas antes de amar,

Não me abandones por ir em breve  
Pelo amor delle me desgarrar  
Do teu rebanho branco de neve...  
Dá-nos a bençãam do teu olhar ! »

Humilde e pallida dizendo isto  
Formosa virgem põe-se a rezar  
Com os olhos fitos na mãe de Christo.

E a virgem Santa, meiga e serena,  
Do nicho branco do seu altar,  
Conforta a todos com a luz amena  
Do seu divino, piedoso olhar.

(Poesia.)



## Mathilde

(Fragmentos.)

Como nos campos desabrocham flores,  
As margaridas e os jasmims, dispersos  
Das minhas dores e dos meus amores  
Nascem os versos.

A' namorada manda o namorado  
Flores ; sorri-se ella, e nas tranças pretas  
As rosas prende com benigno agrado,  
E as violetas.

Mas o poeta, o sonhador, tranquilla  
Sombra prefere ; e nos silencios graves  
Para o seu bem versos de amor burila,  
Rimas suaves ;

Versos louvando as graças de Mathilde,  
Rimas ardendo de paixão discreta ;  
Benignamente ella os acolhe, humilde  
Dom de poeta

Quem anda aqui ? Chamou-me  
Uma voz pelo nome...  
Tão pura !  
Pareceu-me ouvir passos...  
Meus pobres olhos lassos,  
Loucura!

Ah ! foi como si um beijo  
Me despertasse ! Eu vejo  
Passares...  
E o sol morre ao poente,  
Morre tranquillamente  
Nos mares.

Revive a velha historia  
Cara á nossa memoria  
Incerta ;  
E o velho amado sonho  
No coração tristonho  
Desperta

Como um som mal extinto,  
Como o aroma indistincto  
De flores ;  
Como espectros amigos  
Ou memorias de antigos  
Amores,

Tu nos meus braços, nos meus beijos,  
Só viste a carne appetecida ;  
Hoje, acabaram-se os desejos  
E nem te dóe a despedida.

Triste é a noite de inverno ; grave  
O nosso adeus ; desesperado,  
Beijo a tua bocca suave,  
Tremendo como um namorado.

Nunca mais gosaremos juntos  
Na terra vil glorias discretas ;  
Mas, filha, eu creio nos defuntos  
E na promessa dos prophetas.

A carne impura desce á cova,  
Mas o Espirito, o Espirito eterno,  
Renasce para a vida nova.

Marco-te um rendez-vous no inferno.



## Maria

Quando tu fores uma velhinha,  
Tarde, assentada ao lume deserto,  
Como nos tempos em que eras minha  
Tremerás, ouvindo passos perto.

Abre, sou eu, abre a tua porta,  
E o doce espectro do tempo antigo,  
Toda a tua mocidade morta  
Discretamente bate ao postigo.

Então, querida, do teu poeta  
Só restará um velho velhinho ;  
Tu sorrirás, velhinha discreta,  
Alva na tua coifa de linho.

Conversaremos em confiança  
E, sendo velhos, seremos francos ;  
Vóvó, que póde a maledicencia  
Quando a gente tem cabellos brancos !

Deixa-me (a noite estava tão fria !)  
Nichar-me perto do teu pescoço,  
Era o refugio que eu preferia  
Quando eras moça, que eu era um moço.

Dormia assim — era o meu costume —  
Soffregamente unido ao teu peito,  
Quando cravaste o terrível gume...  
Mariazinha, vê, que mal feito !

Ah, quando penso nisto, pergunto,  
Ah, nem sei mesmo por que motivo  
Não sou agora um pobre defunto...  
Não chores, vê, bem vês que estou vivo ;

Que vido ainda e sou desgraçado,  
Não chores, póde que alguém nos ouça ;  
Pois quem se lembra mais do passado  
Que já passou... Loucuras de moça...

Agora tudo passou ; descança  
O coração, da tremenda prova,  
E eu venho a ti como uma criança  
De alma refeita, esplendente e nova.

Deixa-me estar assim nos teus braços  
Idolatrados ! Eu não te disse  
Que havia de seguir os teus passos  
E reflorir a tua velhice ?

*(Versos prohibidos.)*



DEODATO MAIA

---

## Peregrinação

Quando eu sahi da Minha Pobre Tenda  
Tão branca, como as preces do Luar,  
Trouxe a Esperança pela Escura Senda,

Por onde incauto eu ia transitar.

A' sombra d'um Carinho, suave e calma,  
O Philtro dos Amores fui beber :  
E, nunca mais socego tive n'alma,

Desde então comecei para o Soffrer...

Longo tempo perdido pela Estrada...  
Sem, ao menos, saber me dirigir ;  
Nunca mais vi romper uma alvorada

Que me guiasse ás Terras do Porvir.

Somente eu encontrei pelos caminhos,  
Uma velhinda enregelada — a Dôr —  
Ella tirou-me as urses é os espinhos,

E' minha amiga, e eu lhe tenho amôr...

Hoje... vejo chegar, erma e sombria,  
A Velha Morte, como um triste augur..  
Ah, que Saudade Branca : a Nostalgia

Da Minha Pobre Tenda ! o Meu Tibur..

---

## RODOLPHO PAIXÃO

---

### Ridente lyra.

Eu não lamento imaginarias dores,  
Nem choro pena que não foi soffrida ;  
Marchando da razão aos esplendores,  
A vida hei de acabar, amando a vida.

Goso das salas a alegria extreme,  
Adoro o enlevo que me offerta o lar ;  
A minha lyra exulta, e ás vezes geme,  
Mas a chimera nunca a fez cantar.

Fala, porém, ao divinal encanto  
Que a natureza aglera dia e noute :  
A minha lyra soará enquanto  
Da morte eu não cahir ao duro açoute.

Rompendo as trevas que a verdade somem,  
Vôa e revôa o pensamento aos céos ;  
E, quando volve á terra, diz o homem :  
« Acolhe o mimo que te envia Deus ! »

Tambem me abraço no fulgor de idéas  
Que o genio vae colher á celsa arena ;  
E assim decanto da sciencia as deas  
Que mais rebrilham na mundana scena.

*(Trinos e Cantos.)*

---

MUCIO TEIXEIRA

---

## O sonho dos sonhos

Quanto mais lanço as vistas ao passado,  
Mais sinto ter passado, distrahido,  
Por tanto bem, tão mal correspondido,  
Por tanto mal, tão bem recompensado !

Em vão relanço o meu olhar cansado  
Pelo sombrio espaço percorrido :  
Andei tanto, em tão pouco; e assim perdido  
Vejo tudo o que vi, sem ter olhado...

Assim prosigo, sempre para diante,  
Vendo, o que mais procuro, mais distante,  
Sem ter nada de tudo que já tive.

Quanto mais lanço as vistas ao passado  
Mais julgo a vida um sonho, mal sonhado,  
De quem nem sonha que a sonhar se vive !





## O amor

Vive nas côrtes e nas aldeias,  
Encontra Fadas, ouve Sereias...

Dorme em palacios, sonha em cabanas,  
Abraça Infantas... beija serranas.

Faz mil loucuras... e faz poemas !  
Tem afogado tantas Moemas...

Aos seus olhares ardeu Lindoya ;  
E em labaredas crepitou Troya !...

Tem os espelhos incandescentes  
Com que Archymedes pasmava as gentes

Quando incendiava com arrogancia  
As naus da frota surta á distancia.

Fluctua em ondas de magnetismo,  
Voando em fundo somnambulismo...

Agita um facho que inflamma as almas,  
E faz mais verdes florirem palmas.

Quando em seus labios se enfloram risos,  
Abrem-se portas de paraísos !

Das mais formosas não sai de perto,  
Vivendo sempre num céu aberto !...

Tem, nas viagens maravilhosas,  
Galeras d'ouro num mar de rosas...

E abrindo as velas ás tempestades  
Provoca as furias das Divindades.

Em noites frias, nos Pampas, *upa!*  
Vôa em cavallos — que dão garupa...

Tem, em Veneza, gôndolas — onde  
O seu thesouro discreto esconde.

E dos palacios, á luz da lua,  
Trémula a sombra n'agua fluctua...

Faz diabruras : desenha olheiras  
Nas maceradas faces das freiras.

Faz sacrilegios : em nichos santos  
Rasga ás Madonas os longos mantos...

Subjuga as forças da natureza,  
Como a poetisa Santa Theresa.

Senhor despótico, humilde escravo,  
Domina, e cede... covarde e bravo!

... Em serenatas, por horas mortas,  
Gemem guitarras e rangem portas...

Mulheres novas, ardentes, bellas,  
Correm afflictas para as janellas :

E nas sombrias, desertas ruas,  
Lampejam folhas de espadas nuas!

Branças Ophelias boiam sombrias,  
Engrinaladas, nas aguas frias...

Romeus e Faustos, de braços dados,  
Seguem Hamletos allucinados...

E estas palavras repete o vento :  
« Vai p'ra o convento... para o convento ! »

---

Frescos pomares, grutas floridas,  
Ai ! Julietas e Margaridas !

Paulo e Francisca, sempre abraçados  
Num vôo eterno de condemnados,

Rasto de sangue deixam nos ares...  
Mas levam n'alma sóes e luares !



ESCRAGNOLLE DORIA

---

## Noute de batalha

*A Paulo Margueritte.*

Tanta gente morreu, mas de que vale,  
Na peleja dos tropas carniçadas  
Ha sob corpos ás pilhas quem exale  
O ai das boccas convulsas e cerradas.

Mas ha quem para sempre alli se cale.  
A' dôr humana alheias, socegadas,  
Descem sombras da tarde ao meigo valle  
Em finas, doces tintas esfumadas.

Lindo, sobre sangueira de tal monta,  
No céu o plenilunio d'ouro aponta  
— Vigilia funeral da vã batalha —

Derrama-se o luar pela paizagem  
E os linhos da celeste, branda imagem,  
Aos cadaveres servem de mortalha...

---

## A Valla commum

*A Jayme de Seguiet.*

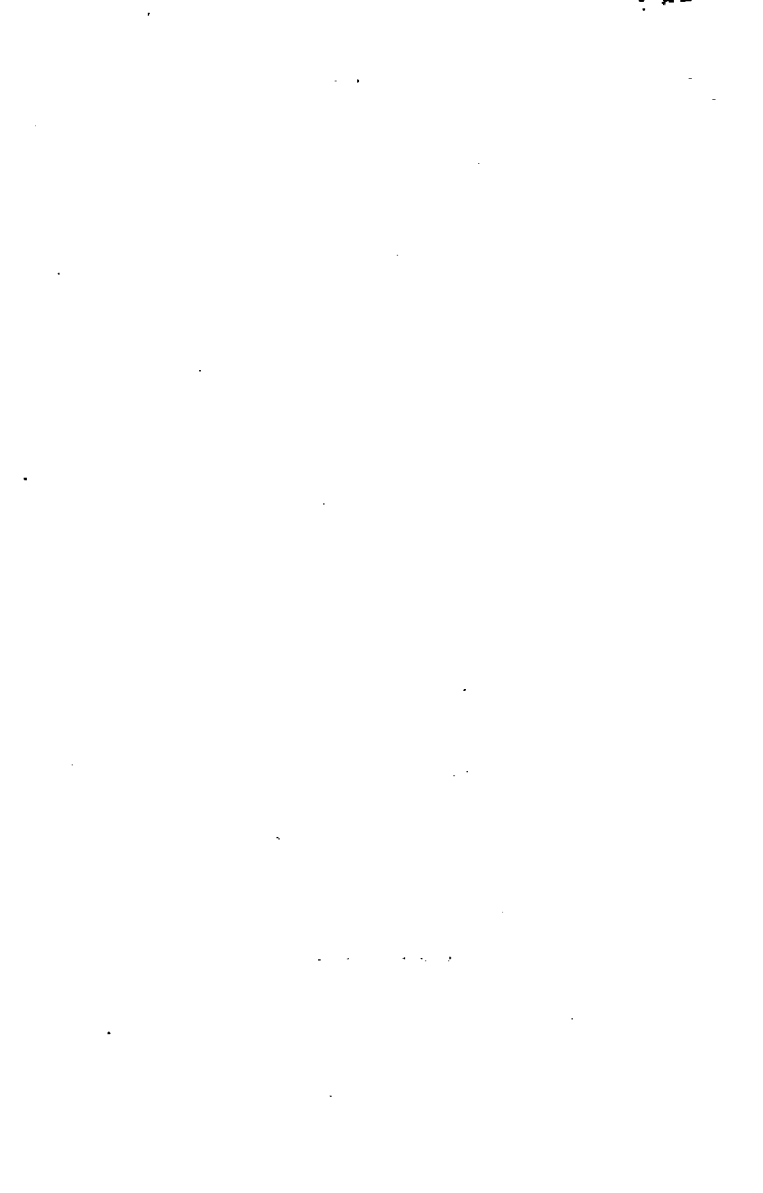
Na collina do vasto cemiterio,  
Açoutada, varrida pelos ventos,  
Stá a valla commum, cujo mysterio  
Exóra o céo a todos os momentos.

Do céo apenas chega o refrigerio  
A's covas baixas, limpas de ornamentos.  
Lenindo a rude sorte ao duro imperio,  
Ha quem compense os negros tratamentos.

Na verdade que importa alveja a pompa  
Do marmor, se dos tumulos tão rasos  
Queixa não haverá que triste irrompa ;

Pois a elles natureza póde dar,  
Logo após os damascos dos occasos,  
Os finos setins brancos do luar.

---



QUINTA PARTE

---

SYMBOLISTAS





CRUZ E SOUZA

---

## Recorda !

Quando a onda dos desejos inquietantes,  
Que do peito transbórda,  
Morrer, enfim, nas amplidões distantes,  
Recórda-te, recórda...

Revive dessa música já finda  
Que nas estrellas dórme.  
Volta-te ao mundo seductor ainda  
Da Ilusão multiforme !

Vólta, recórda eternamente, vólta  
Aos pharóes da Esperança,  
Do Sonho estranho as grandes azas sólta  
A' celeste Bonança.

Recórda mágoas, lagrimas e risos  
E soluços e anceios...  
Revive dos nevoeiros indecisos  
E dos vãos devaneios.

Revive ! Gósa ! Desolado, embóra,  
Sorrindo e soluçando,  
Erguendo os véos de já passada aurora,  
Recordando e sonhando...

Cada alma tem seu intimo recato  
N'uma estrella perdida  
E cada coração íntemerato  
Tem na estrella uma vida.

Applica o ouvido á correnteza fria  
Dos golphões da materia  
E recórda de que lama sombria  
E' composta a miséria.

Recórda! Sonha! Nas estrellas érra,  
Beduino do Espaço.  
Aos sonhos brancos, que não são da Terra,  
Dá, sorrindo, o teu braço...

Dá o teu braço, pelos céus sorrindo  
E recordando parte  
E has de entender os claros céus, sentindo  
Que andas a recordar-te.

Bate á porta dos Astros solitarios  
Dos eternos Fulgôres,  
Em busca desses mortos visionarios,  
Almas de sonhadores.

Ah! vólta á infancia dos primeiros beijos,  
Dos momentos sidereos,  
Volta á sêde dos ultimos desejos,  
Dos primeiros mysterios!

Ah! volta aos desenganos primitivos,  
Volta á essencia dos annos,  
Volta aos espectros tristemente vivos,  
Ah! volta aos desenganos!

Volta aos serenos, floridos oásis,  
Volta aos hymnos profundos,  
Volta ás efflorescencias dos Lilazes,  
Volta, volta a esses mundos!

Fique na Sombra e no Silencio d'alma  
Todo o teu ser dolente,  
Para tranquillo, com ternura e calma,  
Recordar docemente...

Na sombra então e no Silencio denso,  
Como em mágicas plagas,  
Faz accender o alampadario immenso  
Das Recordações vagas...

Pousa a cabeça, meigamente pousa  
Nesse augusto Quebranto  
E nem da Terra a mais ligeira cousa  
Te desperte do Encanto.

Para o Amôr, para a Dôr e para o Sonho  
Nas Esphéras transbórda...  
E entre um soluço e um segredo risonho  
Recórda-te, recórda...

(*Pharoes.*)

## ○ Assignalado


Tu és o louco da immortal loucura,  
O louco da loucura mais suprêma.  
A Terra é sempre a tua negra algêma,  
Prende-te n'ella a extrema Desventura.

Mas essa mesma algêma de amargura,  
Mas essa mesma Desventura extrema  
Faz que tu'alma supplicante gêma  
E rebente em estrellas de ternura.

Tu és o Poeta, o grande Assignalado  
Que povóas o mundo despovoado,  
De bellezas eternas, pouco a pouco...

Na Natureza prodigiosa e rica,  
Toda a audacia dos 'nêrvos justifica  
Os teus espasmos immortaes de louco!

*(Ultimos sonetos*



## Odio sagrado

O' meu odio, meu odio magestoso,  
Meu odio santo e puro e bemfazejo,  
Unge-me a fronte com teu grande beijo,  
Torna-me humilde e torna-me orgulhoso.

Humilde, com os humildes generoso,  
Orgulhoso com os seres sem Desejo,  
Sem Bondade, sem Fé e sem lampejo,  
De sol fecundador e carinhoso.

O' meu odio, meu lábaro bemdito,  
Da minh'alma agitado ho infinito,  
Atravez de outros lábaros sagrados.

Odio são, odio bom ! sê meu escudo  
Contra os vilões do Amor, que infamam tudo,  
Das sete torres dos mortaes Peccados !

*(Ultimos sonetos.)*

---

## EMILIANO PERNETTA

---

### Azar

*A Silveira Netto.*

A galope, a galope, o Cavalleiro chega :

— Rey, ó meu bom Senhor ! com tua filha cega.

— Hoje, teu advinho assim traçou no ar :  
A fróta d'El-Rey perdeu-se no alto mar !

— Eu, ao descer a noite, ouvi cantar o gallo :  
Foi a Rainha que fugiu com um teu vassallo.

— Teus exercitos, oh ! as bronzeas legiões,  
Morreram nos areaes da Lybia como leões !

— Nos teus dominios sopra o vento Noroeste :  
A mangra, o gafanhoto, a secca, a alforra, a peste.

— Uivam ! Lobos ? o Mar ? o Vento ? o Temporal ?  
Não. E' a plebe que arrasta o teu manto real.

— Lá vêm as trez, ó Rey, lá vêm as trez Donzellas.  
Tende piedade, meus irmãos, orai por ellas !

— Vem tão brancas dizer que as noras sensuaes  
D'El-Rey mataram seus máridos com punhaes.

— Tuas pratas, teu oiro, e mais ricas alfayas,  
Subam do teu palacio os famulos e as aias.

— Teu diadema, o sceptro, as plumas e os broqueis,  
Em poeira, e sangue, e sob a pata dos corseis !

— O povo reza, que doçura ! E' bom que reze !  
Pela tua alma... já são horas... Quantas ?... Treze !

— Maldito seja quem Throno nem Reyno tem !  
Maldito seja o Rey ! Maldito seja ! Amen !

— No vinho que te dão, e no teu melhor pomo,  
No manjar mais custoso onde entre o cinamomo,

— Na lympha clara, vê, no leito eburneo, sei,  
Nas palavras, no ar, dão-te veneno, Rey !

— Ouvem os Arlequins missa, todos de tochas,  
E estão vestidos de sobrepelizes roxas.

Resmungam baixo teu nome as Velhas, e assim  
Queimam em casa, cruz ! palma benta e alecrim.

— Estão rezando por ti muitos padre-nossos,  
Mas os cães estão a espera dos teus ossos.

— O' ventos ! ó corvos ! que estaes grasnando no ar !  
Eis o cadaver do bom Rey de Balthazar !

— Dlom ! dlem ! dlom ! dlem ! — Ouve, bom Rey, de  
[serro a serro,]  
Os sinos dobram, ai ! dobram por teu enterro.

— O' ventos ! ó corvos ! que estaes grasnando no ar !  
Eis o cadaver do bom Rey de Balthazar !

— Ventos ! ó funeraes ! ventos ! lamentos roucos !  
O' ventos roucos, ó redomoinhos loucos !

-- Dlom ! dlem ! dlom ! dlem ! — Bom Rey, teus ossos  
[não são teus !]  
Nem o teu Throno é teu ! houvado seja Deus !

— Nem a tua alma é tua, ó Rey, depois de morto,  
Pois demonios estão dançando n'um pé torto!

Maldito seja quem Throno nem Reyno tem!  
Maldito seja o Rey! Maldito seja! Amen!

E a galope, a galope, o Cavalleiro esguio  
Vai pregar a outro Reyno : a Doença, a Noite, o Frio!

(*Pallium.*)



## CARVALHO ARANHA

---

### A uns olhos tristes

Olhos doridos, olhos maguados,  
Plenos das sombras de vãos martyrios,  
Viveis rezando pelos finados ;  
— Almas de aroma dos roxos lirios.

Olhos doridos, olhos maguados,  
Para os finados só bastam cirios.

Julguei teus olhos mago castello  
Do sonho erguido por sobre o mar ;  
E a fantasia fel-o tão bello  
Como os castellos erguidos no ar.

Julguei teus olhos mago castello  
Onde os meus beijos iam pousar.

Meu Deus, as sombras de intensa magua  
Lhes dão, no emtanto, vagos clarões,  
Vejo os teus olhos tão cheios d'agua...  
Chorando a morte das illusões ?

Meu Deus, as sombras de intensa magua  
Vivem nos olhos e corações.

A nostalgia cobre-os, Rainha,  
De uma tristeza crepuscular...  
Parecem olhos de uma andorinha  
Que se resolve, triste, a emigrar.

A nostalgia cobre-os, Rainha,  
De uma saudade que faz penar.

. . . . .



## Recorda!

Quando a onda dos desejos inquietantes,  
Que do peito transbórda,  
Morrer, emfim, nas amplidões distantes,  
Recórda-te, recórda...

Revive dessa música já finda  
Que nas estrellas dórme.  
Volta-te ao mundo seductor ainda  
Da Illusão multiforme!

Vólta, recórda eternamente, vólta  
Aos pharóes da Esperança,  
Do Sonho estranho as grandes azas sólta  
A' celeste Bonança.

Recórda mágoas, lagrimas e risos  
E soluços e anceios...  
Revive dos nevoeiros indecisos  
E dos vãos devaneios.

Revive! Gósa! Desolado, embóra,  
Sorrindo e soluçando,  
Erguendo os véos de já passada aurora,  
Recordando e sonhando...

Cada alma tem seu intimo recato  
N'uma estrella perdida  
E cada coração intemerato  
Tem na estrella uma vida.

ISMAEL MARTINS

---

## Acerba viagem

Vou. Em torno ninguém... A aridez é completa...  
O deserto é tão longo e eu estou tão cansado!  
Não quizera sofrer; mas como? sou um poeta  
E o poeta sempre foi (Piedade!) um desgraçado!

A minha alma não sei porque tanto se inquieta...  
A ama que me criou e não me tem deixado  
E' a mesma: ferem sempre as suas garras de setta!  
Oh! não queiram jamais suas caricias... Cuidádo!

Um dia, começava esta acerba viagem,  
Alem, Senhor! hem sei... talvez seja a miragem...  
Quero-a... Ahasverus feliz, q'delicia, q'cheiro!...

Hoje perdi a fé... sem fé ninguém resiste...  
E o deserto é tão grande e a amplidão é tão triste...  
E o simun?... Que demora! Onde vai o coveiro?...

---

# THIAGO PEIXOTO

---

## Medieval

### I

Dona Rozalba, minha senhora  
Fenecem flôres nos teus jardins,  
O inverno avança — sinistra auróra, —  
Despetelando brancos jasmins

Lyrios e cravos jazem tristonhos,  
Noctambulando com o luar !...  
Dona Rozalba, voam os sonhos  
Que o branco inverno vem a chorar !...

### II

Partio c'o inverno seu namorado  
O pagem louro do seu solar,  
Plumas, ao vento, seda e brocado,  
Louro, sorrindo para o luar !

### III

Dona Rozalba vê com saudade,  
Nêve cahindo no seu balcão !  
Quanta tristeza na sua herdade,  
— Tumulo aberto para a amplidão! —

## IV

A primavera voltou de novo  
Cheia de sonhos e madrigaes,  
E foi florindo de povo em povo...

.....  
Mas o seu pagem não voltou mais.

GUSTAVA SANTIAGO

---

## O Cavalleiro do luar

Eu sou como o formôso Cavalleiro,  
Que á branda luz adormeceu do luar,  
E nunca mais, formôso Cavalleiro,  
E nunca mais tornou a despertar !

Sonhos que a mente lhe affagáram,  
Risos, quiméras, lucidas visões...  
Tudo se-foi e todas se-apagáram  
A' dôr de não sentidos corações.

Elle tinha o cabello louro  
E era um principe encantado,  
Veiu a Vida, roubou-lhe o ouro,  
O cabello fez-se prateado.

Com as suas honras, glorias e riquezas,  
O Mundo um dia o deslumbrou ;  
Logo o encanto se-lhe quebrou :  
Honras e glorias... lamas accésas !

Fechado então no seu castello,  
Pôz-se a scismar, pôz-se a sonhar...  
Scismas de amôr... que sonho bello !  
Um anjo ácena-lhe lá do luar !

Não se conteve de enamorado  
Que o louco intento não praticasse...  
(Quanta tristeza por vezes nasce  
De um bem apenas imaginado !)

Valles e montes, eil-o a correr,  
Olhos Lá-em-Cima, a fascinação!  
Na alma sereno a florescer  
O lirio branco da Redempção!

Valles e montes, bosques, florestas...  
Quem o-vencêra no seu fadário?  
Ai! Cavalleiro! que tão funestas  
Ai! Cavalleiro! que itinerario!

Céos côr de cinza, céos côr de chumbo.  
Longes paizes atravessando...  
Como seduz, á tona boiando  
Do Lago Azul, a flôr do nelumbo!

Bárbaras gentes,  
Tribus e povos;  
Na dôr dos velhos continentes  
A dor que o-sendo inda são novos.

Manhãs radiosas  
De puro sol;  
Noites... vigílias velludas  
De um Heróe...

Nem mais escuta a Voz que lhe-diz  
Dos horrôres e perigos a passar:  
Tão surdo caminha! feliz  
Do anjo ácenar-lhe lá do luar!

Embevecido, que a doce Chyméra  
Já o-sustenta nas suas azas,  
Arvores, aguas, largas e rasas  
Campinas verdes em primavera,

Tudo deixando, sem o-sentir,  
Lá vae aligero, a tudo alheio,  
Olhos Lá-em-Cima... o Anjo a sorrir  
De tudo em meio!



Abysmos lhe-surgem apavorantes,  
Negros, profundos, tremendos,  
Abysmos cujos fundos hõrridos horrendos  
Monstros habitam horripilantes !

São pestilentes aguas estagnadas,  
Rios verdes; lagóas amarellas,  
Mares de ondas putridas, paradas,  
Oceanos feitos de erisypélas.

São as serpentes lúbricas da Tréva,  
Os esfaimados tigres do Silencio,  
Pantheras, Hyenas, Leões... Mas nada vence-o :  
Tão surdo !, tão cego ! no anjo se-enleva !

Por toda parte, sanguinolentas,  
Rebentam guerras devastadóras,  
Rompem os ares, atroadóras,  
Nunca entrevistas, feias tormentas.

Entram agora a encher os espaços  
De ancias, gemidos, gritos e ais !,  
As multidões dos hospitaes,  
Carnes em chagas, cahindo aos pedaços.

Pelos caminhos  
Ha creanças esquartejadas,  
E mães terriveis, hallucinadas,  
Que com punhaes golpeiam ninhos.

Soltam-se rábidos, sauguedentos,  
Ladrões, Falsários e Assassinos,  
Todos Aquelles cujos destinos  
Já os-marcáram os nascimentos...

Tem pesadélos o hálito aceiro  
Da Terra...  
— Quem o-salvasse, ao Cavalleiro !  
Imagem da Alma que ahi erra !

Mas, campos em-fóra, sempre a sorrir-lhe  
O anjo do luar,  
Lá segue, lá some, sempre a fugir-lhe  
O anjo do luar !

Até que, uma noite, cansado, vencido,  
Parou a cobrar o alento perdido.

Era em vasto areal, perto um rio em derivo,  
Na calma azul do céu o luar suggestivo...

(Eu sou como o formoso Cavalleiro  
Que á branda luz adormeceu do luar,  
E nunca mais formoso Cavalleiro,  
E nunca mais tornou a despertar !)



## EUCLIDES BANDEIRA

---

### Eolia

A's vezes, quando estou muito alegre, escancaro  
Plenamente a alma ao Sol, ás Emoções, á Rima,  
E os Sonhos n'ella, então, vêm-se aninhar n'um raro  
E doce revoar de aves pela vindima.

Entram fazendo um ruído, extranhamente raro,  
De plumas a ruflar pizzicatos de prima,  
*Piano dolce... crescendo...* apoz *forte*, e reparo  
Afinal no rumor que estronda lá por cima!...

Uma babel, ó Deus! e que grata algazarra  
De arrulhos e de arruto e de espanejamentos,  
A dos sonhos ideaes-bellos pombos torcazes!...

Ah! mas não mais escuto essa orchestra bizarra :  
Allucina-me e vejo, em meos deslumbramentos,  
Viva Aquella que dorme á sombra dos lilazes...



## FRANCISCO MANGABEIRA

---

### Santa !

(Fragmento.)

Não conto a historia da minha vida,  
Porque ella é triste demais, Senhora...  
Acaso a rosa desfallecida  
Relata suas magoas — á aurora ?

Não conto a causa deste quebranto,  
Nem o que soffro por este amor...  
Acaso a aurora, que brilha tanto,  
Escuta as queixas da pobre flôr ?

Nem tambem rogo doce guarida  
Na luz dos Vossos Olhos, Senhora...  
Acaso a' rosa de olor despida  
Supplica aromas á luz da aurora ?

Não Vos declaro porque não canto,  
Nem porque vivo louco de amor...  
Acaso a aurora que tem no manto  
Luz — manda luzes á morta flôr ?

Não saibais nunca da insana lida,  
Em que me agito por Vós, Senhora...  
Acaso a triste rosa pendida  
Conta os martyrios que tem — á aurora ?

Ai ! Eu não quero chorar, enquanto  
Sentir no peito chammas de amor...  
Pois vendo a aurora, do céu o encantó,  
Será possivel que chore a flôr ?

---

Não direi mesmo que está perdida  
Toda a minh'alma sem fé, Senhora,  
Acaso a rosa, da haste partida,  
Vae pedir seivas á fulva aurora ?

Não tenho crenças e até me espanto  
Dos Olhos Tristes do meu amor,  
Unica aurora que enche de pranto,  
Em vez de orvalhos, a murcha flôr.

*(Hostiario.)*

## • Dona Leonor

(Fragmento.)

Não ha no espaço noite mais negra  
Do que a ãda Sua Trança, no entanto  
Enche ãe luzes e mesmo alegre  
As sepulturas d'um Campo-Santo.

Não ha nos prados flor mais formosa  
Do que Essa Pura Face Risonha :  
Ao vel-A — o verme palpita e gosa,  
Ao vel-A — o mocho gorgeia e sonha.

Não ha' estrellas de luz tão mansa  
Como Esses Olhos — meu evangelho ;  
Fazem um velho tornar-se criança,  
Uma criança tornar-se um velho.

Não houve mimos no paraizo  
Como Esses Labios Provocadores :  
Todas as flores mostram nuñ riso...  
E enchem de risos todas as flores.

Não tem mais brilhos a madrugada,  
Não têm as aves mais garrulice :  
Chorando... a lua fica magoada,  
Sorrindo... o proprio cypreste ri-se

Não ha nos nichos santa mais santa,  
Não ha nos thronos rei mais activo :  
Ao vel-A se ergue, sorrindo, a planta,  
E o sol se ajoelha, como um captivo.

---

Não ha no mundo vinho mais forte  
Do que Esse Riso, que a amar convida :  
Faz um ditoso buscar a morte,  
Um desgraçado buscar a vida.

O Seu Sorriso só não acalma  
A dor que dentro de mim se estende...  
— E' que ella nunca leu na minh'alma,  
E só minh'alma no mundo A entende.

(*Hostiario.*)



## DOMINGOS NASCIMENTO

---

### Ronda sinistra

Dentro do coração eu sinto uma patrulha,  
Que ronda noite e dia, ininterruptamente.  
E o bando de espiões a fazer tanta bulha,  
Tanta algazarra em torno ao coração doente !

Esta ronda sinistra, esta ronda maldita  
Não permite que eu durma o derradeira somno  
E o grilheta que suba os degrãos desse throno  
Onde a paz reina, e donde a guerra foi proscripta !

Torva ronda que espreita o coração enfermo !  
Se elle adormece, presto, a ronda grita : alerta.  
E busque o condemnado á lucta por um termo,  
Se a prisão nunca teve uma janella aberta?...

Ah, como illude a vida ! Ah, como illude o mundo !  
E eu julgava, sorvendo o hydromel da ventura,  
Que nos dias fataes, nos estos da tortura,  
Consentissem dormir o pobre moribundo !...

E eu julgava que apóz a tempestade austera  
Da Dór, que a minha frente em firmes tons registra,  
Exhausto o coração, a patrulha sinistra  
Me offertasse da paz a eterna primavera !

Mas, não. Ha tanto já esta alma doentia  
No seo tredo covil soluça enclausurada.  
Se geme, a ronda corre, e attenta, e escuta, e espia...  
— E esta alma infeliz sempre sobresaltada !



Vós todos que soffreis, ó victimas do amor !  
Almas castas que andaes por este mundo errantes,  
Vetustos corações, dizei-me vós, se d'antes  
Era tão bruta e vil a patrulha da Dôr !

Tenho odio de ti, como te odeio, ó guarda !  
Guarda rubra, infernal, vigia da desgraça !  
Porque cercar assim a mísera mansarda,  
Como exercito, audaz sitiando uma praça ?

Quero ser livre, quero a paz, quero o descanso.  
Quero morrer cantando uma doce canção.  
Ronda, não faças bulha, o velho coração  
Expira lento e lento, e canta manso e manso :

— Porque tanto penar, porque tanto soffrer ?  
Dona Morte, bom dia, ó minha velha amiga !  
Quero teo seio, quero em teos braços morrer  
Numa explosão de amor á guisa de arte antiga !

Quero beijar-te, quero, insinuante carcassa,  
Sentir, soffrer feu beijo esplendido e mortal !  
Bem dita, sejam tu, livra-me deste mal,  
Esta ronda tenaz que minh'alma devassa !

Mesmo assim dentro em mim, rasteja uma patrulha  
Que ronda noite e dia ininterruptamente.  
E o bando de espiões a fazer tanta bulha,  
Tanta algazarra em torno ao coração doente !...



ALFONSUS DE GUIMARAES

---

## Trio romanesco

*A ti, Archangelus, meu irmão.*

*Uma aldean que passa cantando :*

O coração humano é como os jasmineiros :  
Tem mais perfume quando as noites são de luar...  
Que lua ha de florir os meus sonhos primeiros,  
Mais brancos que os jasmims das terras de além-mar!

*Um velho sentado á beira da estrada :*

O coração humano é como as sepulturas :  
Póde conter a morte e ser como um jardim...  
Fechadas para sempre estão as azas puras  
Das esperanças que adejaram sobre mim !

*Um poeta que segue a aldean :*

O coração humano é como as laranjeiras :  
Floresce um mez e espera outro setembro em flôr...  
Ah ! quando voltarão as illusões primeiras  
Para outra vez florir o meu finado amor !

*(Da Pastoral aos Descrentes do Amor.)*

---

ARISTIDES FRANÇA

---

## Dolencia astral

Ha por todo o infinito uma magoa infinita,  
Qual se fluidos de dôr corressem pelo espaço...  
Astros ! vós que cantaes, por vossa bocca d'aço,  
Um selvagem hymnario audaz — forte e exquisita

Harmonia que fére o Azul como um fracasso...  
Rompei co'o alfange cruel de vossa luz bemdicta,  
Essa desolação que se espalha e gravita  
Para a terra, seguindo em torturado traço...

Azul ! Velario azul, brilhante e estrellejado !  
Oh ! que immensa tristura exhala-se empolgante,  
Desse véo e o Universo punge e vibra e agita...

Paira, no pallio azul por sobre nós arqueado,  
A dolencia augural de Outomno desolante...  
— Ha por todo o infinito uma magoa infinita !



JULIO PERNETTA

---

## Cavalleiro da Morte

*A' dama triste dos meus sonhos  
que alegre a minha existencia.*

« Minha alma a tua alma em vel-a  
« Invoca sonhos d'outr'ora :  
« Do teu olhar — uma estrella,  
« Do teu sorriso — uma aurora.

« Sonhos de amôr, plumas de ouro,  
« Plumas de ouro a fluctuar ;  
« Cavalleiro fino e louro,  
« Pára no teu galopar.

« Tenho o corvo da agonia  
« Na minh'alma a crocitar  
« Do teu perfil se irradia  
« Um perfume de matar. »

Fallava assim D. Helena  
Na mór tristeza sem par,  
Que vel-a causava pena  
No seu longo soluçar.

E o Cavalleiro da Morte  
Se um instante se voltar,  
De funambulesca cohorte  
Se fazia acompanhar.

---

Em ligeira desfilada  
— Nuvens de pó pelo ar,  
Ao sol fuzila uma espada  
Que a morte a outro vae dar.

D. Helena estende os braços,  
Soluçando a supplicar,  
Silencio polos espaços,  
Nuvens de pó pelo ar.



RICARDO DE LEMOS

---

## Pergunta louca

« Teus pés, disse eu, perpassam por espinhos,  
Como um casal de colibris perpassa  
Pelas flores, á beira dos caminhos...

Sabes que ha monstros soltos pela praça ;  
Que ha bandos de orphãos orphãos de carinhos,  
Na bôca um hymno, o hymno da Desgraça !

Mas como sabes?... Pela voz materna,  
Dizendo : Filha, ao nosso Pai Celeste  
Pede por esses, cuja vida agreste  
Dos maus o proprio coração consterna ! »

E ella... (ó innocencia, de que céos vieste !...)  
Ouço-lhe ainda a voz tão meiga e terna,  
— Aquella voz que é como a voz fraterna,  
A me dizer : « E tu... como soubeste ? »

---

## JULIO CAMISÃO

---

### Barcarola

Singra estas aguas, batel ligeiro,  
Qual leve pluma por sobre o mar!  
As auras cañtam hymno fagueiro  
Ao sempiterno, doce luar.

Vôa, barquinha, vôa serena,  
Como as gaivotas no céu azul!  
A voz do vento — vibrante avena —  
Traz melodias á lyra exul!

Brilham estrellas no firmamento  
Fulgem caricias no coração;  
Batél mimoso, qual pensamento,  
Vae, pois, seguindo n'esta amplidão!

Sonhos de fadas, beijos de flôres,  
Vozes de archanjos, luz do luar...  
Graças, carinhos, mil esplendores  
Agora temos no vasto mar...

Corre nas aguas, fragil barquinho  
Por essa esteira que forma a luz!  
Se tens nas vagas roseo caminho,  
Sinto delicias tambem a flux!

Pelo horisonte — calma e bonança,  
Nem uma nuvem. Quanto esplendor!  
Aqui fruimos tanta esperança!  
N'alma gozamos fluidos de amor!





RICARDO DE ALBUQUERQUE

---

## Canção de Aljofares

### I

Foi em Setembro, foi em Setembro  
Que sofrimento, que funda magua !  
Tua afeição contente afago-a !  
Com que saudade de ti me lembro.

Mez de martyrio, mez de agonia,  
No dia quinze, marca minh'alma :  
— Tristeza infinda que sempre psalma  
A noite eterna, triste e sombria.

Somente sinto, somente vejo  
Na luz tristonha d'alvos lares,  
Os doces brilhos tão singularès  
Do teu sagrado, divino beijo.

Sobre mim tenho — luz sempiterna —  
A via lactea do teu sorriso  
Por onde alegre — santa — diviso  
A tua benção que me governa.

Iris sagrado, d'alma alliança  
O teu carinho meigo scintilla  
Qual a candura d'uma pupilla  
D'uns olhos d'ave, serena e mansa.

Morte és a vida que desvendamos  
No velludoso manto siderio  
Berço de luzes inda em mysterio  
Cypreste cheio de gaturamos.

## II

No dia d'hoje quanta alegria,  
Dava a meu estro dulcido encanto ;  
Inda a meus olhos magico e santo  
O teu affecto fulge e me guia.

Recordo aquella santa velhinha,  
Avó sublime, que sempre pude  
Idolatrando sua virtude,  
Ver què su'alma dos céus provinha.

Tinhamos flôres, festa divina  
No lar querido ; tudo parece  
Que tinha um casto fulgor de prece  
— O ensinamento de uma doutrina.

Na tua benção, no teu afago  
Quanta ternura ! Quanta meiguice !  
Então sentia, como sentisse,  
Notas de um canto celeste e mago

Sempre esse dia me foi dilecto,  
Das datas todas a mais querida.  
— A Santa Aurora da tua vida —  
— Eterno Dia do meu affecto —

A tua morte, traduz apenas —  
Noite contendo tons d'alvorada —  
Astros occultos, na delicada  
Sombra cheirosa das açucenas

(Sacratio.)



## Balada spleen

La douleur est le fond de la vie huma  
LAMENNAIS.

Astros, sois templos do Ether no Infinito,  
Eu sou na terra o templo da Tristeza.  
E' um doido o celebrante ; ouvi-lhe a reza  
Na symphonia trágica do Grito.

*O sorriso é um lyrio errante,  
Que saudades meu amor !  
Ha um sino dobrando a mortos  
No meu coração em flór...*

E' um doido que soluça em minha nave,  
Sob a livida estamenha de um asceta.  
Oh ! sol de Maio ! oh ! loiros cantos de ave !  
E' o coração de um Poéta...

*Ha um sino dobrando a mortos  
No meu coração em flór...*

Que profunda tristeza, olhos brancos do Azul,  
Ha no corpo que encerra  
Esse doido avatar das neblinas do Sul,  
Esse pária da Terra.

*Olhos ardentes o amaram,  
Que saudades, meu amor !*

Veio commigo ao mundo, pobre d'elle...  
 Viu a dor de um mendigo das estradas.  
 Se a desgraça dêsse o Genio e a Gloria, elle  
 Vibraria a maior das lyras desgraçadas.

*No seu berço de finados  
 Baptisaste-o, minha dor...*

Como Byron, correu climas diversos,  
 De aziágas lembranças perseguido,  
 Até que eu desse a ermida dos meus versos  
 Ao seu pranto dolorido.

*Ninguem mais o amou na terra,  
 Que saudades, meu amor !*

O Universo — o leão da floresta dos Seculos —  
 Viu-o como um propheta annunciando o amor.  
 — E a Carne reprimia o seu cortejo de éculos ;  
 — E um vago luar de lenda embalsamava a dor.

*Vae-se o tempo, vão-se os beijos,  
 Não te foste, oh, minha dor !*

Viu-o á beira da estrada aos Espaços rezando,  
 Com o arrulho na bocca á espera de outra bocca ;  
 Mas a reza quedou-se, envolta a um nome echoando,  
 No triste sonho de uma freira louca.

*Porque a dor dobra a finados  
 Num coração ainda em flôr ?*

Sonhára o amor como a Sarça Ardente da vida,  
 E amou com esse amor que a loucura traduz ;  
 Mas fel-o uma ambula partida  
 A dor de Magdala ao expirar Jesus.

*Foi-se-lhe tudo, e a desgraça  
 Esqueceu-te, oh, minha dor !*

Delirou como Arvers no azul da rima,  
E a solidão esqueletoou-lhe a face ;  
E a contar percorreu mundos de baixo a cima,  
Até que o angelus chegasse.

*Ave Maria... desce a noite...  
Que saudades, meu amor !*

Ave Maria !.. o sino, em seu longo quebranto,  
Que scismas de ouro lhe accendeu...  
Oh ! meu casto perfil de antigo encanto  
Com seu olhar voltado para o céu !

*Ave Maria !... céos viuvos...  
Chorando ao Poente o seu amor.*

Avatar do Mysterio, Evocador profundo,  
Quiz para a saudade um templo roxo e espalto,  
De onde clamar pudesse á sua patria do Alto  
Que, iniqua o abandonou ha Siberia do mundo.

*Ah ! o Sonho é lyrío ardénie,  
Que saudades, meu amor !*

Argamassa a Paixão e o Calafrio,  
E a Noite surge : é o templo do delirio.  
O pórtico é um longo poente sombrio  
De tons sangrentos de martyrio.

*Ha tanto finou-se o dia  
E não te vaes, minha dor...*

Para erguer o zimbório  
Estrellado do templo, a alma distende e arqueia.  
E a Saudade — seu unico oratorio —  
Para ser hostia gela-se na Lua Cheia.

*Anda a noite em horas mortas  
Que saudades, meu amor !*

Mas é tanto soffrer, seu martyrio é tamanho,  
Que esse templo sómente a funeraes supporta.  
Então, elle gravou sobre o pórtico extranho :  
*Porque a Cova não foi minha primeira porta ?*

*Alem da Cova, do outro lado,  
Quem nos dirá, meu amor,  
Que a dor não dobra a finado  
Num coração ainda em flôr ?*

*(Luar de Hivero.)*



## NESTOR VICTOR

---

### Dueto de Sombras

— Ah! descuidosa Ophelia, é o irresistível que me  
[está chamando,]

Mas não te deixarei abandonada...

A corôa de rosas? Desfolhando,

Não pela doida correnteza,

— Mãos esguias, de cera enregelada --

Irás, mas docemente, aos meus dois braços presa,

Teu olhar, a sorrir, no meu olhar fitando.

— Mas como é frio este caminho!

— Abriga-te em meu manto de loucura!

— Estás tão alto! Não alcanço o teu carinho ...

Eu era mais feliz com a paz que ha na planura...

— Sobe! — Subirei, que te amo!

— Sobe, soffrendo embora! Leva para o alto a fé!

Lá em cima de uma arvore nova pende um ramo

(Palma? loureiro? — aureo e viride) que não se sabe  
[para quem é.]



## O Constructor

Moureja, moureja, moureja,  
Ora á torre subindo,  
Para ver não se sabe o que seja,  
Ora descendo ás entranhas da terra, ouvindo  
Não sei que voz que o chama.  
Coberto de aureo pó, — como que estrella e lama, —  
Quando vem a noite elle descança ;  
Tão exaustado, porém, que ao vê-lo, não se sabe  
Si o titulo de edoso mago é o que lhe cabe  
(Mas que ar mesquinho que elle tem !) ou o nome de  
[creança.]

---



## CUNHA MENDES

---

### Ave Maria

#### I

A noite desce,  
Desce de brando :  
O sol parece  
Uma rosa de fogo aos céus illuminando...  
A ave Maria  
Chora nos ares :  
Ah, nostalgia  
Dos que estão a scismar bem longe de seus lares !

#### II

O som do sino  
Expira em dores :  
Lembra o destino  
Das crianças sem pais, das almas sem amores. .  
Lyrios fanados,  
Tombai nos ermos ;  
Sois comparados  
A alguns sonhos tombando em corações enfermos !

#### III

Ah, que saudade  
Na paz sentida  
Da soledade  
Em que tudo parece haver perdido a vida.

A grande calma  
Envolve o mundo ;  
Ha em noss'alma  
A saudade de quem se abraça a um moribundo !

## IV

A luz saudosa  
Descora e expira ;  
Triste e queixosa,  
Uma canção de amor na solidão suspira  
E, vagamente,  
Deixa nos ares  
A ancia dolente  
Das tristezas cruéis e dos cruéis pesares.

## V

E o sol que morre  
No espaço rubro !  
A chamma escorre  
Sanguinolentemente em largos céus d'outubro !  
Cheia de vaga  
Ancia silente . . .  
A alma naufraga  
Nesses mares de sangue avermelhando o poente...

## VI

Visões, nascidas  
Por entre dores,  
Sombras perdidas  
Que inspirastes outrora os mais castos amores ;  
Passai, amadas  
Visões sombrias !  
Sombras maguadas,  
São nossos corações as catacumbas frias !

## VII

E a ave-Maria  
Morre nos ares...  
Ah, nostalgia

**Dos** que vão sem amor, como os orphãos sem lares...

Vós, almas puras,  
Cobri de flores  
As sepulturas

**Em** que, tristes, guardais os ultimos amores!

*(Turris Eburnea.)*



DARIO VELLOZO

---

## Alma penitente

CANTO VII

To be, or not to be  
Shaakspeare. *Hamlet.*

Poeta que te vaes para a Ilusão Suprema,  
Ciliciado como um penitente,  
Porque encerrar no esquite de um poema  
O cyrio azul de uma paixão latente ?

Abre ao luar da Noite a alma deserta  
Como um tugurio abandonado,  
Rompe o cilicio que te aperta  
O coração de asceta flagellado.

Reza a oração do anachoreta  
Que se desprende da existencia  
E parte os elos da calceta  
Dos fibusteiros da Innocencia...

Volve ao caule aromal de tua estrella branca,  
— Olhar de luz de anjo que chora, —  
E de tua alma o dardo arranca :  
— O Céu te escuta e as magoas te deplora.

A Terra é o carcere do Sonho ...  
O Amor é o philtro da Ilusão...  
O amor humano mais risonho  
Não vale uma hostia da Amplidão !...

Somente o Céu distilla o aroma  
 Das affeições immorredouras...  
 — A hostia do Azul nos labios toma,  
 Anachoreta das saudades louras !...

Por toda parte a que te leves  
 Encontrarás soluços e gemidos,  
 Echos feraes das alegrias breves,  
 Estertores de symbolos partidos...

A caravana lugubre da Terra  
 Tropeça e cae como o Judeo maldicto...  
 E a dor humana entre sepulchros erra,  
 Espectro que se abysma no Infinito.

A dor humana é uma eclosão do Riso...  
 Nasceu num seio de donzella casta...  
 E' como um fulvo e funerario aviso  
 Que a Morte vibra e na existencia arrasta...

E' como o echo das angustias mortas,  
 Repetido por bocca de esqueleto...  
 Subio do Abysmo ás fulgidas retortas  
 Em que o Treva gotteja a alma de Hamleto.

Hamleto !... Um peregrino da Loucura...  
 Urn torturado, — um flagellado, — um morto!...  
 Eil-o que passa, — a triste creatura ! —  
 Sem o lyrio de um beijo ou de um conforto.

## I

[um psalmo]  
 — A Vida é um sonho... A Morte é um Sonho... A Luz é  
 Com que a Esperança enflora as almas dos Vencidos...  
 A Treva envolve sempre os Symbolos partidos  
 Quando as azas do Amor nos tumulos espalmo...

Sou o espectro feral das Duvidas Supremas...  
 Sempre que me projecto em cima de uma lousa,  
 Freme a Angustia e desperta a ossada que repousa,  
 Para a roxa eclosão dos lugubres poemas...

A ephialta da Crença é uma abantesma loura...  
 — Que astro da Sepultura os maosoleos redoura  
 Quando a Recordação minhas scismas desperta ?

Que Anjo pallido e triste o coração me cinge,  
 Se interrogo a Amplidão com meus olhos de esphynges,  
 Se osculo o sitial de uma estrophe deserta ?...

## II

Acompanha-me a sombra, a sombra de uma sancta,  
 — Luz da Aurora, que importa o cariz do Poente ?  
 Luz da Aurora, que importa este luar silente  
 Que os sepulchros conversa e nos cyprestes canta ?

Luar da Paz... Luar da Morte... Astro innocente  
 Que desenrola, á noite, os brancos véos de monja...  
 Não medra em coração de asceta penitente  
 A promessa do Beijo e o psalmo da Lisonja...

Ouço a alma do Luar nas folhas do salgueiro...  
 Sinto o acerbo pungir de um pezar sempre occulto...  
 Sou da Crença e da Morte o severo coveiro...  
 Abro as covas do Amor nas ruinas do Culto,  
 Enterro em cada cova um sonho derradeiro,  
 Em cada coração um coração sepulto.

## III

Desperta, coração !... Meu coração é morto !...  
 Envolve-o longamente alva mortalha branca...  
 Gelo, talvez !... Neve, talvez, que o Flagello me arranca  
 Quando á Sombra supplico o punhal de um conforto.

Atormentado heroe !... nobre heroe invencivel,  
 Indomito e leal como um guerreiro ousado !...  
 Atravessou-te outrora o gladio envenenado  
 De uma injuria cruel, deshumana e terrivel.

Succumbiste, afinal !... Descança, peregrino !...  
 Ninguem pode vencer a dextra do Destino,  
 Contra a morte do Amor ninguem pode lutar.

Ophelia, — eu seguirei o rastro de teus passos,  
 Eu me irei sepultar na pyra de teus braços,  
 Monje que se ajoelha ante a effigie de altar.

— Como doe!... como esmaga esta tortura immensa!...  
 Não podel-a amplexar, como a amplexava outrora,  
 E sentil-a gemer do meu amor suspensa,  
 — Lyra presa ao salgueiro, ao despontar da Aurora.

Lyra do bardo do deserto,  
 Junto ao salgueiro do Infortunio  
 Eu te osculo, chorando, e nos braços te aperto,  
 Ao vago olhar do Plenilunio.

Eu te osculo, chorando, as fibras gemedoras,  
 Eu, chorando, te aperto a meu peito de monge...  
 Na tua alma perpassa a alma das Leonoras,  
 E os psalterios do Céu, tão distante e tão longe.

Ophelia, — uma alma de creança  
 Harmoniosa como um som de lyra ;  
 Luar da Estrella da Esperança,  
 Engastada num trevo de saphyra.

Desventurada amiga !  
 Candida e bella, vaporosa e pura ;  
 Parecia dormir na sepultura,  
 Emmoldurada numa tela antiga.

Hoje vejo-a passar nas minhas scismas  
 Como um silente raio de luar,  
 Na celagem feerica dos prismas

Desbotoando um carinhoso olhar...  
Hóje, sinto-a pousar junto a meu lado,  
Nos ternos olhos um carinho doce,  
Illuminando todo meu passado,  
Como se a estrella dos sepulchros fosse.

— Bemdicta seja esse tortura mansa  
Que te approxima a encantadora amiga,  
E dá-te a meiga e pallida creança  
Emmoldurada numa tela antiga !...

Hamleto, a minha angustia é mais austera,  
A minha desventura é mais profunda :  
Nunca mais um luar de primavera  
Virá dourar-me esta prisão immunda.

Nunca mais !... Nunca mais o luar de seu rosto  
Se virá projectar no espelho de minha alma !...  
O mysterio da Morte azas de luto espalma  
No sombrio cariz do primeiro desgosto...

Nunca mais !... Nunca mais o psalterio de um beijo  
Ciciará na estròphe as suas preces mansas ;  
Nem medrará jamais o lyrio de um desejo  
No alvo horto angelical das louras esperanças.

A ephialta da Angustia arrasta o sambenito  
Das torturas do Alem, dor nirvanas da Rima...  
E eu me sinto morrer, sacrilego e maldicto,  
Sem as consolações do Carinho e da Estima.

Só... dobrando a cerviz ao guante da Loucura,  
Amarrado ao grilhão de uma paixão sem termo...  
Cavando — eu mesmo — o leito á minha sepultura,  
Amortalhando — eu mesmo — o coração enfermo.

Só... abrindo á Saudade o fulgido hostiario  
Das lagrimas feraes de uma illusão perdida ;  
Aos cyprestes rezando um triste breviario  
E o acerbo ritual de toda minha vida.



Entretanto, Poeta, a negra sombra esqualida

Dessa angustia, que eu sinto amortallar meos dias,  
Não reflecte o perfil na sua face pallida,  
Nem suspende a eclosão de suas alegrias.

A grinalda que cinge os seus cabellos de ouro

Se purpurejará nas tintas de um poente...

E sequer saberá que perdera um thezouro,

Ao delicado alvor de uma emoção latente !...

Nunca mais !... Nunca mais !... Seja maldicto o verme

Que no corpo lhe abrir uma rubra ecchymose,

E a essas carnes que amei e a essa branca epiderme

Rasgar, — nas convulsões de esvairada nevrose !...

Ao intimo luar de seus olhos amados,

Nunca mais !... nunca mais palestrará commigo !...

E eu terei na minha alma o espectro de um jazigo

E o cilicio brutal dos monges torturados.

— Poeta, a Dor é toxico funesto,

Tresvaria a razão das almas ternas.....

Oh ! não exhortes o aleivoso incesto

E o torpe aviltamento das tabernas.

Não profanes o immaculo sacrario

Das tuas preces a das tuas dores ;

Só o Céu nos aponta o itinerario

De nossos mais reconditos amores.

Expia ás tuas faltas de precito

Com resignada mansidão de crente,

Cinja-te, embora, o negro sambenito

Da angustia mais acerba e mais pungente.

Aguarda o julgamento derradeiro,

Alma voltada para a Desventura,

E o lyrio branco do perdão primeiro

Florescerá na tua sepultura.

— Hoje, vejo-a passar nas minhas scismas,  
Como um silente raio de luar,  
Na celagem feerica dos prismas  
Desbotoando um carinhoso olhar.....  
Hoje, sinto-a pousar junto a meu lado,  
Nos ternos olhos um carinho doce,  
Illuminando todo meu passado,  
Como se a estrella dos sepulchros fosse.

(O Cenaculo.)



## NOTAS BIOGRAPHICAS

---

AFFONSO CELSO. — Nasceu na cidade de Ouro-Preto, Estado de Minas Geraes, em 1860. Accentuado e distincto perfil de homem de lettras, jornalista politico, prosador facil e poeta de inspiração, a vida d'esse moço illustre se tem constituido um verdadeiro hymno á patria, ao trabalho e ás lettras. São d'elle : *Preludios, Devaneios, Télas sonantes, Poemetos, Camões, Vultos e factos, Minha filha, O Imperador no exilio, Lupe, Rimas de outr'ora, Notas e ficções, Um invejado, Guerrilhas, Giovanina, Contradictas monarchicas* e a *Imitação de Christo*. Pertence á Academia de Lettras. E' filho do Visconde de Ouro Preto.

OLAVO BILAC. — Nasceu em 1865, no Rio de Janeiro, este magnifico poeta, uma das maiores figuras do nosso parnaso contemporaneo. Jornalista e prosador fluente e correcto, tem sido collaborador effectivo da *Gazeta de Noticias* e de outras folhas diarias; dando-nos, como autor de obras, as apreciaveis *Chronicas e Novellas*, um volume de *Poesias* (*Panoplias, Via Lactea e Sarças de Fogo*), collectanea de seus primororas versos até então divulgados em

revistas e jornaes. Pertence á Academia Brasileira de Letras.

MEDEIRAS DE ALBUQUERQUE. — Nasceu no Recife, Estado de Pernambuco, a 4 de junho de 1867. Tem exercido funções públicas no magisterio e na alta administração, foi deputado ao Congresso Federal, na legislatura de 1894 a 1896, representando o seu Estado natal. Publicista, litterato, critico, orador e poeta, a esse illustre brasileiro bem se póde dar o qualificativo de talento excepcional. O *Figaro*, o *Tempo*, a *Republica*, a *Noticia*, a *Tribuna*, o *Paiz*, o *Estado de S. Paulo*, e outras orgãos de publicidade refulgiram e ainda refulgem dos brilhos de sua vigorosa penna. Como poeta, até 1900, contam-se d'este autor : *Canções da decadencia*, o *Remorso* (Pamphleto politico em verso), e *Peccados*; como contista, *Um homem pratico*, e *Mãe Tapuja*. E' da Academia de Letras.

XAVIER MARQUES. — E' moço ainda este eminente romancista, poeta e jornalista, que teve por bêrço a heroica Bahia. Redactor por varias vezes das principaes folhas diarias de sua terra natal, a sua nutrida intelligencia se tem verdadeiramente manifestado no romance de costumes, de que é elle hoje o mais significativo e genuino representante : *Janna e Joel*, a *Familia bahiana*, o *Holocausto*, *Boto G. C.*<sup>a</sup>, etc., justificam o nosso conceito. Na poesia, seu nome com vantagem se recommenda nos *Themas e Variações*, e nas *Insulares*.

MARCOS DE CASTRO (*Alberto Ramos*). — Nasceu em Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul, a 14 de novembro de 1871. Redigiu varios jornaes, publicou *Poemas do Mar do Norte*, vertidos do allemão, de H. Heine, e uma pequena collecção de encantadoras poesias originaes, sob o titulo *Versos prohibidos*.

OSCAR PEDERNEIRAS. — Nasceu no Rio de Janeiro a 12 de junho de 1860, e falleceu a 26 de agosto

de 1889. Estudou no collegio de Pedro II, não tendo completado o curso, e bacharelou-se em Direito, na Faculdade de S. Paulo, onde publicou a *Historiophobia* e a *Côrte em ceroulas*, e no Rio de Janeiro, além de traducções de diversas peças, taes como o *Perfume* e o *Chapeu alto*, escreveu as revistas theatraes *Rio de Janeiro*, *Zé Caipora*, etc. Era tambem folhetinista e agradável poeta.

LUIZ EDMUNDO. — Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1878. Estreou com os *Nimbos*, e publicou no anno seguinte os *Thuribulos*. Fundou, em 1899, a *Revista Contemporanea*, e tem em preparo um terceiro livro de versos.

SEBASTIAO GUIMARAES PASSOS. — Nasceu a 22 de março de 1867 nas Alagôas, e veio para o Rio de Janeiro em 1888. Estreou na *Gazeta da Tarde*, fundou a *Vida Moderna*, revista litteraria, com Luiz Murat, Arthur Azevedo, Coelho Netto e outros; e a *Bruxa*, com Olavo Bilac, illustrada por Julião Machado. Tem collaborado em quasi todos os jornaes fluminenses, e actualmente escreve na *Gazeta de Noticias*. Seus livros de versos — *Horas mortas*, ultimamente publicado, e *Versos de um simples*, fôram com applauso accitos pela critica.

JOAQUIM OSORIO DUQUE-ESTRADA. — Nasceu no Municipio de Vassouras, Estado do Rio de Janeiro, em 29 de abril de 1870. Em 1886, publicou um livro de versos, a que deu o titulo de *Alveolos*, prefaciado pelo eminente critico Sylvio Roméro.

Collaborando activamente em jornaes d'esta capital e dos Estados, dedica-se no momento actual a estudos philologicos.

CRUZ e SOUZA. — Nasceu a 24 de novembro de 1863, na cidade de Desterro, em Santa Catharina. Veiu para o Rio de Janeiro em 1891, e em 1893 publicou os *Broquéis* (poesias). Falleceu a 18 de março de 1898,

deixando ineditos : *Evocações* (prosa), mais tarde publicadas por amigos intimos ; *Pharoes* (versos), publicados por uma commissão de homens de letras ; *Ultimas sonetos*, volume ainda inedito ; e um outro livro, em que se acham reunidos diversos trabalhos em prosa e verso, que tambem não veiu a lume. O *Missal* (1893) é de sua lavra.

FONTOURA XAVIER. — Nasceu no Rio Grande do Sul, em 1858. Este bello poeta, o rei do *triolet* na phrase de Sylvio Roméro, é o autor das *Opalas* e do *Régio Saltimbanco*.

VALENTIM MAGALHAES. — Nasceu no Rio de Janeiro, em 1859. Foi redactor-director d'*A Semana*, é jornalista de merito, critico, romancista, *conteur*, e foi collaborador, em differentes épocas, d'*O Paiz*, da *Gazeta de Noticias* e de outros jornaes.

Publicou *Cantos e lutas*, *Vinte contos*, *Quadros e Contos*, *Bric-à-Brac*, *Flór de sangue*, e ultimamente o *Rimario*, delicadissima collectanea de seus apreciados versos.

LUIZ GUIMARAES JUNIOR. — Nasceu no Rio de Janeiro a 17 de fevereiro de 1845 e falleceu em Lisbõa a 19 de maio de 1897. Folhetinista de escõlha, estylista facil, e lyrista de remontado valor, o notavel fluminense avolumou a nossa litteratura com trabalhos de brilhante relêvo. São d'este numero *Nocturnos*, *Curvas* e *Zig-zagues*, *Historias para gente alegre*, *Corymbos*, sendo o seu ultimo livro *Versos e Rimas*, triumphantemente acolhido pela critica nacional e portugueza.

THEOPHILO DIAS. — Nasceu em Caxias, no Maranhão, em 1857. Formou-se em direito na Faculdade de S. Paulo, tendo por contemporaneos Augusto de Lima, Valentim Magalhães, Reymundo Corrêa, Lucio de Mendonça e Affonso Celso J<sup>or</sup>, poetas que começavam a illustrar tão distincta geração. Foi col-

laborador de jornaes politicos e revistas litterarias; e têmos desse formoso talento *Lyra dos verdes annos*, as *Fanfarras*, os *Cantos tropicaes* e a *Comedia dos deuses*. Falleceu a 29 de março de 1889, em S. Paulo. Affonso Celso, seu companheiro e admirador, incumbio-se de escrever-lhe a biographia, publicada no *Almanach Popular Brasileiro*.

ARTHUR AZEVEDO. — Nasceu este festejado, escolhido e popular escriptor, a 7 de julho de 1855, na provincia do Maranhão, e veio para o Rio de Janeiro, ao que suppomos, em 1877. Jornalista, poeta e comediographo, a obra d'esse distincto homem de lettras é abundante e duradoura, pois são innumeradas as suas producções entornadas por quasi toda a imprensa d'esta capital, e por varios órgãos dos Estados; destacando-se em volumes, artisticamente elaborados, *Contos possivéis*, *Contos ephemeros* e *Contos fóra da moda*. Publicou em folheto a satyra *O dia de Finados*, e uma collecção de sonetos sob o titulo *Horas de humor*. Sem podermos precisar o numero de suas producções theatraes, conhecemos do comediographo a *Vespera de Reis*, *O amor por annexins*, a *Joia*, a *Filha de Madama Angú*, e por ultimo o *Badejo*, comedia em verso, habilmente architectada e com elegancia escripta. Suas affinidades litterarias com o autor do *Noviço* e do *Juiz de paz da roça* merecidamente o collocaram na cadeira de que é patrono Martins Penna, na nossa Academia de Lettras.

D<sup>o</sup>r TEIXEIRA DE SOUZA. — Nasceu no Maranhão a 13 de outubro de 1852. E' médico illustrado, talento de primero lavor, e poeta que, com Sylvio Roméro, Martins J<sup>o</sup>r, Costa Serma e Augusto de Lima, representa o *movimento scientista* da poesia brasileira. Os *Dous Amphitheatros*, que reproduzimos, dão a medida de seu alto valor na nossa lyrica contemporanea.

FROTA PESSÔA. — Nasceu a 2 de novembro de 1875, em Sobral, Estado de Ceará. Collaborador de jornaes

e revistas n'esta capital, em 1898 appareceu o seu primeiro livro de versos, intitulado *Psalmos*.

LEONCIO CORREIA. — Este conhecido escriptor, natural do Estado do Paraná, publicou seu primeiro livro de versos — *Flôres agrestes*, em 1882; e as — *Volatas* — em 1887. Tem a imprimir — *Litanias*, *Valla commum*, e *Tiradentes*, este ultimo, poema nacional, e os dous primeiros de poesias geraes.

LEOPOLDO BRIGIDO. — Nasceu no Ceará, em 1875. Tem collaborado em varios jornaes, e reune presentemente suas poesias para publical-as em livro.

SILVEIRA NETTO. — E' moço ainda, e nasceu em Morrêtes, Estado do Paraná.

Um dos vultos de mais altura da poesia symbolista no Brasil, o nosso poeta faz parte d'esse grupo de cantores paranâenses a que estão confiados os destinos dessa recente seita, da qual o seu livro *Luar d'hivero* concentra, no fundo e na fórma, o mais bello dos principios doutrinarios.

Silveira Netto, poeta e artista, vale um nome e uma fama.

LUIZ MURAT. — Nasceu em Itaguahy, Estado do Rio de Janeiro, em 1861.

Jornalista e poeta de alteroso vôo, o autor das *Ondas* é um dos typos mais significativos na poesia actual, salientando-se com aprofundados sulcos nas poesias amorosas, philosophicas e de vibrante imaginação.

A seu respeito, nada têmos a adeantar ao que magistralmente acentuou Sylvio Roméro em seus *Novos estudos de litterarura contemporanea*, na valorosa critica consagrada ao magestoso cantor da *Sanie Universal*.

ALBERTO DE OLIVEIRA. — Nasceu em Saquarema, Estado do Rio de Janeiro, a 28 de abril de 1859.



Poeta de soberana inspiração, as suas *Poesias* o collocam como figura de primeiro plano nas mais remontadas regiões do Parnaso Nacional, onde, n'estes dous ultimos decennios, as palmas de todas as criticas o victoriam, o incenso de todos os louvores o consagram.

O *exame de Hercilia*, que damos n'este volume, faz parte de uma serie de poesias do mesmo autor, que em breve virão a lume, ainda mais avigorando o cabedal poetico que tão largamente exorna o frontão da patria brasileira.

MUCIO TEIXEIRA. — Nasceu este luminoso homen de lettras a 13 de outubro de 1858, em Porto-Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul.

Poeta e polygrapho, a sua obra em verso é abundantissima e de valôr, comparavel ás vezes, já pela imaginativa, já pela extensão, á de Luiz Delfino, um dos poetas de maior envergadura que tem possuido esta parte da America.

D'entre muitos de seus livros nos recordamos de — *Fausto e Margarida*, poema ; *Cerebro e Coração*, *Fausto*, *O gaúcho*, *Os Inconfidentes* ; *O filho do banqueiro*, drama ; *Novos idéaes*, versos.

E' presentemente o critico dos *Poetas e prosadores*, folhetim semanal do *Jornal do Brasil*.

NESTOR VICTOR. — Nasceu a 12 de abril de 1868, no Estado do Paraná. Este laborioso autor, illustrado e de verdadeiro talento, tem publicado as seguintes obras : *Signos*, livro de contos ; *Cruz e Souza*, monographia ; *A Cruz e Souza*, poemeto ; e um romance intitulado *Amigos*.

Seu ultimo livro — *A Hora*, destinado á critica, é superiormente trabalhado, brilhantemente escripto, destacando-se em paginas admiraveis o estudo sobre Ibsen, que nos dá exacta conta dos meritos litterarios do joven analysta.

Como poeta, pertence ao radioso cenaculo dos *symbolistas paranaenses*.

ELZEARIO PINTO. — Nasceu em Sergipe, em 1842. Esteve na Bahia em 1867, fazendo parte nesta data do grupo de poetas constituido por Antonio Alves de Carvalho, Castro Alves, Mello Moraes Filho, Francisco Moniz Barreto Filho e Plinio de Lima, em contraposição ao do velho repentista Francisco Moniz Barreto, que contava, como sectarios de escola, A. de Mendonça, D. Adelia Josephina do Castro Fonseca, Domingos Joaquim da Fonseca, Antonio Lopes Cardozo e João de Brito.

Mais tarde, passando-se para o Rio de Janeiro, seguiu pouco depois para Minas-Geraes, onde falleceu.

Na Bahia, escreveu o notavel poeta sergipano — *O Festim de Balthazar*, composição freneticamente consagrada pelos seus pares, e hoje tornada celebre na lyrica nacional.

D'elle existe inedito o poema — *Serygipe*, e não consta que, por emquanto, se achem reunidas suas poesias avulsas.

---

# INDICE

---

## PRIMEIRA PARTE ULTIMOS ROMANTICOS

|                                     |    |
|-------------------------------------|----|
| <b>José Bonifacio.</b>              |    |
| Suprema vizio. . . . .              | 3  |
| O corneta da morte. . . . .         | 9  |
| <b>Bittencourt Sampaio.</b>         |    |
| O Canto do pescador. . . . .        | 13 |
| A Lua. . . . .                      | 16 |
| <b>Pedro Luiz Pereira de Souza.</b> |    |
| Terribilis dea . . . . .            | 18 |
| <b>Laurindo Rabello.</b>            |    |
| Adeus ao mundo. . . . .             | 22 |
| <b>Franklin Doria.</b>              |    |
| A Ilhóa. . . . .                    | 27 |
| O acompanhamento. . . . .           | 31 |
| <b>J. A. Teixeira de Mello.</b>     |    |
| A' Lua. . . . .                     | 36 |
| <b>Joaquim Serra.</b>               |    |
| Desafio à viola. . . . .            | 42 |
| <b>Santa Helena Magno.</b>          |    |
| A Secca no Ceará. . . . .           | 46 |
| <b>Machado de Assis.</b>            |    |
| Uma creatura. . . . .               | 51 |
| Circulo vicioso. . . . .            | 52 |
| <b>Tobias Barreto.</b>              |    |
| Leocadia. . . . .                   | 53 |
| <b>Luiz José Pereira da Silva.</b>  |    |
| Riachuelo . . . . .                 | 55 |

|                                        |    |
|----------------------------------------|----|
| <b>Francisco Moniz Barreto, Filho.</b> |    |
| Desalento. . . . .                     | 59 |
| Confissão de um velho. . . . .         | 61 |
| <b>Fagundes Varella.</b>               |    |
| A Filha das Montanhas. . . . .         | 62 |
| O canto dos sabiás. . . . .            | 65 |
| <b>Sylvio Roméro.</b>                  |    |
| A modinha. . . . .                     | 67 |
| <b>Antonio Alves de Carvalho.</b>      |    |
| Lesbia (fragmento). . . . .            | 69 |
| <b>Elzeario Pinto.</b>                 |    |
| O festim de Balthazar. . . . .         | 72 |
| <b>Plínio de Lima.</b>                 |    |
| Versos á Maria. . . . .                | 79 |
| <b>Castro Alves.</b>                   |    |
| Sub tegmine fagi. . . . .              | 82 |
| O Bandolim da desgraça. . . . .        | 85 |
| <b>Mello Moraes Filho.</b>             |    |
| Ponte de lianas. . . . .               | 87 |
| A morte do Sol. . . . .                | 89 |

## SEGUNDA PARTE

# SCIENTISTAS

|                                        |     |
|----------------------------------------|-----|
| <b>Sylvio Roméro.</b>                  |     |
| A Alma. . . . .                        | 95  |
| <b>José Izidoro Martins Junior.</b>    |     |
| Synthese Scientifica. . . . .          | 98  |
| <b>Costa Senna.</b>                    |     |
| Natura Mater. . . . .                  | 103 |
| <b>José Eduardo Teixeira de Souza.</b> |     |
| Os dois Amphitheatros. . . . .         | 106 |
| <b>Augusto de Lima.</b>                |     |
| O Reino Mineral. . . . .               | 109 |
| Paradoxo. . . . .                      | 111 |
| <b>J. Mariano de Oliveira.</b>         |     |
| Hino á Mulher. . . . .                 | 112 |

TERCEIRA PARTE  
PARNASIANOS

|                                      |     |
|--------------------------------------|-----|
| <b>Luiz Delfino.</b>                 |     |
| As tres Irmans. . . . .              | 119 |
| Jesus ao collo de Magdalena. . . . . | 121 |
| Cadaver de Virgem. . . . .           | 122 |
| <b>Luiz Murat.</b>                   |     |
| O Meu palacio de ouro. . . . .       | 123 |
| <b>Luiz Guimarães.</b>               |     |
| O beijo da Morta. . . . .            | 126 |
| A voz das arvoros. . . . .           | 127 |
| <b>José Izidoro Martins Junior.</b>  |     |
| Fim de jornada. . . . .              | 128 |
| <b>Arthur Azevedo.</b>               |     |
| Hotel. . . . .                       | 130 |
| As Estatuas. . . . .                 | 132 |
| <b>B. Lopes.</b>                     |     |
| Flor de Primavera. . . . .           | 133 |
| Soneto. . . . .                      | 134 |
| <b>Olavo Bilac.</b>                  |     |
| Via-Lactea. . . . .                  | 135 |
| Ouvir estrellas. . . . .             | 136 |
| <b>Ezequiel Freire.</b>              |     |
| O Camarim de Lucia. . . . .          | 137 |
| <b>Raymundo Corrêa.</b>              |     |
| Vesper. . . . .                      | 139 |
| As pombas . . . . .                  | 140 |
| <b>Valentim Magalhães.</b>           |     |
| Prenuncio de aurora. . . . .         | 141 |
| <b>Afonso Celso.</b>                 |     |
| Na Fazenda. . . . .                  | 143 |
| <b>Theophilo Dias.</b>               |     |
| A voz. . . . .                       | 145 |
| Orio e o vento . . . . .             | 146 |
| <b>Adelino Fontoura.</b>             |     |
| Beatriz. . . . .                     | 148 |
| Rastro de amor. . . . .              | 149 |

|                                   |     |
|-----------------------------------|-----|
| <b>Lucio de Mendonça.</b>         |     |
| Consortio maldicto. . . . .       | 150 |
| <b>Ozorio Duque-Estrada.</b>      |     |
| Soneto. . . . .                   | 151 |
| Thezouros. . . . .                | 152 |
| Longe. . . . .                    | 153 |
| <b>F. A. de Caryalho Junior.</b>  |     |
| Soneto. . . . .                   | 155 |
| <b>Emilio de Menezes.</b>         |     |
| Os tres olhares de Maria. . . . . | 156 |

## QUARTA PARTE

## POETAS DE TRANSIÇÃO

|                                |     |
|--------------------------------|-----|
| <b>Alberto de Oliveira.</b>    |     |
| O exame de Hercilia. . . . .   | 161 |
| A visão da torre . . . . .     | 169 |
| <b>Nestor Victor.</b>          |     |
| Filha morta. . . . .           | 171 |
| <b>Silvestre de Lima.</b>      |     |
| A partida. . . . .             | 174 |
| <b>Fontoura Xavier.</b>        |     |
| Flor da decadencia. . . . .    | 175 |
| A minha dor . . . . .          | 176 |
| <b>Magalhães de Azeredo.</b>   |     |
| A Grecia. . . . .              | 178 |
| <b>Guimarães Passos.</b>       |     |
| Eu, peccador. . . . .          | 181 |
| Numero avulso. . . . .         | 182 |
| <b>Luiz Pistarini.</b>         |     |
| Balladilha. . . . .            | 181 |
| Mão primorosa. . . . .         | 175 |
| <b>Medeiros e Albuquerque.</b> |     |
| Noiva perdida . . . . .        | 186 |
| Te deum laudamus. . . . .      | 189 |
| <b>Felix Pacheco.</b>          |     |
| Elisabeth. . . . .             | 191 |
| Longe . . . . .                | 192 |

|                                                     |     |
|-----------------------------------------------------|-----|
| <b>Leopoldo Brigido.</b>                            |     |
| Fra Angelico da Fiesolo. . . . .                    | 193 |
| <b>Ernesto Senna.</b>                               |     |
| Soneto. . . . .                                     | 194 |
| <b>Vital Fontenelle.</b>                            |     |
| Visão da morte. . . . .                             | 195 |
| <b>Nestor Victor.</b>                               |     |
| Morte posthuma. . . . .                             | 199 |
| <b>Cunha Mendes.</b>                                |     |
| Paisagem d'alma. . . . .                            | 200 |
| <b>D<sup>r</sup>. Egas Moniz Barreto de Aragão.</b> |     |
| A suprema Epopéa. . . . .                           | 201 |
| <b>Adherbal de Carvalho.</b>                        |     |
| Ideal. . . . .                                      | 205 |
| Flor de marmore. . . . .                            | 206 |
| O amor. . . . .                                     | 207 |
| <b>Figueiredo Pimentel.</b>                         |     |
| Olhos mysteriosos. . . . .                          | 208 |
| <b>Freitas Guimarães.</b>                           |     |
| Morta. . . . .                                      | 210 |
| <b>João Ribeiro.</b>                                |     |
| Lux et umbra. . . . .                               | 212 |
| Paisagem sergipana. . . . .                         | 213 |
| <b>Antonio Braga.</b>                               |     |
| Esquece. . . . .                                    | 214 |
| <b>Paulo de Arruda.</b>                             |     |
| Ave, Maria. . . . .                                 | 216 |
| No exilio . . . . .                                 | 217 |
| <b>Frota Pessôa.</b>                                |     |
| Rouxinol. . . . .                                   | 218 |
| Cruel perfume. . . . .                              | 219 |
| <b>Leoncio Correia.</b>                             |     |
| Alma de Artista. . . . .                            | 220 |
| Pela Africa. . . . .                                | 221 |
| <b>Carlas Coelho.</b>                               |     |
| Canção dos tropicos. . . . .                        | 222 |
| Harmonia selvagem. . . . .                          | 223 |
| <b>Jarbas Loreti.</b>                               |     |
| Noites. . . . .                                     | 229 |
| Fórmias aerias . . . . .                            |     |

|                                         |     |
|-----------------------------------------|-----|
| <b>Luiz Guimarães ((Filho).</b>         |     |
| Emquanto reina o silencio. . . . .      | 226 |
| A flor da laranjeira e a saude. . . . . | 227 |
| <b>Xavier Marques.</b>                  |     |
| Seductora. . . . .                      | 228 |
| Amor proprio. . . . .                   | 229 |
| <b>Pereira da Silva.</b>                |     |
| Vae-victis. . . . .                     | 230 |
| <b>Luiz Edmuddo.</b>                    |     |
| Mystica. . . . .                        | 231 |
| A galera fatal. . . . .                 | 233 |
| <b>Daltro Santos.</b>                   |     |
| Taça cheia. . . . .                     | 234 |
| <b>Oscar Pederneiras.</b>               |     |
| Ausencia. . . . .                       | 235 |
| Luz e Trevas. . . . .                   | 236 |
| <b>Demosthenes de Olinda.</b>           |     |
| Luz e sombra. . . . .                   | 237 |
| <b>Jayme Guimarães.</b>                 |     |
| Sonhos. . . . .                         | 239 |
| Madrugada. . . . .                      | 240 |
| <b>Lycio de Carvalho.</b>               |     |
| Lyra. . . . .                           | 241 |
| Perseverando. . . . .                   | 242 |
| <b>Henrique Castriciano.</b>            |     |
| Noiva Ideal . . . . .                   | 243 |
| <b>Jonas da Silva.</b>                  |     |
| No Bosque. . . . .                      | 245 |
| Morta. . . . .                          | 246 |
| <b>Carlos Góes.</b>                     |     |
| Ironia do vento. . . . .                | 247 |
| Amor e scepticismo. . . . .             | 248 |
| <b>Julio de Freitas Junior.</b>         |     |
| Magna dolor. . . . .                    | 249 |
| <b>Alves Guimarães.</b>                 |     |
| A vela. . . . .                         | 250 |
| Em um album. . . . .                    | 252 |
| <b>Ulysses Sarmiento.</b>               |     |
| Almas amantes . . . . .                 | 253 |
| No banho . . . . .                      | 254 |
| O sonho de Marco Antonio . . . . .      | 255 |



|                                          |     |
|------------------------------------------|-----|
| <b>Hermeto de Lima.</b>                  |     |
| Palacio vasio. . . . .                   | 256 |
| Atravez do passado. . . . .              | 257 |
| <b>Elysio de Carvalho.</b>               |     |
| Olhos verdes. . . . .                    | 258 |
| <b>Antonio Salles.</b>                   |     |
| O Carro de Bois. . . . .                 | 259 |
| <b>Emilio Kemp.</b>                      |     |
| Mez de Maria. . . . .                    | 262 |
| <b>Marcos de Castro (Alberto Ramos).</b> |     |
| Mathilde. . . . .                        | 264 |
| Maria . . . . .                          | 266 |
| <b>Deodato Maia.</b>                     |     |
| Peregrinação. . . . .                    | 268 |
| <b>Rodolpho Paixão.</b>                  |     |
| Ridente lyra. . . . .                    | 269 |
| <b>Mucio Teixeira.</b>                   |     |
| O sonho dos sonhos. . . . .              | 270 |
| O amor. . . . .                          | 271 |
| <b>Eseragnolle Doria.</b>                |     |
| Noute de batalha. . . . .                | 274 |
| A Valla commum. . . . .                  | 275 |

## QUINTA PARTE

## SYMBOLISTAS

|                              |     |
|------------------------------|-----|
| <b>Cruz e Souza.</b>         |     |
| Recorda. . . . .             | 279 |
| O Assignalado. . . . .       | 282 |
| Odio sagrado. . . . .        | 283 |
| <b>Emiliano Pernetta.</b>    |     |
| Azar. . . . .                | 284 |
| <b>Carvalho Aranha.</b>      |     |
| A uns olhos tristes. . . . . | 287 |
| <b>Vivaldy Coaracy.</b>      |     |
| Violante. . . . .            | 289 |
| <b>Ismael Martins.</b>       |     |
| Acerba viagem. . . . .       | 290 |

|                                  |     |
|----------------------------------|-----|
| <b>Thiago Peixoto.</b>           |     |
| Medieval. . . . .                | 291 |
| <b>Gustava Santiago.</b>         |     |
| O Cavalleiro do luar. . . . .    | 293 |
| <b>Euclides Bandeira.</b>        |     |
| Eolia. . . . .                   | 297 |
| <b>Francisco Mangabeira.</b>     |     |
| Santa (fragmento). . . . .       | 298 |
| Dona Leonor (fragmento). . . . . | 300 |
| <b>Domingos Nascimento.</b>      |     |
| Ronda Sinistra. . . . .          | 302 |
| <b>Alfonsus de Guimarães.</b>    |     |
| Trio romanesco. . . . .          | 304 |
| <b>Aristides França.</b>         |     |
| Dolencia astral. . . . .         | 305 |
| <b>Julio Pernetta.</b>           |     |
| Cavalleiro da morte. . . . .     | 306 |
| <b>Ricardo de Lemos.</b>         |     |
| Pergunta louca. . . . .          | 308 |
| <b>Julio Camisão.</b>            |     |
| Barcarola. . . . .               | 309 |
| <b>Ricardo de Albuquerque.</b>   |     |
| Canção de Afjofares. . . . .     | 311 |
| <b>Silveira Netto.</b>           |     |
| Ballada spleen. . . . .          | 313 |
| <b>Nestor Victor.</b>            |     |
| Dueto de sombras. . . . .        | 317 |
| O Constructor. . . . .           | 318 |
| <b>Cunha Mendes.</b>             |     |
| Ave Maria. . . . .               | 319 |
| <b>Dario Vellozo.</b>            |     |
| Alma penitente. . . . .          | 322 |